

CÂMPUS
GOIÁS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Arquitetura MEMÓRIA E IDENTIDADE EM CIDADES PEQUENAS:

CONFLITO ENTRE TRANSFORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO EM SANCLERLÂNDIA-GO

LUAN DOUGLAS FERREIRA ELIAS
KARINE CAMILA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CÂMPUS GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
(UAECSA)

LUAN DOUGLAS FERREIRA ELIAS

ARQUITETURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE URBANA EM CIDADES PEQUENAS:
Conflito entre Transformação e Preservação em Sanclerlândia-GO.

Cidade de Goiás – Goiás
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Luan Douglas Ferreira Elias

Título do trabalho: Arquitetura, memória e identidade urbana em cidades pequenas: conflito entre transformação e preservação em Sanclerlândia-GO.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Karine Camila Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 11/12/2025, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luan Douglas Ferreira Elias, Discente**, em 12/12/2025, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5830557** e o código CRC **F4318DEA**.

Referência: Processo nº 23070.062342/2025-51

SEI nº 5830557

LUAN DOUGLAS FERREIRA ELIAS

ARQUITETURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE URBANA EM CIDADES PEQUENAS:
Conflito entre Transformação e Preservação em Sanclerlândia-GO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas (UAECSA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Karine Camila Oliveira

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Elias, Luan Douglas Ferreira
ARQUITETURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE URBANA EM
CIDADES PEQUENAS [manuscrito] : Conflito entre Transformação e
Preservação em Sanclerlândia-GO / Luan Douglas Ferreira Elias. - 2025.
148 f.

Orientador: Profa. Karine Camila Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2025.

1. memória urbana. 2. identidade. 3. cidades pequenas. 4.
transformações espaciais. 5. patrimônio. I. Oliveira, Karine Camila, orient.
II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) intitulado “Arquitetura, memória e identidade urbana em cidades pequenas: conflito entre transformação e preservação em Sanclerlândia-GO)”, de autoria de Luan Douglas Ferreira Elias, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas do Câmpus Goiás da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Ma. Karine Camila Oliveira – orientadora (UAECSA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Fernanda Moreira (UAECSA/UFG) e Alehandra de Faria Campelo (Arquiteta Urbanista). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de Dez , tendo sido o TCC II considerado APROVADO, com indicação para publicação.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Karine Camila Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Moreira, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 11/12/2025, às 07:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5830554** e o código CRC **55333054**.

À minha Sanclerlândia, cidade que me acolheu e formou muito antes da universidade. Por sua gente, suas memórias e tudo que me ensinou; levo comigo saudade, respeito e um amor que o tempo só faz crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todo cuidado, pela vida, por ter me concedido as melhores oportunidades e aberto as portas certas no momento exato. A realização deste trabalho representa a concretização de um sonho, fruto de esforço, persistência e, principalmente, da graça divina que sempre me sustentou, mesmo nos dias mais difíceis.

À minha mãe, Rosângela Ferreira, por ter me dado a vida e, com imensa coragem, enfrentado todos os desafios para que eu pudesse seguir em frente. Seu amor, dedicação e força foram fundamentais para que eu nunca desistisse.

À minha avó Inézia, referência de carinho, afeto e perseverança. Obrigado por todo o cuidado, pelos conselhos e pelo acolhimento constante. Sua presença amorosa foi e continua sendo essencial na minha formação.

Ao meu companheiro, Diego Henrique, por sua paciência, compreensão e apoio incondicional. Obrigado por estar ao meu lado nos momentos difíceis, por me fortalecer quando fraquejei e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidei.

À professora Karine, minha orientadora, cuja escuta atenta, generosidade e precisão nos direcionamentos fizeram toda a diferença. Sem suas contribuições e apoio, este trabalho não teria sido possível. Minha gratidão profunda por todo o empenho e confiança.

Às minhas amigas Laura, Maria Eduarda e Maria Luisa, por me acolherem desde o início da jornada universitária. Obrigado por tornarem essa caminhada mais leve, por compartilharem risos, desafios e momentos de apoio que levarei comigo com muito carinho.

E à minha cidade querida, Sanclerlândia, por tudo que representa em minha vida; por suas memórias, pessoas, histórias e afetos. É com profundo respeito, admiração e saudade que dedico parte deste trabalho a esse lugar que sempre será meu chão e minha inspiração.

A todos vocês, o meu mais sincero e emocionado agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho investiga como a memória urbana em cidades pequenas é tensionada pelas transformações espaciais e políticas que impactam diretamente os vínculos identitários de seus habitantes. A pesquisa busca compreender de que forma a descaracterização arquitetônica e a descontinuidade de usos em edifícios e espaços públicos afetam as referências de identidade e, portanto, o sentimento de pertencimento na cidade de Sanclerlândia, onde se desenrolou o trabalho empírico. Através dos relatos orais e observações de campo, sistematizados em um caderno de pesquisa, além da análise documental, são identificados lugares que se tornaram referência para a construção da identidade local e que permeiam as memórias da comunidade. A análise do cotidiano vivido evidencia que essas transformações urbanas não são neutras, mas refletem uma lógica de desenvolvimento que negligencia a participação popular e a preservação da identidade. Os resultados apontam que a fragmentação da ocupação urbana e a perda de referências simbólicas podem contribuir para o enfraquecimento dos vínculos afetivos com o território. Contudo, também se observam formas de resistência, como o reaproveitamento comunitário de espaços antes desativados e a permanência de práticas sociais que reafirmam a memória local. Ressalta-se a importância do reconhecimento da memória como elemento estruturante da identidade urbana e da adoção de abordagens que promovam o reuso sensível e participativo dos espaços.

Palavras-chave: memória urbana; identidade; cidades pequenas; transformações espaciais; patrimônio.

ABSTRACT

This study investigates how urban memory in small towns is challenged by spatial and political transformations that directly affect the identity bonds of their inhabitants. The research seeks to understand how architectural decharacterization and the discontinuity of use in buildings and public spaces impact references of identity and, consequently, the sense of belonging in the town of Sanclerlândia, where the empirical work was conducted. Through oral narratives and field observations, systematized in a research notebook, in addition to document analysis, the study identifies places that have become key references for the construction of local identity and collective memory. The analysis of everyday life reveals that these urban transformations are not neutral, but rather reflect a development logic that disregards popular participation and the preservation of identity. The findings indicate that the fragmentation of urban occupation and the loss of symbolic references may contribute to the weakening of emotional ties with the territory. However, forms of resistance are also observed, such as the community reuse of previously deactivated spaces and the persistence of social practices that reaffirm local memory. The study highlights the importance of recognizing memory as a structuring element of urban identity and the need for approaches that promote the sensitive and participatory reuse of space.

Keywords: urban memory; identity; small towns; spatial transformations; heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea de Sanclerlândia-GO.....	12
Figura 2 – Comparativo da Praça Três Poderes em Sanclerlândia-GO entre os anos de 1998 e 2025, a partir de dois pontos de visada.....	15
Figura 3 - Região de Mossâmedes na década de 1930.....	26
Figura 4 - Elementos formadores do núcleo urbano inicial de Sanclerlândia-GO.....	27
Figura 5 - Caminhoneta de transporte e trabalhadores do Laticínio Flor Goiana em 1958.....	30
Figura 6 - Goiás: Município de Mossâmedes (1955).....	32
Figura 7 – Municípios Emancipados de Mossâmedes.....	33
Figura 8 - Evolução da mancha urbana de Sanclerlândia-GO entre 1930 e 2025.....	35
Figura 9 - Áreas de concentração de serviços e fragmentação do centro urbano de Sanclerlândia-GO.....	36
Figura 10 – Vista aérea do centro de Sanclerlândia em 1964.....	38
Figura 11 - Pirâmide etária de Sanclerlândia-GO (2022).....	42
Figura 12- Comparativo do índice de envelhecimento de Sanclerlândia (2022).....	42
Figura 13 Croqui de observação da Praça Três Poderes, elaborado em visita de campo.....	50
Figura 14 – Lugares de Memória: Marcos Significativos em Sanclerlândia-GO.....	53
Figura 15 - Distribuição espacial dos respondentes em Sanclerlândia-GO.....	78
Figura 16 - Tempo de residência dos participantes em Sanclerlândia.....	79

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. OBJETIVO.....	13
1.1.1. Objetivo Geral.....	13
1.1.2. Objetivos Específicos	13
1.2. JUSTIFICATIVA	14
1.3. MÉTODO.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1. A CIDADE COMO ARTEFATO HISTÓRICO	18
2.2. PATRIMÔNIO E “LUGARES DE MEMÓRIA”	19
2.3. HOMOGENEIZAÇÃO: O IMPACTO DO CAPITAL NA MEMÓRIA URBANA	22
3. SANCLERLÂNDIA: MEMÓRIA, TERRITÓRIO E TRANSFORMAÇÃO URBANA	25
3.1. RAÍZES HISTÓRICAS E GEOPOLÍTICAS DA FORMAÇÃO URBANA 25	
3.1.1. Migração, Cultura e Cotidiano: A Vida no Povoado.....	28
3.1.2. A Emancipação e a Transformação Urbana.....	30
3.2. TRAJETÓRIA DAS FORMAS E ESPAÇOS: PERFIL ARQUITETÔNICO DE SANCLERLÂNDIA-GO (1930–2025)	37
3.3. PRESSÕES URBANAS E FRAGILIDADE INSTITUCIONAL	39
4. TENSÃO CONTEMPORÂNEA: PRESERVAR OU PROGREDIR	45
4.1. DISPUTAS SIMBÓLICAS E APAGAMENTOS DA MEMÓRIA.....	46
4.2. INVENTÁRIO DOS LUGARES DE MEMÓRIA: MÉTODO E RELEVÂNCIA	53
4.3. MEMÓRIA FALADA: PERCEPÇÕES SOCIAIS SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA EM SANCLERLÂNDIA.....	77
4.4. ANÁLISE DE SIGNIFICÂNCIA	84
4.4.1. PRAÇA 3 PODERES	85
4.4.2. CPMG 5 DE JANEIRO.....	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	103

ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO.....	106
---------------------------------------	------------



MEMÓRIA

Perdeu a essência

Encontros

Sinto pertencimento

Lugar simples, mas acolhedor

Tradições que precisam continuar

1. INTRODUÇÃO

A cidade, enquanto objeto histórico e social, não se resume a um conglomerado de construções, vias e áreas verdes, mas constitui um organismo dinâmico, cheio de memórias e identidades que se conectam no tempo. Aldo Rossi (2001) destaca que a cidade é formada por camadas históricas e elementos persistentes que expressam a memória coletiva, agindo como uma narrativa urbana em constante construção. Em cidades pequenas, como Sanclerlândia-GO, essa relação assume um delineado mais sensível, uma vez que o tamanho da cidade e a proximidade das vivências comunitárias tornam a arquitetura um espelho vivo das tradições e histórias locais.

Contudo as transformações, muitas vezes guiadas por lógicas externas e alheias à realidade comunitária, comprometem a permanência de referências concretas no espaço urbano e evidenciam a fragilidade da identidade local, tornando-a vulnerável ao esquecimento.

Segundo o IBGE (2017), cidades com até 20 mil habitantes são consideradas de pequeno porte. Sanclerlândia, com menos de 8 mil habitantes, se enquadra nesse perfil e apresenta características como laços sociais estreitos, forte apropriação simbólica dos espaços e um cotidiano marcado pela convivência comunitária. No entanto, nas últimas décadas, observam-se mudanças na paisagem urbana da cidade, como o surgimento de construções genéricas, abandono de espaços tradicionais e ausência de legislação de preservação dos patrimônios, refletindo um processo acelerado de modernização desarticulada.

Esse cenário é agravado pelo fato de que, com frequência, o planejamento urbano aplicado a cidades pequenas não é formulado com base em suas especificidades, mas herdado de modelos concebidos para grandes centros urbanos. As diretrizes técnicas, a estrutura administrativa e até mesmo os orçamentos públicos são moldados segundo lógicas metropolitanas, desconsiderando os modos de vida, a escala reduzida e os vínculos simbólicos que caracterizam o cotidiano das pequenas cidades. Como observa Ermínia Maricato (2015, p. 12), a política urbana brasileira historicamente se constituiu “sob a hegemonia das grandes cidades”, fazendo com que os instrumentos e modelos adotados não se ajustem às realidades de municípios de menor porte, muitas vezes carentes de estrutura técnica e administrativa para implementá-los de maneira eficaz. Como destaca David Harvey (2014), o capital tende

a moldar os espaços segundo seus interesses, resultando em formas urbanas homogêneas que ignoram a história e a identidade local.

Françoise Choay (2014) alerta que a aceleração das transformações urbanas, impulsionadas por demandas econômicas, pode levar ao apagamento de referências históricas essenciais. David Harvey (2014) complementa essa ideia ao discutir como a lógica do capital imobiliário tende a homogeneizar espaços, apagando singularidades em nome de uma suposta modernidade. Em cidades pequenas, onde os recursos para preservação são escassos, esse risco é ainda maior, resultando na descaracterização de espaços que deveriam funcionar como "lugares de memória" (Nora, 1993).

Esses lugares de memória correspondem, segundo Pierre Nora (1993), a espaços nos quais a memória coletiva se ancora material ou simbolicamente. São marcos históricos, monumentos, edifícios, ruas, praças e até práticas culturais que representam uma continuidade da identidade local. Kevin Lynch (2006), ao estudar a imagem da cidade, aponta que a memória urbana é constituída a partir da legibilidade e da permanência de certos elementos na paisagem, como marcos visuais, limites, percursos e bairros. Muitas vezes a imagem da cidade é formada pelos elementos que se constituem como lugares de memória, os quais são essenciais para que os cidadãos construam uma imagem mental clara do ambiente urbano.

Diante desse cenário, este trabalho busca responder: é possível planejar o crescimento de cidades pequenas como Sanclerlândia sem apagar suas referências simbólicas e históricas?

Em Sanclerlândia, os espaços urbanos representam práticas construtivas e modos de vida que dialogam com a memória coletiva. A substituição desses elementos por construções genéricas, sem vínculo com a história local, compromete essa memória, pois a arquitetura tradicional atua como suporte simbólico da identidade (Halbwachs, 1990).

A identidade dos espaços urbanos, além da dimensão estética, representa um elo fundamental de coesão social. Como destaca Rossi (2001), os espaços urbanos funcionam como loci de memória, enquanto Choay (2014) alerta que sua preservação deve ser acompanhada de uso real e contínuo, evitando sua museificação e esvaziamento simbólico. Por outro lado, há as transformações urbanas sem planejamento, que descartam esses espaços e rompem com as referências com as quais as comunidades se identificam.

Figura 1 - Vista aérea de Sanclerlândia-GO.



Fonte: Captura de tela do vídeo Encontro da Família Borba (2025).

Portanto, essa pesquisa pretende investigar os caminhos viáveis para a preservação da memória urbana em cidades pequenas, onde a pressão por modernização e a escassez de recursos ameaçam apagar referências históricas essenciais. O caso de Sanclerlândia ilustra os desafios e potencialidades dessa discussão, reforçando a urgência de um urbanismo que dialogue com suas raízes e proponha alternativas que equilibrem desenvolvimento e identidade coletiva. Nesse contexto, busca-se restaurar os vínculos entre espaço, memória e pertencimento, reconhecendo a importância de dar continuidade às histórias que moldaram o território.

A estrutura do trabalho está dividida em cinco capítulos. O primeiro é a Introdução, onde se apresenta o tema, a problemática, os objetivos e a relevância da pesquisa. Também são explicados os procedimentos metodológicos, como o mapeamento dos locais de memória e a análise de um espaço simbólico. O segundo capítulo: Memória, Identidade e Patrimônio Urbano, desenvolve os fundamentos teóricos com base em autores como Halbwachs (1990), Aldo Rossi (2001), Pierre Nora (1993), Françoise Choay (2014) e David Harvey (2014). São discutidos conceitos-chave como memória coletiva, identidade urbana, lugares de memória e os efeitos da globalização sobre o patrimônio.

O terceiro capítulo: Sanclerlândia-GO: Contexto Urbano e Desafios, aborda a história da cidade e analisa sua morfologia, cultura local e perfil demográfico, com uma leitura do perfil etário que indica o envelhecimento populacional, da evasão juvenil e

da descaracterização da arquitetura urbana. Também apresenta um primeiro mapeamento dos edifícios e espaços significativos para a memória local e se discutem os desafios para sua preservação.

O quarto capítulo aprofunda as tensões entre permanência e transformação em Sanclerlândia, examinando como o poder público, especialmente a Secretaria Municipal de Infraestrutura, Obras Públicas e Transportes, atua na preservação do patrimônio e na condução do planejamento urbano. A partir de relatos dos moradores, legislações municipais e observações de campo, o capítulo evidencia disputas simbólicas, casos de descaracterização arquitetônica e apagamentos da memória que resultam da ausência de instrumentos de proteção. Nesse cenário, as fichas de inventário são apresentadas como instrumento essencial para identificar e valorizar os lugares de memória, articulando-as as propostas como uso adaptativo e participação comunitária

Por fim, o quinto capítulo reúne as principais reflexões e resultados da pesquisa, destacando como a falta de instrumentos de preservação, de participação comunitária e de práticas de uso adaptativo contribui para o enfraquecimento da memória urbana em Sanclerlândia. O capítulo também discute as limitações do estudo e apresenta recomendações práticas para gestores e moradores, sugerindo caminhos que conciliem transformação urbana com a preservação da identidade local, por meio de políticas mais sensíveis, participativas e alinhadas às especificidades das cidades pequenas.

1.1. OBJETIVO

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar se o crescimento urbano em cidades pequenas, tendo como objeto de estudo a cidade de Sanclerlândia-GO, pode ser conciliado com a preservação da memória.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Investigar a formação urbana e as transformações recentes em Sanclerlândia, considerando suas dinâmicas econômicas, demográficas e culturais.

- Mapear e interpretar os espaços urbanos significativos para a memória coletiva e a identidade local.
- Avaliar a existência e a eficácia de mecanismos de preservação patrimonial no município, destacando os desafios enfrentados por cidades pequenas.

1.2. JUSTIFICATIVA

Este trabalho surge a partir de uma vivência pessoal e de um olhar sensível sobre a cidade de Sanclerlândia-GO. Após viver por muitos anos nesse município, tornou-se necessário deixá-lo em busca de oportunidades de crescimento acadêmico e profissional. Ao retornar, mesmo após um período relativamente curto de ausência, foi possível perceber mudanças significativas tanto na paisagem urbana quanto na identidade do lugar.

Sanclerlândia é um pequeno município do interior goiano, fundado oficialmente na década de 1960, cuja formação está intimamente ligada à agricultura, à religiosidade e a/s interações sociais comunitárias. Com pouco mais de sete mil habitantes, a cidade preserva ainda traços típicos de cidades pequenas: ruas tranquilas, relações comunitárias próximas e um centro urbano que concentra os principais espaços de sociabilidade. Locais como a Praça Três Poderes, a feira coberta e a quadra municipal de esportes sempre foram pontos de encontro e vivência coletiva, carregando histórias e afetos compartilhados por gerações. No entanto, ao serem revisitados, muitos desses espaços revelam-se descaracterizados morfologicamente, com usos distintos de suas funções originais ou mesmo em estado de abandono, evidenciando a falta de conservação e a necessidade de intervenções mais cuidadosas, conforme ilustra a figura 2.

A identidade do lugar pode ser compreendida como o conjunto de características físicas, simbólicas e afetivas que fazem com que um espaço seja reconhecido, vivido e valorizado por seus habitantes. Ela se constrói por meio da relação contínua entre as pessoas e o ambiente, envolvendo elementos como a memória coletiva, os usos cotidianos, os marcos arquitetônicos e as práticas culturais que ali ocorrem. Quando essas referências se perdem ou são substituídas de maneira abrupta, há uma quebra no elo entre a população e o território, comprometendo o sentimento de pertencimento. Essas transformações, em grande parte impulsionadas

pela lógica capitalista e pela ausência de um planejamento urbano sensível à história local, revelam uma ruptura com a memória e os afetos que tradicionalmente configuravam o imaginário coletivo da cidade.

É com esse entendimento, enraizado na experiência pessoal e no desejo de reconexão com o lugar, que esta pesquisa foi proposta. Mais do que um exercício acadêmico, trata-se de um gesto de cuidado e escuta da cidade, com o intuito de propor caminhos para que Sanclerlândia possa crescer sem romper com sua identidade.

Figura 2 – Comparativo da Praça Três Poderes em Sanclerlândia-GO entre os anos de 1998 e 2025, a partir de dois pontos de visada



Fonte: Fotos acima (1998): Arquivo biblioteca Municipal de Sanclerlândia; Fotos abaixo (2025): Acervo pessoal (2025).

1.3. MÉTODO

O município foi selecionado como objeto de estudo por apresentar um acelerado processo de transformação urbana, que tem colocado em risco elementos identitários e a memória coletiva materializada em seu patrimônio arquitetônico. Essa escolha se justifica, também, pela vivência do pesquisador na cidade, que permitiu

uma observação direta e contínua dessas transformações. Ao acompanhar as mudanças na paisagem urbana ao longo do tempo, foi possível constatar como intervenções recentes vêm descaracterizando espaços significativos, afetando não apenas a materialidade das construções, mas também suas dimensões simbólicas e afetivas para a comunidade local.

Trata-se de uma pesquisa que se desenvolve a partir das seguintes metodologias: historiográfica, qualitativa, correlacional e baseada em estudo de caso, o que permite uma análise aprofundada da realidade local. É historiográfica por investigar a trajetória histórica do município desde sua emancipação, com foco em sua morfologia urbana e nos impactos culturais ao longo do tempo. Adota abordagem qualitativa por meio da análise de documentos históricos, registros fotográficos, além de dados demográficos, econômicos e políticos e observações de campo, sobre as vivências coletivas cotidianas e transformações da cidade, com o objetivo identificar aspectos como o uso dos espaços públicos, práticas sociais associadas à memória (como festas, feiras e encontros comunitários), o estado de conservação de edifícios significativos, alterações na paisagem urbana, bem como a presença (ou ausência) de políticas de preservação e intervenções recentes que impactem o patrimônio local. O caráter correlacional da pesquisa se dá pela tentativa de relacionar fatos históricos à realidade observada. Para isso, utiliza-se um caderno de diário de pesquisa, com anotações sistemáticas das percepções e transformações observadas durante o trabalho de campo. Por fim, como estudo de caso, pretende-se escolher um dos lugares de memória identificados no mapeamento, para compreendê-lo analisando aspectos históricos, sociais, urbanos e culturais que compõem sua identidade.



IDENTIDADE Mudou demais
Na **Escola 5 de Janeiro** tinham inúmeras **ÁRVORES** no pátio.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A CIDADE COMO ARTEFATO HISTÓRICO

Mais do que uma composição de paisagem, a cidade pode ser compreendida como um repositório de experiências coletivas, onde paisagens construídas ou não, e vivências cotidianas se entrelaçam para formar uma narrativa histórica contínua. Aldo Rossi (2001), em sua obra “A arquitetura da cidade”, entende o espaço urbano como um artefato coletivo, no qual os elementos arquitetônicos e os traçados urbanos sobrevivem como testemunhos da memória coletiva. Segundo o autor, “a cidade é a memória coletiva dos povos; e como a memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o '*locus*' da memória coletiva” (Rossi, 2001, p. 130).

Para Rossi, certas estruturas persistem mesmo diante das transformações sociais e econômicas, funcionando como âncoras simbólicas de continuidade e pertencimento. Esses elementos são capazes de expressar a identidade de um povo, justamente por permanecerem enraizados em seu imaginário e em sua paisagem cotidiana. A noção de "*locus*", presente na obra de Rossi (2001), é fundamental para essa compreensão. O termo se refere a um lugar dotado de significado profundo, onde a forma arquitetônica se associa à vivência histórica e afetiva dos habitantes. Conforme o autor, “o valor do '*locus*' [...] é aquela relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar” (Rossi, 2001, p. 148). Trata-se de uma noção que dialoga com a ideia de “lugares de memória”, mais tarde desenvolvida por Pierre Nora, que será discutida no próximo tópico.

Em Sanclerlândia, por exemplo, espaços como a praça Três Poderes, a capela de São Sebastião e a feira coberta configuram-se como “*locus*” urbanos. Esses espaços não apenas marcam o território fisicamente, mas também simbolizam a continuidade de tradições e experiências compartilhadas, sendo essenciais para a construção da identidade coletiva da cidade. Em Sanclerlândia, a **praça Três Poderes** tem um papel social expressivo, servindo como ponto de encontro nos finais de semana e como palco para eventos culturais e religiosos, como as tradicionais barraquinhas durante as festas católicas e as quadrilhas escolares. Já a **feira coberta** acolhe, aos domingos, o comércio popular que integra diferentes aspectos da vida local, reunindo produtos da agricultura familiar, galinhas vivas, artigos de beleza,

roupas e utensílios diversos. A **Igreja de São Sebastião**, por sua vez, abre apenas missas esporádicas e velórios, mas permanece como símbolo da história e da religiosidade da comunidade. Apesar da dispersão geográfica desses espaços na malha urbana, todos eles se entrelaçam na memória social, mantendo vivas práticas que ajudam a reforçar o sentimento de pertencimento e continuidade identitária dos moradores.

Complementando essa leitura, Paul Ricoeur (2007) oferece uma perspectiva filosófica sobre a constituição da identidade urbana. Para ele, a identidade de um lugar ou de um sujeito se dá na tensão entre o que permanece e o que se transforma. Essa dialética entre permanência e mudança é particularmente sensível em cidades pequenas, onde o vínculo entre a população e o espaço urbano é mais direto e profundo. A identidade urbana, nesse sentido, é continuamente narrada e renegociada, integrando novas camadas sem necessariamente apagar as anteriores.

No caso de Sanclerlândia, as mudanças recentes impulsionadas por interesses comerciais e pela ausência de planejamento urbano têm provocado a substituição de construções tradicionais por edificações genéricas, muitas vezes desprovidas de conexão com a história local. Esse processo coloca em risco os elementos persistentes da cidade, comprometendo a memória coletiva inscrita em sua morfologia. Assim, reconhecer a cidade como artefato histórico implica em, não apenas, valorizar o passado, mas também projetar o futuro com base em elementos que carregam significados profundos para a coletividade.

2.2. PATRIMÔNIO E “LUGARES DE MEMÓRIA”

A memória coletiva é um dos pilares fundamentais na construção da identidade das comunidades, sendo continuamente moldada pelos espaços que a sociedade reconhece como significativos. Maurice Halbwachs (1990) foi um dos primeiros a sistematizar essa noção, afirmando que “é no espaço que se localizam as lembranças coletivas” e que a memória “se constitui na interação com o meio social e físico que cerca o indivíduo” (Halbwachs, 1990, p. 134;137). Os espaços urbanos, nesse sentido, são mais do que cenário: funcionam como suportes concretos da recordação e da identidade social.

Ampliando essa discussão, Pierre Nora (1993) introduz o conceito de lugares de memória (*lieux de mémoire*), isto é, marcos físicos, simbólicos ou rituais criados

para manter viva a ligação com o passado diante da perda da memória espontânea. Para o autor, “os lugares de memória nascem porque já não há meios naturais de memória” (Nora, 1993, p. 12). Quando a memória viva se enfraquece, emerge a necessidade de institucionalizar referências. Esses lugares tornam-se, assim, pontos de resistência ao esquecimento e ajudam a estruturar a identidade coletiva em tempos de transformação acelerada.

Essa concepção dialoga com a noção de *locus*, discutida por Aldo Rossi (2001), ao destacar a importância de certos lugares na preservação da memória coletiva. Ambos os conceitos reconhecem que determinados espaços adquirem valor simbólico por sua capacidade de representar e condensar experiências históricas e afetivas. No entanto, enquanto o *locus*, em Rossi (2001), está profundamente ligado à permanência física e formal da cidade, isto é, aos elementos arquitetônicos que resistem ao tempo e estruturam o tecido urbano como depositários da memória, os lugares de memória em Nora (1993) emergem justamente no momento em que essa memória começa a desaparecer da vivência cotidiana.

Para Nora (1993), os lugares de memória são construções conscientes, quase como tentativas de fixar o que já não é mais vivido espontaneamente; já Rossi (2001) entende que a própria permanência material de certos espaços, como praças, monumentos ou edifícios, mantém viva a lembrança por meio da sua presença no cotidiano urbano. Assim, se por um lado ambos defendem a importância do espaço na construção da identidade coletiva, por outro, divergem quanto à origem e ao modo como essa memória é preservada: Nora (1993) foca na institucionalização da lembrança diante da perda da tradição oral e comunitária, enquanto Rossi (2001) se ancora na longevidade arquitetônica como suporte da memória viva da cidade.

Kevin Lynch (2006), ao tratar da imagem da cidade, contribui significativamente para essa compreensão ao afirmar que certos elementos urbanos, como marcos, limites, caminhos e bairros, funcionam como estruturas cognitivas que permitem a organização da memória espacial. Para ele, uma cidade legível é aquela em que suas partes “podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente” (Lynch, 2006, p. 12). Assim, os elementos urbanos que permanecem na memória coletiva cumprem o papel de ancorar afetos e identidades, funcionando, tal como em Nora (1989), como lugares de memória. Lynch (2006, p. 14) enfatiza que “uma estrutura física viva e integral [...] pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação entre grupos”, ressaltando que o ambiente urbano não é apenas uma

composição funcional, mas também simbólica e afetiva. Ele argumenta ainda que uma cidade com forte imagem ambiental é capaz de proporcionar segurança emocional e um senso de pertencimento: “o doce sentido do lar é mais forte quando o lar é não só familiar mas também distintivo” (Lynch, 2006, p. 14).

É importante destacar que, em cidades pequenas como Sanclerlândia, os modelos de planejamento urbano muitas vezes não são concebidos com base em sua escala, tanto física, quanto simbólica e afetiva. Ao contrário, tendem a importar diretrizes concebidas para grandes centros urbanos, sem considerar as dinâmicas locais. Essa transposição compromete a permanência de referências comunitárias, minando os vínculos com os lugares de memória, conforme já advertia Lynch (2006), ao apontar a importância da legibilidade urbana para a preservação do pertencimento.

Nessas realidades, o patrimônio arquitetônico e urbanístico corre o risco de ser tratado como algo meramente estético ou turístico, desconectado de seus significados originais e das vivências cotidianas que lhe conferem valor. Esse esvaziamento simbólico ocorre em diversas cidades, mas é especialmente preocupante em contextos pequenos, onde a vitalidade do patrimônio depende diretamente de sua apropriação social e afetiva.

Nas cidades como Sanclerlândia, esse processo se agrava pela ausência de aparelhos institucionais consolidados de planejamento e daqueles voltados à preservação da memória local, o que fragiliza políticas de valorização do patrimônio. Soma-se a isso o fato de se tratar de um município relativamente novo, o que limita o distanciamento temporal necessário para que a população elabore, com certa nostalgia, uma valorização espontânea dos bens culturais. Sem esse intervalo de tempo, muitos elementos do passado recente ainda não são percebidos como patrimônio, dificultando o reconhecimento de seus valores simbólicos e históricos.

Portanto, pensar o patrimônio e os lugares de memória em cidades pequenas exige ir além da preservação de edifícios ou objetos isolados. É necessário considerar os laços simbólicos e sociais que fazem desses lugares verdadeiros suportes da memória coletiva. Essa abordagem implica reconhecer tais espaços como construções vivas, marcadas por usos, significados e afetos, que não podem ser reduzidos a categorias técnicas ou turísticas. A preservação, nesse sentido, precisa ser compreendida como um processo cultural e comunitário, mais do que uma mera ação técnica de conservação material.

2.3. HOMOGENEIZAÇÃO: O IMPACTO DO CAPITAL NA MEMÓRIA URBANA

Nas últimas décadas, observa-se um processo crescente de homogeneização dos espaços urbanos, impulsionado pela lógica do capital imobiliário. Essa dinâmica, que transforma cidades em mercadorias e espaços em ativos de valorização, compromete as especificidades locais, substituindo referências culturais e históricas por modelos genéricos e repetitivos. Em suas análises sobre o urbanismo contemporâneo, David Harvey (2014) afirma que “a cidade tradicional foi morta pelo desenvolvimento capitalista descontrolado, vitimada por sua interminável necessidade de dispor da acumulação desenfreada de capital” (Harvey, 2014, p. 20).

Para Harvey (2014), o espaço urbano é continuamente apropriado por interesses econômicos que o moldam segundo a lógica do lucro. Esse processo cria uma cidade voltada ao consumo, onde o passado é frequentemente apagado ou instrumentalizado para fins de valorização mercadológica. As memórias coletivas e os laços simbólicos que ancoravam as identidades locais são substituídos por imagens estereotipadas ou descartadas em nome da eficiência e da modernização.

Françoise Choay (2014), ao tratar do crescimento do culto ao patrimônio nas sociedades modernas, aponta para um paradoxo: “Quanto mais o passado desaparece, mais o patrimônio se impõe” (Choay, 2014, p. 16). Em outras palavras, quanto mais o presente urbano se afasta das raízes históricas, mais se tenta fixar o passado em objetos, edifícios ou conjuntos arquitetônicos patrimonializados descolados das vivências. No entanto, essa tentativa de cristalizar valores históricos em bens materiais nem sempre se concretiza em cidades pequenas, onde a pressão por crescimento e modernização pautados numa idealização de progresso, frequentemente se sobrepõe aos valores simbólicos e à memória coletiva dos espaços. Nesses contextos, a ausência de políticas públicas específicas e a fragilidade institucional dificultam o reconhecimento de referências patrimoniais, tornando o processo de preservação ainda mais vulnerável à lógica das transformações imediatas e ao apagamento cultural.

Choay (2014) alerta que, em muitos casos, o patrimônio é transformado em simulacro, guiado por interesses comerciais ou turísticos, o que pode levar à museificação das cidades; um esvaziamento do uso real, afetivo e cotidiano dos espaços urbanos.

Essas críticas tornam-se ainda mais contundentes quando aplicadas à realidade de cidades pequenas como Sanclerlândia (GO). Nesses contextos, onde a escala urbana deveria favorecer as sociabilidades e memórias comunitárias através do vínculo direto com o território, a padronização arquitetônica e a substituição de construções tradicionais por edificações genéricas impactam não apenas a paisagem da cidade, mas também sua estrutura simbólica. A descaracterização de espaços como a Praça Três Poderes ou a feira coberta não significa apenas uma mudança estética, mas uma ruptura na continuidade narrativa da comunidade.

Diante disso, é preciso refletir sobre os caminhos possíveis para escapar da homogeneização imposta pelo capital. Em vez de impor modelos exógenos, é necessário reconhecer o valor das identidades locais e dos espaços de memória, promovendo estratégias de desenvolvimento urbano que respeitem a singularidade e a história de cada lugar. Em resposta a essa lógica homogeneizante, torna-se fundamental adotar abordagens que valorizem os saberes locais e incentivem práticas participativas de planejamento. Como defende Harvey (2014), o direito à cidade é, também, o direito de reapropriar-se de sua história e de suas formas urbanas. Sanclerlândia, com sua paisagem marcada por símbolos comunitários, vem testemunhando o apagamento gradual de muitos desses marcos, que estão sendo descaracterizados ou destruídos diante das pressões por crescimento urbano. Ainda assim, o município pode representar um campo fértil para políticas públicas que articulem transformação e preservação, garantindo que o futuro não se construa à custa da perda irreversível de referências que sustentam a memória coletiva e a identidade local.

CÂMPUS
GOIÁS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

VÍNCULOS

A arborização acabou A praça era o coração da cidade

Domingo na feira
UEG Jeep Cross inesquecível
Mudou demais

3. SANCLERLÂNDIA: MEMÓRIA, TERRITÓRIO E TRANSFORMAÇÃO URBANA

A história das pequenas cidades brasileiras é marcada por processos de ocupação, migração e desenvolvimento que refletem as transformações sociais e econômicas do país. Sanclerlândia, município localizado no estado de Goiás, é um exemplo desse fenômeno. Sua formação, desde os primeiros assentamentos até sua emancipação política, está intrinsecamente ligada a fatores como a expansão das fronteiras agrícolas, a construção de infraestruturas e os conflitos territoriais típicos do interior brasileiro no século XX.

O presente capítulo busca reconstituir a trajetória histórica de Sanclerlândia, destacando os marcos que definiram seu surgimento e consolidação como cidade. A partir da análise dos livros *Cidade Pequena e Central*, de Elson Rodrigues Olanda (2019) e *Clara Luz de Celso Moraes* (1993), serão abordados temas como a chegada dos primeiros migrantes, a importância do comércio e da educação no desenvolvimento do povoado e embates políticos que precederam sua emancipação.

3.1. RAÍZES HISTÓRICAS E GEOPOLÍTICAS DA FORMAÇÃO URBANA

Sanclerlândia, cidade localizada no centro-oeste de Goiás, guarda em suas ruas e construções a memória de um processo singular de formação urbana. Sua história, arquitetura e cultura estão profundamente entrelaçadas, revelando como um pequeno povoado se transformou tão rapidamente em um espaço urbano com identidade e características próprias.

Em meados da década de 1930, surgia o Povoado do Barreirinho¹, às margens da estrada de chão² que ligava Mossâmedes a Córrego do Ouro³. Como destaca Olanda (2019, p. 22), "o Barreirinho, na década de 1930, nasceu com função

¹ O povoado de Barreirinho foi reconhecido pelo IBGE apenas em 1943, entretanto em meados da década de 1930 já existiam alguns comércios e residências no local. O povoado foi denominado dessa forma devido a um curso d'água da região. (Olanda, 2019)

² A estrada de chão que ligava Mossâmedes, Sanclerlândia e Córrego do Ouro corresponde atualmente às GO-164 no trecho que ligava Mossâmedes à Barreirinho e GO-326 de Barreirinho à Córrego do Ouro.

³ Durante a década de 1930, o sistema rodoviário goiano encontrava-se em fase inicial de consolidação. A construção de estradas de chão foi um marco relevante nesse processo, favorecendo a integração territorial. A transferência da capital para Goiânia, em 1933, acelerou a abertura de novas rotas, promovendo a conexão entre o interior do estado e outras regiões do país. (Goiás, 2022).

comercial e local de passagem", característica que marcaria profundamente seu desenvolvimento urbano. Para melhor compreensão territorial desse processo, a Figura 3 apresenta uma leitura interpretativa da configuração regional na década de 1930. A elaboração baseia-se em Olanda (2010) e destaca os principais núcleos urbanos, os povoados e as estradas de chão que conectavam Mossâmedes a outras localidades, incluindo o Barreirinho.

As primeiras construções foram a Venda do Zé de Brito e depois a Venda do Saint-Clair, que eram simples estruturas que serviam tanto ao comércio quanto ao encontro dos moradores dispersos pelas fazendas vizinhas.

Figura 3 - Região de Mossâmedes na década de 1930

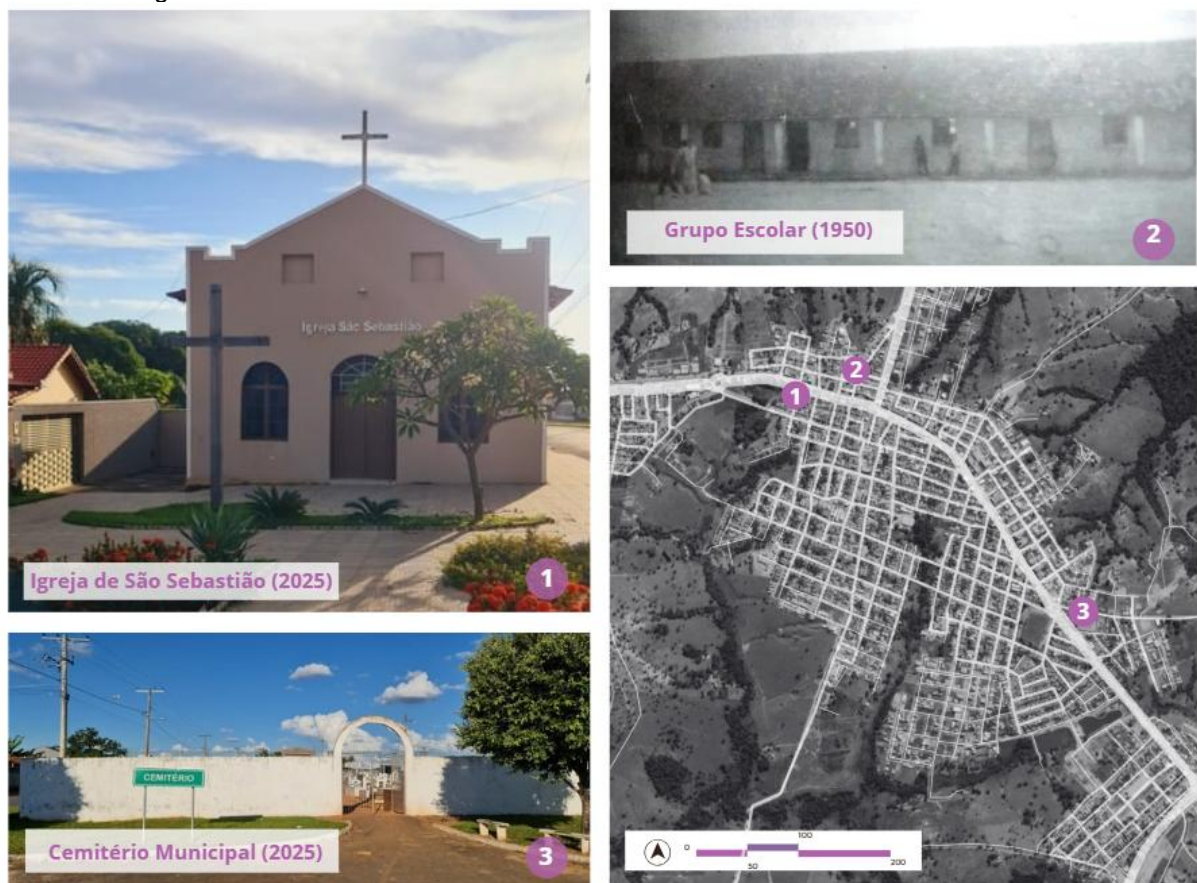


Fonte: Adaptado de Olanda (2019, p. 32)

De acordo com Moraes (1995, p. 29), a venda de Saint-Clair funcionava como um armazém multifuncional, onde se comercializava de tudo: de tecidos e ferramentas a mantimentos, e se realizavam trocas envolvendo os excedentes da produção local. O autor acrescenta que o estabelecimento também servia como pousada para os vendedores que vinham de outras localidades, revelando o caráter acolhedor que sempre marcou a identidade da cidade.

A consolidação do povoado ganhou força com a construção de três elementos arquitetônicos fundamentais, representados na figura 4: a Capela de São Sebastião, o Grupo Escolar e o Cemitério Municipal. A Capela de São Sebastião, que segundo Olanda (2019, p. 24) "não tinha função estritamente religiosa e também se tornou o lugar que propiciava a sociabilidade: festas, namoros, romances, intrigas e brigas aconteciam nesse local de encontro". O Grupo Escolar, público, construído em 1947, atraiu famílias para se fixarem no povoado, alterando a dinâmica espacial. E por fim o Cemitério Municipal, que junto com a capela formou um núcleo simbólico e religioso.

Figura 4 - Elementos formadores do núcleo urbano inicial de Sanclerlândia-GO.



Fonte: Fotos à esquerda (Igreja de São Sebastião e Cemitério Municipal): Acervo pessoal (2025); Foto acima direita (Grupo Escolar): Biblioteca Municipal de Sanclerlândia; Foto abaixo a esquerda (Localização espacial) Elias (2025).

Essas construções contribuíram para a consolidação de um padrão arquitetônico simples, mas carregado de significados, caracterizado por casas de adobe e madeira dispostas em torno destes equipamentos comunitários principais. Um dos marcos mais emblemáticos desse processo foi o cruzeiro erguido nas proximidades do campo de futebol (local onde atualmente encontra-se a Praça Hermógenes Coelho), que, segundo Olanda (2019, p. 23), tornou-se um ponto de referência visual e simbólica para os moradores. A presença do cruzeiro, aliada à elevação do terreno, influenciou a adoção dos nomes **Cruzeiro** ou **Alto**, utilizados informalmente a partir da década de 1940 para designar o povoado. Essas denominações refletiam simultaneamente a dimensão religiosa e a característica topográfica da localidade e representaram, nominalmente, a identidade local.

A consolidação do povoado, no entanto, não se deu apenas pela arquitetura ou pela localização estratégica, mas também pelas dinâmicas culturais e migratórias que moldaram o modo de vida local, tema explorado no próximo tópico.

3.1.1. Migração, Cultura e Cotidiano: A Vida no Povoado

Olanda (2019, p. 24) pontua que houve um fluxo migratório significativo de mineiros para o povoado do Cruzeiro, movimento que não pode ser compreendido apenas como uma simples busca por terras férteis. Esse êxodo reflete uma dinâmica agrária complexa: enquanto Minas Gerais enfrentava o esgotamento de seus solos após décadas de exploração intensiva; fenômeno que o depoente Sr. L.J.⁴ descreve como "a terra foi ficando muito cansada e parou de produzir" (apud Olanda, 2019, p. 25), Goiás se apresentava como nova oportunidade agrícola no contexto da Marcha para o Oeste.

Esses migrantes não eram meros refugiados da degradação ambiental. Como observa Olanda (2019, p. 22), através do relato do Sr. M.J.R., eles traziam consigo técnicas de cultivo e um modelo de ocupação territorial que seria determinante na formação do povoado: "o meu avô pediu para ele fazer uma venda margeando essa rodovia, onde se estabeleceu como comerciante para atender os caminhoneiros e ganhou algum dinheiro". Sua fixação nas áreas de cerrado goiano, antes consideradas "impróprias para o cultivo" (Olanda, 2019, p. 22) demonstra como transformaram o

⁴ Olanda (2019) apresenta relatos de moradores para reconstituir a trajetória historiográfica de Sanclerlândia. Algumas das falas, consideradas especialmente relevantes, serão utilizadas na presente análise.

ambiente através de saberes agrícolas adquiridos em Minas, criando as bases materiais para o surgimento do núcleo urbano.

O cotidiano em Cruzeiro era marcado por eventos que reuniam a comunidade. Como relata Olanda (2019, p. 23-24), na capela aconteciam ritos religiosos e também "corridas de cavalos, partidas de futebol e negócios". Essas atividades simples moldaram uma cultura urbana peculiar, onde o religioso e o secular se misturavam, criando tradições que foram modificadas, mas cuja essência persiste até hoje, como as festas religiosas com barraquinhas, organizadas pela igreja católica, ou as festas de peão, e outras mais. Naquele contexto, a capela funcionava como um "*locus*" de sociabilidade e um verdadeiro "lugar de memória", onde os vínculos coletivos eram continuamente reafirmados.

A chegada do laticínio Flor Goiana (figura 5), em 1958, representou um marco na transformação socioeconômica de Sanclerlândia ao introduzir práticas industriais que alteraram significativamente os modos de produção e sociabilidade até então vigentes e, por consequência, os modos a ordenação urbana. A nova arquitetura, destoando das edificações vernaculares locais, não apenas modificou a paisagem, como também inaugurou uma nova lógica de organização do espaço urbano, centrada na produtividade e na circulação de bens. Nesse sentido, David Harvey (2014) alerta que transformações urbanas orientadas pelo capital moldam as cidades segundo interesses produtivos, redefinindo suas formas de convivência e uso coletivo. Essa leitura é aplicável ao contexto sanclerlandense, onde o laticínio passou a exercer papel central na economia e nas relações de trabalho.

Olanda (2019, p. 34) diz que sua "função principal era a de agregar valor ao leite produzido nas fazendas próximas, como fabricação de queijos, manteiga e doce", fortalecendo o vínculo entre o rural e o urbano. Contudo, tais transformações, embora economicamente importantes, também suscitam dilemas patrimoniais. Françoise Choay (2014) observa que a modernização tende a apagar gradativamente as referências históricas, e que muitas vezes o patrimônio só é valorizado tardiamente, quando suas marcas já se encontram fragilizadas ou comprometidas. Em Sanclerlândia, o crescimento pautado pela lógica produtiva não raro negligenciou os valores afetivos e culturais presentes na paisagem original.

Figura 5 - Caminhoneta de transporte e trabalhadores do Laticínio Flor Goiana em 1958.



Fonte: Sanclerlândia Retrô, 2024.

Décadas mais tarde, o laticínio Flor Goiana foi adquirido por uma multinacional do setor alimentício, consolidando-se durante anos como o principal polo empregador do povoado de Cruzeiro e região. Sua presença impulsionou a economia local e estruturou práticas industriais no município. No entanto, seu fechamento (que se deu por volta dos anos 2010) representou uma ruptura significativa no mercado de trabalho local, contribuindo para o aumento do desemprego e a estagnação de atividades econômicas ligadas à cadeia produtiva do leite (Olanda, 2012, p. 6).

Esse processo de transformação só se intensificaria com a consolidação política e administrativa do município. A seguir, analisa-se como as disputas territoriais e o processo de emancipação de Sanclerlândia influenciaram diretamente sua configuração urbana.

3.1.2. A Emancipação e a Transformação Urbana

O processo de emancipação de Sanclerlândia foi antecedido por intensas disputas geopolíticas com o município de Mossâmedes, do qual o povoado então chamado Cruzeiro era subordinado (figura 6). À medida que o povoado ganhava força econômica, densidade populacional e organização social, crescia também a tensão

com a sede administrativa. Mossâmedes temia perder arrecadação e prestígio político diante da ascensão de Cruzeiro, cuja localização estratégica e dinamismo comercial ameaçavam sua centralidade regional.

O desmembramento do território foi marcado por pressões políticas e disputas de interesse, envolvendo lideranças locais e estaduais, cujo cenário de conflito evidenciava o desejo de autonomia dos moradores de Cruzeiro e o esforço de Mossâmedes para manter sua hegemonia no contexto regional (Moraes, 1993). Em 1962, o povoado foi oficialmente elevado à condição de distrito de Mossâmedes. No ano seguinte, em 1963, foi concedida sua emancipação política, nascendo o município de Sanclerlândia. Esse ato não apenas formalizou a autonomia administrativa do novo núcleo urbano, como também representou uma ruptura simbólica com o passado subordinado.

A escolha do nome “Sanclerlândia”, em homenagem a Saint-Clair, figura central na fundação do povoado, reforçou essa nova identidade territorial, desvinculando-se da nomenclatura anterior “Cruzeiro” ou “Alto”, que fazia referência tanto à topografia quanto à tradição religiosa local. A emancipação consolidou, assim, um novo ciclo de desenvolvimento urbano, marcado pela construção de edifícios públicos, reorganização do centro administrativo e redefinição do papel da cidade na rede regional. Moraes (1993, p.43) afirma que abandonou-se o nome “Cruzeiro”, por ser genérico e já utilizado em diversas localidades no Brasil, optando-se por homenagear Saint-Clair Rodrigues de Mendonça, figura pioneira no desenvolvimento do povoado e referência das práticas de sociabilidade local. O novo nome buscava, portanto, reforçar uma identidade própria e singular, vinculada diretamente à história local e à liderança fundadora, ressignificando o vínculo passado do povoado com Mossâmedes.

A figura 7 ilustra, de forma sintética, os municípios que se emanciparam do território original de Mossâmedes ao longo do século XX. O mapa evidencia os desmembramentos sucessivos que moldaram a atual configuração político-administrativa da região, destacando os limites municipais, as sedes urbanas e a malha viária que interliga os núcleos. Ao situar Sanclerlândia no contexto dessas transformações, a imagem reforça a complexidade das disputas territoriais e o papel do município na redefinição dos espaços regionais. A visualização das divisões e das conexões rodoviárias permite compreender melhor os vínculos históricos entre as

localidades e os processos de fragmentação territorial impulsionados por interesses políticos, econômicos e simbólicos.

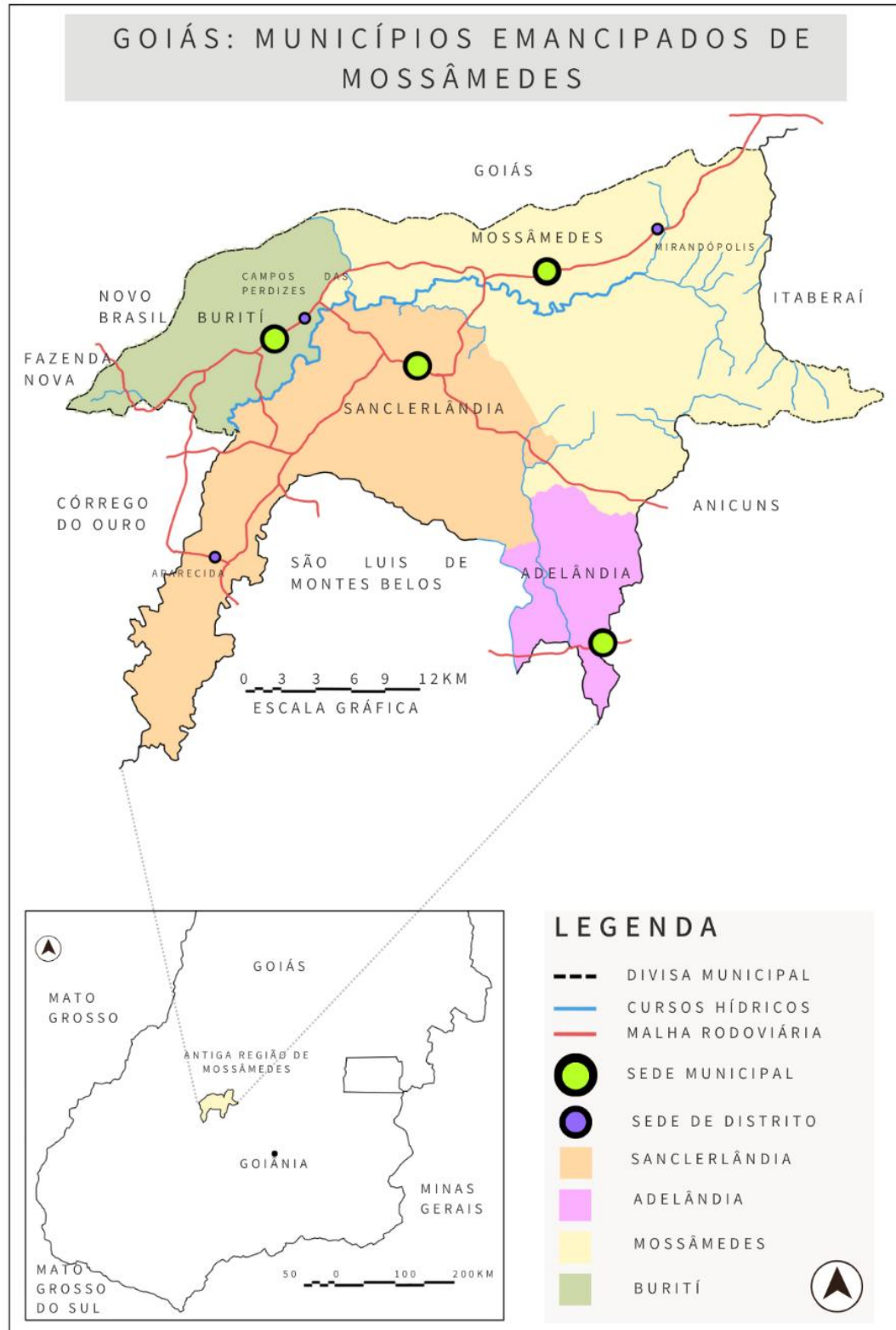
Figura 6 - Goiás: Município de Mossâmedes (1955)



Fonte: Adaptado de Olanda (2019, p.33).

Olanda (2019) pondera que os novos gestores municipais passaram a construir uma narrativa autônoma para Sanclerlândia, promovendo a afirmação simbólica de um novo território e de uma identidade política recém-conquistada.

Figura 7 – Municípios Emancipados de Mossâmedes



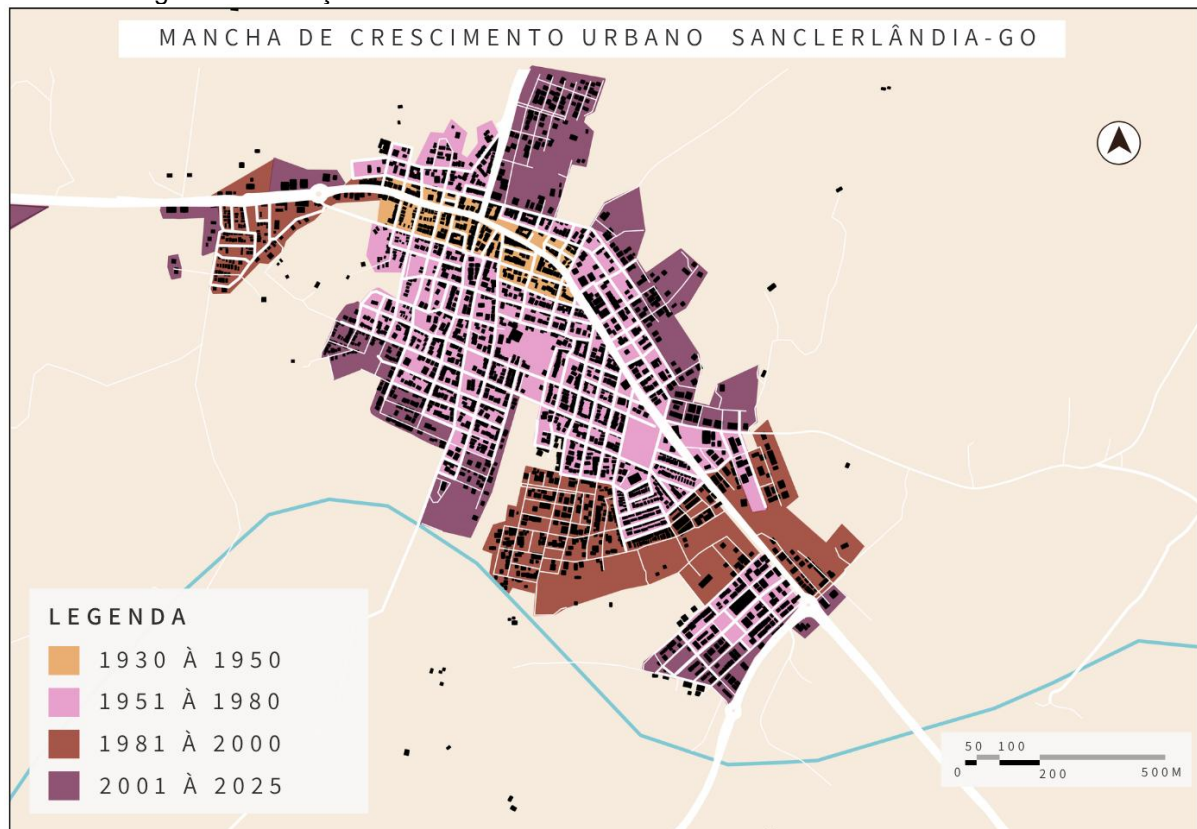
Fonte: Adaptado de Olanda (2019, p. 36).

A emancipação trouxe consigo mudanças significativas no espaço urbano: a criação dos primeiros edifícios públicos, como o da Prefeitura e da Câmara Municipal ou das escolas, passou a consolidar uma paisagem institucional no centro da cidade. Essa transformação foi acompanhada pela valorização simbólica da Avenida 5 de Janeiro, que se constituiu como o eixo estruturador do novo centro administrativo e comercial. Ainda que a cidade preservasse aspectos da arquitetura rural e tradicional, o processo de urbanização se acelerou, principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, com a pavimentação das rodovias GOs-164 e 326, que conectaram Sanclerlândia a outros centros regionais, dinamizando o comércio e a circulação de pessoas e mercadorias (Olanda, 2019).

Essas mudanças ocorreram em meio a uma reestruturação territorial mais ampla no estado de Goiás, marcada pela modernização gradativa da agricultura, pela industrialização pontual e pela urbanização acelerada. Nesse contexto, Maricato (2015, p. 11) chama atenção para o fato de que, especialmente nas cidades pequenas brasileiras, o crescimento urbano tem ocorrido em grande medida pela “omissão do Estado, que deveria regular a produção da cidade e garantir a função social da propriedade urbana, [mas] deixou o espaço urbano à mercê dos interesses do capital”.

Em Sanclerlândia, tal processo pode ser observado de forma clara na expansão da sua malha urbana ao longo das décadas. A figura 8 ilustra essa transformação, evidenciando os ciclos de crescimento desde a década de 1930 até os dias atuais e revelando os momentos de maior adensamento e as direções predominantes da ocupação. Essa ausência de planejamento e regulação técnica é visível em Sanclerlândia, onde o crescimento urbano seguiu interesses imediatistas, sem seguir um plano diretor consolidado e específico para seu território. Nota-se no início do povoado um núcleo mais condensado (1930-1950) que se expande substancialmente com a emancipação do Município e a fortalecimento econômico proveniente da instalação do laticínio, sobretudo no eixo sudeste-sul (1951-1980). Nas décadas seguintes houveram novos focos de crescimento em zonas, consideradas até então, periféricas, por meio de programas de habitação de interesse social (1981-2000) a expansão se dá nas pontas sul e leste do eixo viário estruturante da malha urbana. Proporcionalmente, não é tão expressiva quanto a expansão do período anterior. Finalmente, após a virada do século XXI, a cidade de Sanclerlândia vivencia expansões no sentido paralelo à via estruturante da forma, nos sentidos nordeste e sudoeste.

Figura 8 - Evolução da mancha urbana de Sanclerlândia-GO entre 1930 e 2025



Fonte: Elias (2025).

Por sua vez a estrutura urbana de Sanclerlândia revela um centro multifocalizado, fruto de intervenções espaciais que ocorreram em diferentes momentos e regiões da cidade. A ausência de um plano diretor articulado fez com que o poder público e agentes privados implantassem equipamentos e atividades de forma dispersa, gerando um modelo de centralidade fragmentada.

Na figura 8, é possível identificar quatro áreas principais de concentração urbana, que revelam esse processo de expansão descontínua:

- O eixo A corresponde ao núcleo administrativo e comercial tradicional, centrado na Avenida 5 de Janeiro aos arredores da Praça dos Três Poderes, onde se localizam a prefeitura e diversos comércios;
- O eixo B representa uma área de adensamento referente a década de 80, com expansão do comércio e atividades de serviços que extrapolam o centro original em direção ao setor leste. É onde está a rodoviária;
- O eixo C, situado ao oeste, abriga o parque agropecuário, a Escola Municipal Sarjob Rodrigues de Mendonça, o Câmpus da Universidade Estadual de

Goiás⁵, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e o Comando da Polícia Militar, estruturas que concentram, serviços e atividades institucionais;

- E o eixo D (localizado no Setor Planalto) reúne novos equipamentos públicos, como o Fórum e o lago, consolidando-se como uma centralidade emergente.

Essas regiões não foram articuladas de forma complementar, o que reforça a fragmentação do centro urbano e dificulta a integração funcional entre os espaços. Como observa Olanda (2019), as escolhas locacionais feitas ao longo das décadas contribuíram para uma configuração descontínua da cidade, marcada por intervenções isoladas, cujos critérios estavam mais vinculados a decisões administrativas do que a diretrizes técnicas de ordenamento territorial. A figura 9 sintetiza esse panorama, evidenciando como a cidade passou a funcionar com polos de concentração autônomos, comprometendo a legibilidade do espaço urbano e a coesão entre suas partes constituintes.

Figura 9 - Áreas de concentração de serviços e fragmentação do centro urbano de Sanclerlândia-GO.



Fonte: Adaptado de Olanda (2019, p.133).

⁵ A unidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) em Sanclerlândia oferecia os cursos de Administração e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Desde 2021, o campus deixou de receber novos alunos devido à falta do número mínimo de docentes efetivos. Em 2025, a unidade já não possui turmas ativas.

A partir dos anos 2000, a instalação de facções (pequenas confecções têxteis) movimentou a economia local, introduzindo novas relações de trabalho e acelerando o processo de adensamento urbano, mesmo sem contrapartidas significativas em infraestrutura ou ordenamento territorial. Para Maricato (2015), esse tipo de urbanização não planejada e subordinada à lógica econômica contribui para a formação de cidades segmentadas, com ocupações fragmentadas e desiguais. Segundo Maricato (2015, p.14), “mesmo com um poderoso aparato legal, convive-se com a radical flexibilidade da ocupação do solo” e isso é ainda mais perceptível em cidades que, como Sanclerlândia, operam sem estrutura técnica e com forte dependência de ciclos políticos.

A trajetória de emancipação e a conseqüente transformação urbana de Sanclerlândia revela, portanto, um duplo movimento: de afirmação territorial e identitária por meio da autonomia político-administrativa, e de inserção em um modelo urbano onde prevalece a lógica da fragmentação e da descontinuidade nas políticas públicas. Sem planejamento urbano estruturado, a cidade expande-se sem critérios claros, reproduz desigualdades e compromete a memória coletiva ancorada em seu patrimônio material e imaterial.

3.2. TRAJETÓRIA DAS FORMAS E ESPAÇOS: PERFIL ARQUITETÔNICO DE SANCLERLÂNDIA-GO (1930–2025)

A ocupação de Sanclerlândia remonta à década de 1930, quando surgem os primeiros arruamentos a partir da implantação de pequenos comércios e atividades agropecuárias, configurando um padrão típico das cidades interioranas goianas formadas em torno de eixos de circulação e feiras livres (Moraes, 1993). Nesse momento inicial, o traçado urbano se organizava de forma não planejada, com quadras irregulares e ruas de chão batido que se adaptavam ao relevo local. As construções predominantes eram em taipa ou adobe, com coberturas de telha cerâmica tipo capa e canal e beirais pronunciados, elementos que favoreciam o conforto térmico em uma região de clima quente e seco.

Com a consolidação do núcleo urbano entre as décadas de 1940 e 1950, observa-se o surgimento de edifícios de alvenaria simples, com fachadas simétricas e ornamentação comedida, como pode ser visto na figura 10.

Esse período coincide com a expansão de políticas estaduais de interiorização da infraestrutura básica: escolas, unidades de saúde e equipamentos de apoio administrativo.

Figura 10 – Vista aérea do centro de Sanclerlândia em 1964



Fonte: Biblioteca Municipal de Sanclerlândia (2025).

O desenvolvimento urbano local passou, então, a seguir padrões comuns de verticalização moderada e implantação de usos mistos (residencial e comercial), ainda que mantivesse traços da morfologia original. Olanda (2019, p. 79) afirma que “a arquitetura dessas cidades pequenas revela não apenas o modo de construir, mas também uma visão de mundo adaptada ao cotidiano rural e à escala comunitária”.

Nas décadas seguintes, especialmente a partir da redemocratização dos anos 1980 e 1990, houve uma intensificação das transformações urbanas. A substituição de construções tradicionais por edificações de alvenaria moderna, com fachadas em revestimento cerâmico ou pintura acrílica e cobertura embutida, passou a alterar significativamente a paisagem da cidade. Os edifícios públicos e comerciais, implantados após emancipação, adotaram modelos padronizados, influenciados pela

arquitetura funcional e descontextualizada, típica da expansão urbana periférica brasileira.

Essa mudança reflete o processo descrito por Meneses (2006), no qual a cidade deixa de ser um corpo orgânico de memória e passa a ser palco de interesses administrativos e mercadológicos. Elementos simbólicos do passado foram sendo apagados ou desfigurados, e a ausência de instrumentos de preservação patrimonial, como leis municipais específicas ou inventários técnicos, contribuiu para a descaracterização do perfil arquitetônico local. Nesse sentido, a perda de identidade visual da cidade se acentuou com a adoção de modelos arquitetônicos genéricos e a ausência de regulamentação específica para o patrimônio edificado. Meneses (2006, p. 33) observa que a destruição do patrimônio cultural está frequentemente associada à ausência de um planejamento urbano adequado, sobretudo em cidades de menor porte, nas quais predominam interesses imediatistas e a falta de políticas públicas eficazes voltadas à preservação.

Kevin Lynch (2006, p. 131), por sua vez, reforça que “a identidade de um lugar reside na continuidade de seus marcos e nas memórias que eles evocam”. Em Sanclerlândia, esse elo entre forma urbana e identidade coletiva tem se rompido gradualmente, à medida que a paisagem arquitetônica perde seus elementos referenciais e a cidade torna-se menos legível para seus próprios habitantes.

Hoje, Sanclerlândia possui um tecido urbano heterogêneo: por um lado, persistem pouquíssimos exemplares residenciais dos anos 1950 e 1960, com elementos típicos como varandas frontais, platibandas e coberturas inclinadas; por outro, observa-se a proliferação de casas contemporâneas com fachadas planas, muros altos e totalmente fechados e ausência de relação com o espaço público. Esses contrastes revelam não apenas a evolução das técnicas construtivas, mas também a transformação das formas de habitar e do imaginário urbano.

3.3. PRESSÕES URBANAS E FRAGILIDADE INSTITUCIONAL

O desenvolvimento urbano de Sanclerlândia nas últimas décadas revela não apenas uma expansão física desordenada, mas também um conjunto de fragilidades institucionais que comprometem a construção de um modelo urbano insensível à história e às necessidades contemporâneas da cidade. Entre os principais entraves, destacam-se a obsolescência do Código de Obras e do Código de Posturas datados

das décadas de 1970 e 1980 respectivamente, ainda em vigor, a ausência de instrumentos legais de proteção ao patrimônio edificado e outras legislações urbanísticas, além da carência de planejamento técnico articulado. Esse cenário cria um ambiente permissivo, em que decisões sobre o uso e a forma do espaço urbano são guiadas por interesses imediatistas, muitas vezes alheios às práticas culturais locais.

O Código de Obras do município, instituído pela Lei nº 176, de 12 de novembro de 1974, encontra-se extremamente defasado, refletindo uma visão técnica limitada ao controle da construção civil, sem qualquer abordagem sobre a preservação do patrimônio arquitetônico, sustentabilidade ou acessibilidade universal. Em seu conteúdo, o foco recai principalmente sobre procedimentos burocráticos para licenciamento de obras e exigências mínimas para edificações, desconsiderando aspectos morfológicos e simbólicos do espaço urbano (Sanclerlândia, 1974).

Já o Código de Posturas, estabelecido pela Lei nº 317, de 19 de março de 1981, trata majoritariamente de medidas voltadas à higiene, ordem pública e funcionamento do comércio, sem propor diretrizes que incentivem a proteção do ambiente urbano como espaço de memória e identidade. Seu Art. 1º explicita que “este Código contém as medidas de polícia administrativa a cargo do município em matéria de higiene, ordem pública e funcionamento dos estabelecimentos comerciais e industriais” (Sanclerlândia, 1981), demonstrando a ausência de uma abordagem integrada das questões urbanas.

A inexistência de políticas públicas específicas para o planejamento e a preservação urbana e a ausência de instrumentos como inventários de bens culturais, tombamentos locais ou zonas de interesse histórico-cultural agrava esse quadro. Como observa Ermínia Maricato (2015, p. 11), “o planejamento urbano no Brasil não se implementa. É surreal: existem planos, mas eles não são colocados em prática”, situação ainda mais crítica em municípios de pequeno porte, onde a descontinuidade administrativa e a baixa capacidade técnica comprometem a efetividade das normativas.

Adicionalmente, cresce a pressão por modernização das fachadas e espaços privados, impulsionada pela lógica da valorização imobiliária e pela padronização estética contemporânea. Essa tendência tem levado à substituição de elementos arquitetônicos tradicionais por soluções genéricas, como revestimentos cerâmicos e fachadas envidraçadas, provocando o apagamento da identidade urbana. Para David

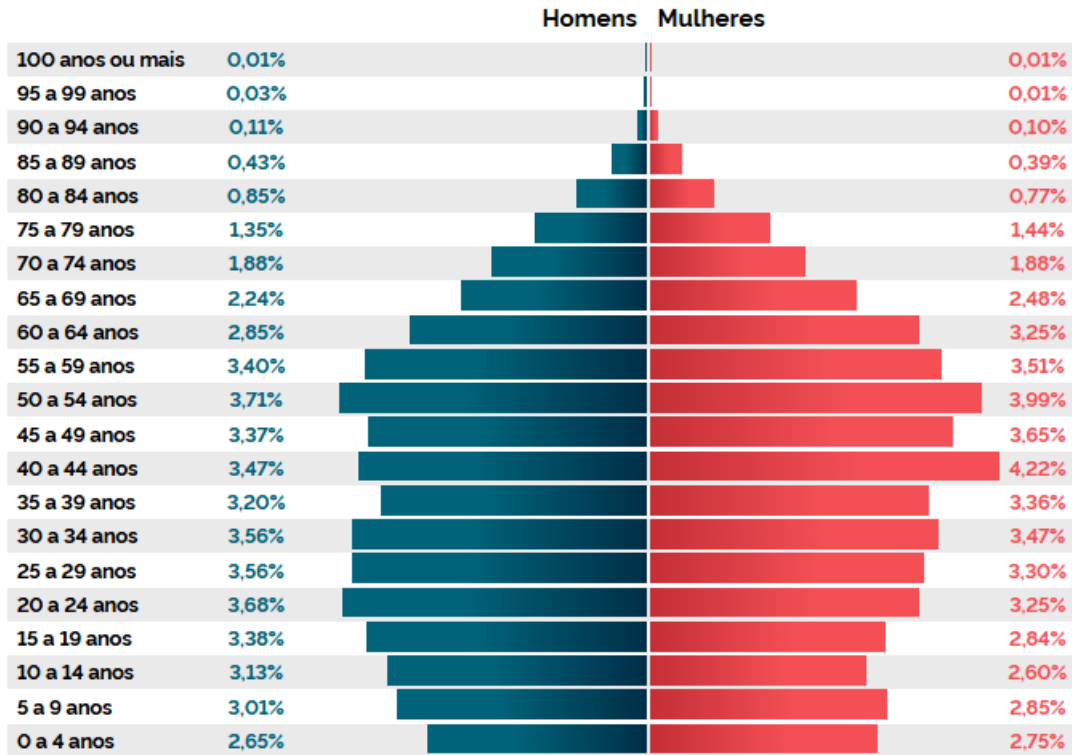
Harvey (2014), esse fenômeno representa a “mercantilização do espaço”, que transforma o patrimônio em mercadoria e esvazia seu conteúdo simbólico. Na ausência de legislação que regule intervenções em áreas de valor histórico-cultural, reformas descontextualizadas e demolições ocorrem sem qualquer análise crítica sobre seus impactos.

Segundo estimativa elaborada a partir da pirâmide etária de Sanclerlândia (Censo, 2022), o município apresenta um índice de envelhecimento de aproximadamente 118 idosos para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Esse valor é superior à média nacional e à dos municípios de pequeno porte⁶, confirmando um acelerado processo de transição demográfica. O gráfico revela ainda a predominância de mulheres nas faixas etárias superiores e o estreitamento da base populacional, elementos que reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à preservação da memória intergeracional e ao cuidado com a população idosa. A evasão dos jovens para centros urbanos maiores e a ausência de políticas que incentivem a permanência dessa população comprometem a continuidade da memória coletiva e a renovação dos vínculos culturais.

Esse panorama é ilustrado na figura 11, que apresenta a pirâmide etária local, demonstrando o achatamento da base populacional e o aumento proporcional dos grupos mais envelhecidos, especialmente entre mulheres a partir dos 60 anos. A figura seguinte (figura 12), por sua vez, compara o índice de envelhecimento de Sanclerlândia com as médias estadual, nacional e dos municípios de pequeno porte.

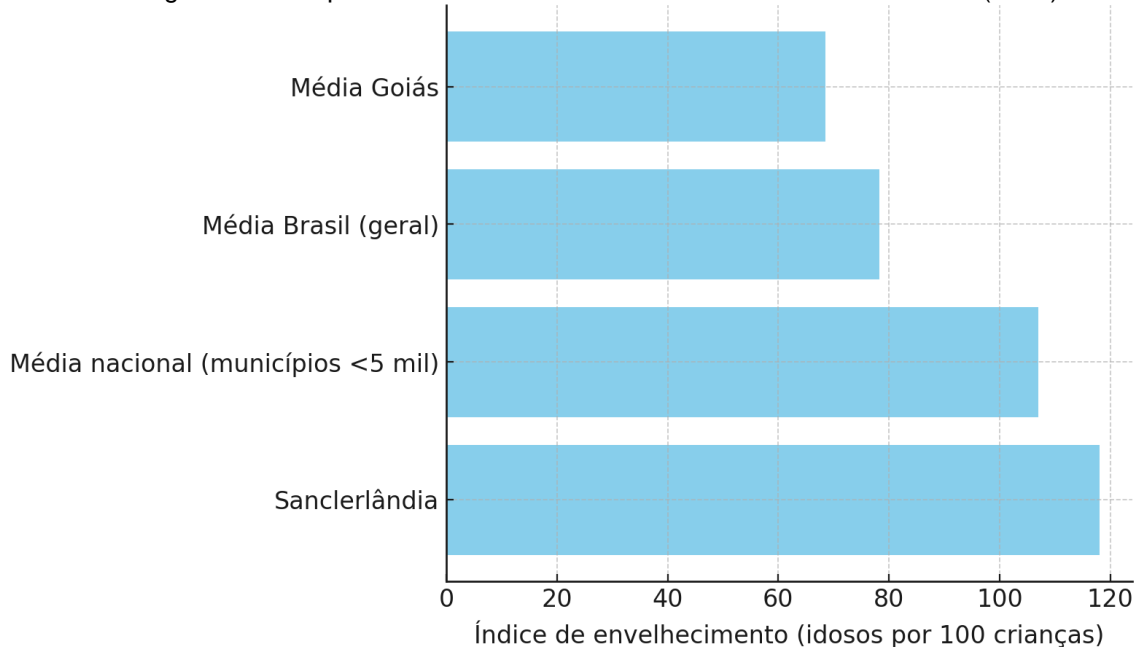
⁶ O índice de envelhecimento populacional é um indicador demográfico que expressa a razão entre o número de pessoas com 60 anos ou mais e o número de crianças de 0 a 14 anos. Quanto maior esse índice, mais envelhecida é considerada a população. Em 2022, o Brasil atingiu o valor de 80,0, o que significa que havia 80 idosos para cada 100 crianças nessa faixa etária. Os dados estão disponíveis no Censo Demográfico 2022, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 maio. 2025.

Figura 11 - Pirâmide etária de Sanclerlândia-GO (2022).



Fonte: IBGE, (2022).

Figura 12- Comparativo do índice de envelhecimento de Sanclerlândia (2022)



Fonte: Elias, (2025).

Esse quadro demográfico torna ainda mais urgente a formulação de políticas públicas voltadas à preservação cultural e ao fortalecimento dos vínculos comunitários. Como afirma Aldo Rossi (2001, p.45), “a cidade é construída sobre

camadas sucessivas de memória coletiva, materializadas em suas formas e traçados”, construída a partir da repetição e da continuidade das experiências vividas. Quando os elementos permanentes da cultura urbana são interrompidos por ausência de transmissão intergeracional, os espaços perdem sua capacidade de evocar pertencimento e identidade.

Choay (2014) reforça essa percepção ao afirmar que, desvinculado da prática cotidiana, o patrimônio corre o risco de se tornar um objeto apenas contemplativo, sem função social ativa. Meneses (2006, p. 5), por sua vez, destaca que “as representações, para deixarem de ser mero fato mental, precisam passar pelo mundo sensorial”, reiterando a importância de políticas que conectem a memória à vida cotidiana.

Em paralelo, a instabilidade administrativa também contribui para o apagamento simbólico do território. Em municípios pequenos, é recorrente o fenômeno da personalização das gestões públicas, nas quais prefeitos promovem demolições, mudanças de nomes de logradouros ou reformas simbólicas como forma de ruptura com gestões anteriores. Esse ciclo de descontinuidade corrói os lugares de memória e transforma o espaço urbano em instrumento de disputa política. Como bem define Meneses (2006, p. 4), “a cidade é também campo de forças”.

Essa realidade, visível também em cidades como Buriti de Goiás e Mossâmedes, desafia diretamente os princípios do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), que estabelece diretrizes para o uso socialmente justo da cidade, a preservação do patrimônio cultural e o planejamento participativo (Brasil, 2008). Como observa Maricato (2015, p. 13), “os planos diretores não conseguiram superar a lógica privatista e clientelista que domina as políticas urbanas no país”.

Portanto, compreender a identidade urbana de Sanclerlândia hoje requer mais do que conhecer seu passado: exige examinar os mecanismos contemporâneos de negação da memória e de apropriação simbólica do espaço. A fragilidade institucional, somada ao envelhecimento populacional e à descontinuidade política, contribui para uma cidade que se transforma não em função do bem coletivo, mas dos projetos de poder de cada gestão.

CÂMPUS
GOIÁS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Sinto falta do que era antes Saudades da praça como ela era, das pessoas e das conversas...

ARQUITETURA Descaracterização total

4. TENSÃO CONTEMPORÂNEA: PRESERVAR OU PROGREDIR

Em Sanclerlândia, o avanço de obras de infraestrutura, o crescimento imobiliário e a implantação de novos equipamentos públicos vêm sendo conduzidos de forma descontínua e desarticulada de um planejamento e das referências de imagens da cidade e lugares de memória. Esse modelo de transformação, longe de dialogar com a historicidade do território, contribui para a ruptura dos vínculos identitários e para a descaracterização dos marcos urbanos que sustentavam o sentimento de pertencimento. Neste sentido, as transformações das cidades pequenas, frequentemente celebradas como símbolos de desenvolvimento, tem se consolidado em muitos casos como um processo que promove o esvaziamento simbólico dos espaços urbanos.

Como observa Françoise Choay (2014), muitos projetos urbanos contemporâneos descontextualizam os lugares de memória, tratando-os como objetos estetizados e deslocados de suas práticas sociais originais. A cidade, nesses termos, deixa de ser compreendida como expressão material da cultura para tornar-se palco de operações utilitárias, muitas vezes insensíveis à sua historicidade. Para Harvey (2014), essa lógica está intrinsecamente ligada à produção capitalista do espaço, que reorganiza o território a partir da rentabilidade, transformando o solo urbano em mercadoria e o patrimônio em obstáculo a ser removido.

Em consonância, Meneses (2006) ressalta que os bens culturais não existem isoladamente: são construções sociais carregadas de sentidos e disputas. Quando tais referências são apagadas ou deformadas, ocorre não apenas a perda de elementos materiais, mas o rompimento de narrativas coletivas que sustentam a identidade dos lugares. Em Sanclerlândia, a ausência de instrumentos de preservação, somada à descontinuidade das políticas públicas e à personalização das gestões municipais, revela como o discurso de desenvolvimento muitas vezes serve de justificativa para intervenções que silenciam o passado. Soma-se a isso o risco da perda de vínculo intergeracional, conforme apontado anteriormente.

Este capítulo sistematiza o registro e documentação dos lugares de memória de Sanclerlândia, por meio da leitura e da análise de duas fontes que se complementarão entre si: os relatos e vivências dos moradores, que expressam os conflitos simbólicos em torno da memória urbana; as legislações e as políticas

implementadas, de modo a evidenciar a atuação (ou omissão) das políticas públicas de preservação no município e em contextos similares. A integração dos dados obtidos por essas duas fontes possuem potencial de elucidar propostas que possam conciliar crescimento e preservação por meio do uso adaptativo⁷, da proteção normativa e da valorização participativa dos bens culturais.

4.1. DISPUTAS SIMBÓLICAS E APAGAMENTOS DA MEMÓRIA

Para Halbwachs (2006), a memória coletiva está diretamente vinculada à vida cotidiana, às relações sociais e às práticas que os grupos desenvolvem em seu território. É nesses gestos recorrentes como, caminhar, encontrar, celebrar, trabalhar, que os indivíduos ancoram suas lembranças. Nesse sentido, a memória urbana de Sanclerlândia é profundamente enraizada nas experiências cotidianas de seus moradores, mais do que nas formas construídas que se impõem ao olhar. São as lembranças compartilhadas, as práticas sociais e os afetos depositados em cada rua, praça e edifício que moldam a identidade da cidade. Os relatos de moradores, como os de Rosângela Ferreira da Silveira, José Ferreira da Silveira e outras observações que constam nas notas de pesquisa⁸ revelam com sensibilidade os embates silenciosos entre a permanência das memórias e as forças que tendem a apagá-las em nome da modernização.

A Sr^a. Rosângela Ferreira, de 53 anos, moradora da cidade há 37 anos, inicia suas lembranças citando a Igreja de São Sebastião, onde acompanhava celebrações

⁷ Uso adaptativo se refere à reutilização de edifícios ou espaços existentes para novos usos, diferentes de suas funções originais, sem descaracterizar totalmente sua estrutura ou seu valor histórico e simbólico. Embora o termo não seja empregado diretamente por Rossi (2001), sua interpretação deriva da ideia formulada pelo autor de que a cidade é um artefato histórico composto por elementos que persistem no tempo. Assim, adaptar um edifício significa reconhecer essa permanência e atualizar sua função sem romper sua identidade formal nem o papel que exerce na memória coletiva.

⁸ As notas de pesquisa utilizadas aqui constituem uma fonte primária de dados e reúnem relatos de conversas informais realizadas com moradores de Sanclerlândia entre fevereiro e junho de 2025. As conversas e observações ocorreram em diferentes locais da cidade, como as residências dos participantes, a Praça Três Poderes e Feira Coberta, locais representativos da vida cotidiana e das memórias urbanas locais. Os temas abordados nas conversas incluíram: memórias de infância e juventude, transformações arquitetônicas e espaciais da cidade, descaracterização de edifícios públicos, experiências com instituições de ensino locais, participação comunitária em espaços públicos, mudanças nos hábitos coletivos e percepção sobre o patrimônio urbano. Além dos relatos de as notas incluem croquis de análise da paisagem urbana, mapas mentais com base nas falas dos moradores, observação participativa dos processos de interação social e anotações descritivas sobre os usos atuais de espaços de memória, como escolas, delegacia, Praça Três Poderes e a unidade desativada da UEG. Esses elementos foram fundamentais para compreender como a memória coletiva está inscrita no território e como os processos de transformação urbana impactam os vínculos afetivos e identitários da população.

e casamentos na infância. Um de seus primeiros vínculos com a cidade se deu quando foi convidada a portar as alianças para o casamento de sua tia. Para ela, este momento destaca a intensidade das sensações, avivando valores simbólicos atribuído aos momentos experienciados naquele espaço.

Ela rememora também uma pracinha em frente ao hospital, atual Praça Hermógenes Coelho, onde a população se reunia para assistir à televisão preto e branco, descrevendo com nostalgia esse ponto de convivência e descoberta tecnológica. Para ela, a cidade era viva nos encontros, nas relações e nos vínculos afetivos.

A Praça Três Poderes, segundo Rosângela, era o grande centro de encontros nos fins de semana. Certa vez, uma amiga sua de vinda de Goiânia se assustou com o número de pessoas reunidas naquele espaço e pensou tratar-se de uma briga, demonstrando o quanto o uso do espaço público era intenso e integrado à vida social da cidade.

Rosângela também destaca a importância da escola que marcou sua infância e início da vida escolar, a Escola Estadual Onézimo de Jesus Vieira, recém-construída naquela época. Embora tenha passado por um período de descontinuidade, ela relata que a edificação abrigou outros usos e, atualmente retornou a ser escola, agora da esfera municipal. Essa reativação do edifício, embora alterando sua gestão e possivelmente sua estrutura interna, preserva parte de sua memória simbólica, mantendo vivo o vínculo de gerações com aquele espaço.

Rosângela ainda recorda a rodoviária municipal como um espaço marcante em suas memórias. Embora fosse apenas ponto de passagem para muitos, para ela representava o reencontro com familiares, a chegada de parentes e o ponto de início de viagens importantes. A presença constante de pessoas vindas de fora e de moradores que embarcavam e desembarcavam conferem à rodoviária um simbolismo particular, um lugar onde o cotidiano se cruza com as emoções pessoais marcando despedidas, reencontros e novas possibilidades.

Como observa Pierre Nora (1993), os lugares de memória surgem quando a continuidade entre passado e presente é ameaçada, sendo fixados não apenas por sua materialidade, mas pelo sentimento que evocam. A rodoviária, nesse sentido, funciona como um elo entre a vida comunitária e o mundo externo, espaço de passagem que, por isso mesmo, mobiliza emoções e cria significados duradouros.

Em Sanclerlândia, a rodoviária representa, portanto, uma memória itinerante, cujos vínculos são temporários, mas não menos profundos. Seu entorno imediato abriga comércios e pequenas lanchonetes que alimentam essas conexões temporárias, tornando-a uma espécie de ponto de ancoragem emocional para os que vêm e os que partem.

O Sr. José Ferreira, com seus 85 anos e morador de Sanclerlândia desde 1968, oferece uma perspectiva valiosa sobre os primórdios da urbanização local. Ele recorda que, ao chegar com sua família após a morte do pai, a cidade era ainda um núcleo modesto, com poucos comércios e poucas residências. Naquele tempo, o cotidiano era marcado por práticas simples, como caminhar pelas ruas e jogar bola. Ele destaca o romantismo dos jovens que namoravam passeando de mãos dadas até a região da atual escola 5 de Janeiro e voltando, pois não havia muito a se fazer na cidade.

O Sr. José também rememora a dinâmica comunitária na construção da cidade, quando os moradores se uniram, em regime de mutirão, para construir a Igreja Matriz, perto da Praça Três Poderes. Isso fez substituir, gradualmente, o eixo urbano que antes se concentrava ao redor da antiga igreja de São Sebastião. Essas ações mostram como a ocupação dos espaços era orientada por esforços coletivos, com forte carga simbólica e de pertencimento.

Um de seus relatos mais marcantes refere-se ao período em que foi presidente do sindicato rural, quando participou da construção dos galpões do parque de exposições agropecuárias, estruturas que, segundo ele, foram apropriadas pelo poder público municipal. Neste relato pode-se perceber uma tensão constante entre a memória construída pela comunidade e as intervenções políticas e administrativas que promovem o apagamento de suas conquistas.

Relembra também a importância que teve o Laticínio Flor Goiana para o desenvolvimento industrial da cidade, e o quanto seu fechamento causou impactos econômicos aos trabalhadores da fábrica. Hoje o local abriga a empresa de reciclagem Samplast. Apesar de sua função atual, muitos moradores demonstram incômodo com o forte odor emitido pela empresa, especialmente por estar localizada em área central, o que gera conflitos com o uso anterior do espaço e altera sua percepção simbólica entre os habitantes.

As memórias pessoais atravessam a formulação da pesquisa. Evidentemente o lugar do pesquisador não é neutro e sua inserção coletiva e comunitária reforça os argumentos pautados nos conceitos de memória coletiva e lugares de memória. Existe

uma trajetória afetiva e sensível com os espaços da cidade. O período de infância foi repleto de brincadeiras livres com os amigos, com destaque para as memórias na quadra de areia e o quintal do antigo fórum (demolido, onde hoje é Praça Dona Joana Almeida de Paiva), que se caracterizavam como os melhores esconderijos de pique-esconde do planeta. A convivência cotidiana com esses espaços abertos, acessíveis e comunitários moldou o sentimento de pertencimento ao lugar.

Além disso, as ruas arborizadas de outrora motivam nostalgia e admiração. Quando as árvores foram removidas por serem inadequadas para calçamento, as crianças expressaram profunda tristeza, especialmente por perderem o lugar de sombra para brincar diariamente. Além destas, a fonte da praça, que foi retirada era lugar de contemplação e encantamento com seus peixes coloridos, um dos lugares preferidos da cidade.

De igual maneira, os vínculos afetivos estabelecidos no período de formação escolar também evidenciam valores simbólicos dos reconhecidos lugares de memória. Desde a “Escola 5 de Janeiro” ou o “Colégio Deputado José Alves de Assis” até a experiência universitária na UEG, esses lugares foram palco de entusiasmo. Sanclerlândia era, orgulhosamente, reconhecida como a menor cidade do Brasil a possuir uma universidade, até que, infelizmente articulações políticas e logísticas fecharam a unidade local.

Com o tempo e as mudanças urbanas, houve uma desconexão crescente com o território: as ruas e praças não são mais tão arborizadas, há a modernização das fachadas das casas e comércios. Muito embora, tudo pareça mais bonito, há dificuldades em estabelecer conexões com a cidade. Essa percepção e sentimento evidencia como a modernização, ao desconsiderar os significados simbólicos dos espaços, pode causar estranhamento e perda de identidade urbana.

Os relatos e as percepções fornecem panorama afetivo e geracional das transformações espaciais em Sanclerlândia, revelando como a memória urbana se constrói na vivência cotidiana e na permanência dos vínculos com os lugares de memória. Para além das lembranças individuais, tais depoimentos formam um mosaico de memórias e afetos que ajudam a compreender a tensão entre permanência e apagamento.

As visitas de campo realizadas em junho de 2025 reforçam essas impressões e permitiram observar como os espaços ainda em uso cotidiano carregam memórias em constante resignificação. O croqui produzido durante essa etapa, registrado na

figura 13, sintetiza essa percepção direta do espaço, destacando as relações de circulação, permanência e sociabilidade que continuam estruturando a vida urbana no local.

Figura 13 Croqui de observação da Praça Três Poderes, elaborado em visita de campo



Fonte: Elias (2025).

No dia 01/06, às 9h da manhã, foi realizada uma observação na Feira Coberta, que revelou-se não apenas como um local de comércio de produtos agrícolas e artesanais, mas também como espaço de interação comunitária e sociabilidade. Notou-se a presença de barracas variadas, que vão desde comidas típicas, como pamonhas, doces e caldos, até produtos de beleza, roupas e utensílios domésticos. Além disso, práticas informais de troca, como a de uma senhora que trocava desodorantes e cremes por um frango caipira, demonstram que a lógica de uso do espaço transcende a simples função mercantil, incorporando hábitos tradicionais da vida interiorana.

Durante a semana, o local se transforma novamente: foi observado um pai e sua filha utilizando o espaço vazio da feira para andarem de patins, num gesto que traduz o caráter multifuncional dos espaços abertos ao público. Essas práticas reiteram que a apropriação simbólica dos espaços não se limita à sua configuração física, mas se renova a partir dos usos cotidianos, revelando a importância de sua manutenção como território coletivo.

Em outra visita de campo, no dia 06/06, às 20h, a Praça Três Poderes reafirmou seu papel como o principal ponto de encontro intergeracional da cidade. Durante a observação, foi possível constatar a presença vibrante de diversos grupos: crianças brincando em pula-pulas, jovens conversando em torno do bar central e famílias ocupando as lanchonetes e os bancos da praça. A atmosfera era de celebração contínua do espaço comum, reforçando seu caráter simbólico como centro da vida urbana.

No entanto, os efeitos das intervenções paisagísticas também se fizeram notar. Árvores que antes ofereciam sombra e conforto foram retiradas durante a última reforma, comprometendo a ambiência original do lugar. A substituição da antiga fonte da praça por um novo ponto de alimentação, o popular pitdog, gerou questionamentos entre os moradores.

Outro caso emblemático é o da antiga quadra municipal de esportes, que durante décadas foi palco de atividades recreativas, práticas esportivas e encontros espontâneos de jovens da cidade. Na frente dela, uma quadra de areia pública era constantemente utilizada por crianças e adolescentes de diferentes bairros, especialmente por ser de acesso livre e estar localizada em uma região central. Apesar dos problemas de manutenção, como a falta de tratamento da areia, o espaço era intensamente frequentado. Sua demolição e substituição pela sede do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) representou, para muitos, a perda de um importante ponto de convivência infantil.

Entretanto, a edificação atual abriga hoje uma gama diversa de atividades que permitiram uma ressignificação positiva do espaço. O CRAS tornou-se um polo de convivência comunitária: sedia campanhas de saúde, atividades de lazer para idosos, jogos de truco, festas juninas, forrós da terceira idade e eventos escolares, como formaturas. Dessa forma, ainda que tenha ocorrido a descaracterização física do espaço original, a apropriação social do novo equipamento gerou novas memórias e experiências coletivas, demonstrando que o reuso adaptativo pode ser eficaz quando conduzido com foco nas necessidades e vínculos da comunidade.

Essas transformações dialogam com os conceitos de Kevin Lynch (2006), que destacou os "marcos", "bordas" e "caminhos" como elementos fundamentais da imagem urbana. Em Sanclerlândia, a fonte da praça era um marco afetivo. A feira e suas entradas funcionam como caminhos simbólicos entre memória e rotina. As

bordas se manifestam nos limites da antiga quadra, hoje inacessível, e nos espaços que delimitam encontros espontâneos.

Conforme ilustrado na Figura 14, que localiza os principais marcos afetivos citados nos relatos acrescidos de pontos relevantes na história da cidade, a fragmentação desses elementos enfraquece a imagem mental que os moradores constroem de sua cidade.

A seguir, o Quadro 2 apresenta uma síntese das transformações identificadas nos principais espaços de Sanclerlândia, elaborada a partir da metodologia de análise comparativa proposta por Menezes (2019). Essa metodologia consiste na construção de quadros-resumo que relacionam o estado anterior e o estado atual de bens ou espaços urbanos, permitindo observar não apenas as mudanças físicas, mas também seus impactos simbólicos e sociais sobre a memória coletiva e o sentimento de pertencimento.

Quadro 1 – Quadro Síntese de alterações X impactos simbólicos

Local	Situação Anterior	Situação Atual	Impacto Simbólico
Fonte da Praça	Elemento paisagístico com peixes, símbolo de infância	Removida e substituída por praça de alimentação (Pitdogs)	Perda de um marco simbólico, substituído por uso comercial
Feira Coberta	Espaço de trocas e sociabilidade multigeracional	Mantém função, mas carece de melhorias de infraestrutura	Reforça práticas tradicionais, mas carece de planejamento público
Quadra de Areia	Espaço livre, comunitário, de acesso irrestrito	Demolida para construção do CRAS	Perda de espaço de lazer espontâneo infantil
Antiga Quadra Municipal	Espaço de eventos e esportes para a comunidade	Doada ao Colégio Militar, hoje com acesso restrito	Restrição de uso público, perda do sentido comunitário
CRAS	Área antes desestruturada	Espaço multifuncional com atividades sociais e culturais	Exemplo positivo de reuso adaptativo e ressignificação comunitária
Antigo Laticínio	Ponto de coleta e encontro entre produtores rurais	Instalação da empresa Samplast (reciclagem); provoca incômodo por mau cheiro	Perda do elo entre o rural e o urbano; ressignificação negativa por uso industrial e conflito com a memória coletiva
Rodoviária Municipal	Espaço funcional de embarque e desembarque	Mantém função original, mas sem políticas de valorização cultural	Lugar de memória itinerante; ponto simbólico de chegadas, partidas e reencontros

Fonte: Elias (2025).

Figura 14 – Lugares de Memória: Marcos Significativos em Sanclerlândia-GO



Fonte: Elias (2025).

4.2. INVENTÁRIO DOS LUGARES DE MEMÓRIA: MÉTODO E RELEVÂNCIA

De modo a conferir rigor técnico à análise dos espaços significativos de Sanclerlândia, optou-se por elaborar um inventário dos lugares de memória com base nos parâmetros do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG/IPHAN), utilizando a Ficha M301 – Cadastro de Bens. Essa ficha orienta a coleta de informações sobre bens culturais de natureza material. Conforme o manual do SICG, o Módulo Cadastro “visa conhecer o universo de bens culturais de determinada região, identificando e cadastrando as ocorrências materiais ainda existentes, apontando a necessidade de estudos mais detalhados e subsidiando ações de proteção e gestão do patrimônio” (IPHAN, [s.d.]). Ao reunir campos como identificação e localização precisa, contexto histórico e funcional, caracterização arquitetônica e tipológica, estado de conservação e integridade, além de valor simbólico e relevância social, o método garante que o levantamento vá além de um diagnóstico físico, incorporando também vínculos coletivos e narrativas urbanas.

Essa perspectiva encontra respaldo em Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, que questiona práticas patrimoniais baseadas apenas em critérios técnicos e defende que “os valores culturais (os valores, em geral) não são criados pelo poder público, mas pela sociedade. O patrimônio é antes de mais nada um fato social” (MENESES, 2012, p. 33). É fundamental reconhecer a experiência daqueles que vivem os espaços cotidianamente e incorporar valores múltiplos, que vão além dos históricos e estéticos tradicionais, abrangendo dimensões cognitivas, formais, afetivas, pragmáticas e éticas (MENESES, 2012, p. 35-38).

Assim, ao adotar uma metodologia reconhecida nacionalmente e alinhada à compreensão de que o patrimônio resulta de práticas sociais e afetivas, este inventário busca unir consistência técnica e sensibilidade comunitária. Os registros produzidos podem servir de base para políticas públicas de preservação, criação de zonas especiais de interesse cultural ou processos de tombamento municipal, além de estimular um debate mais amplo sobre memória e identidade urbana. Mais do que um documento burocrático, pretende ser um instrumento de planejamento participativo, fortalecendo vínculos comunitários e orientando um desenvolvimento que respeite o passado sem impedir a adaptação às novas demandas da cidade.

Nesse contexto, foram selecionados dez lugares de memória que sintetizam diferentes dimensões da vida sanclerlândense, além do Lago Jatobá⁹, espaço recente apontado por moradores como potencial novo lugar de memória da cidade. As fichas a seguir foram elaboradas com base em pesquisa documental, levantamento fotográfico e conversas informais com moradores¹⁰, buscando compreender tanto os aspectos materiais quanto os valores simbólicos atribuídos a cada local.

⁹ O Lago Jatobá, inaugurado em 2024, é um espaço público recente em Sanclerlândia que vem sendo apropriado por famílias e jovens como área de lazer e convivência. Embora ainda em processo de consolidação simbólica, já demonstra potencial para se tornar um novo lugar de memória, pois começa a criar vínculos afetivos e novas centralidades na experiência urbana contemporânea do município.

¹⁰ As informações sobre usos sociais, memórias afetivas e percepções da comunidade foram obtidas a partir de conversas informais com moradores durante visitas de campo, que complementaram a análise documental e técnica dos bens inventariados.

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Praça Três Poderes em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Praça dos Três Poderes - Praça Três Poderes					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Praça Três Poderes			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
Rod. Raul Caiado Fleury, 701-787		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.19927788962341	X	Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.30943270002338		Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X	Nenhuma
	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	
	Pouco alterado		Precário	7.1 Tipo/ legislação incidente	
	Muito alterado		Em arruamento		
X	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					



11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

A Praça Três Poderes, localizada no centro de Sanclerlândia, foi implantada durante o processo de consolidação do núcleo urbano nas décadas de 1970-1980, quando se buscou organizar um espaço cívico que reunisse os principais edifícios públicos do município. Sua criação acompanhou a instalação das sedes do Poder Executivo e Legislativo, tornando-se o marco institucional e político da cidade. Apesar de sua importância simbólica, a Prefeitura não mantém registro oficial sobre o ano exato de implantação ou a gestão responsável pela construção da praça, informação que não foi encontrada em arquivos digitais e documentos municipais acessíveis.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

A Praça Três Poderes funciona como principal espaço de convivência e celebração coletiva de Sanclerlândia. Além de abrigar os edifícios administrativos centrais do município, tornou-se palco de manifestações culturais e sociais diversas, recebendo apresentações escolares, festividades religiosas, comemorações cívicas, festas populares e eventos organizados pela comunidade. Aos fins de semana, a praça é ponto de encontro de moradores de todas as idades, funcionando como espaço de lazer, convivência entre famílias, jovens e crianças. Nas últimas décadas, contudo, a praça passou por reformas que resultaram em significativa descaracterização. Foram removidos o desenho do piso, parte do mobiliário urbano, a arborização tradicional e, principalmente, a fonte central, que era um dos marcos mais lembrados pelos moradores.

12. PREENCHIMENTO

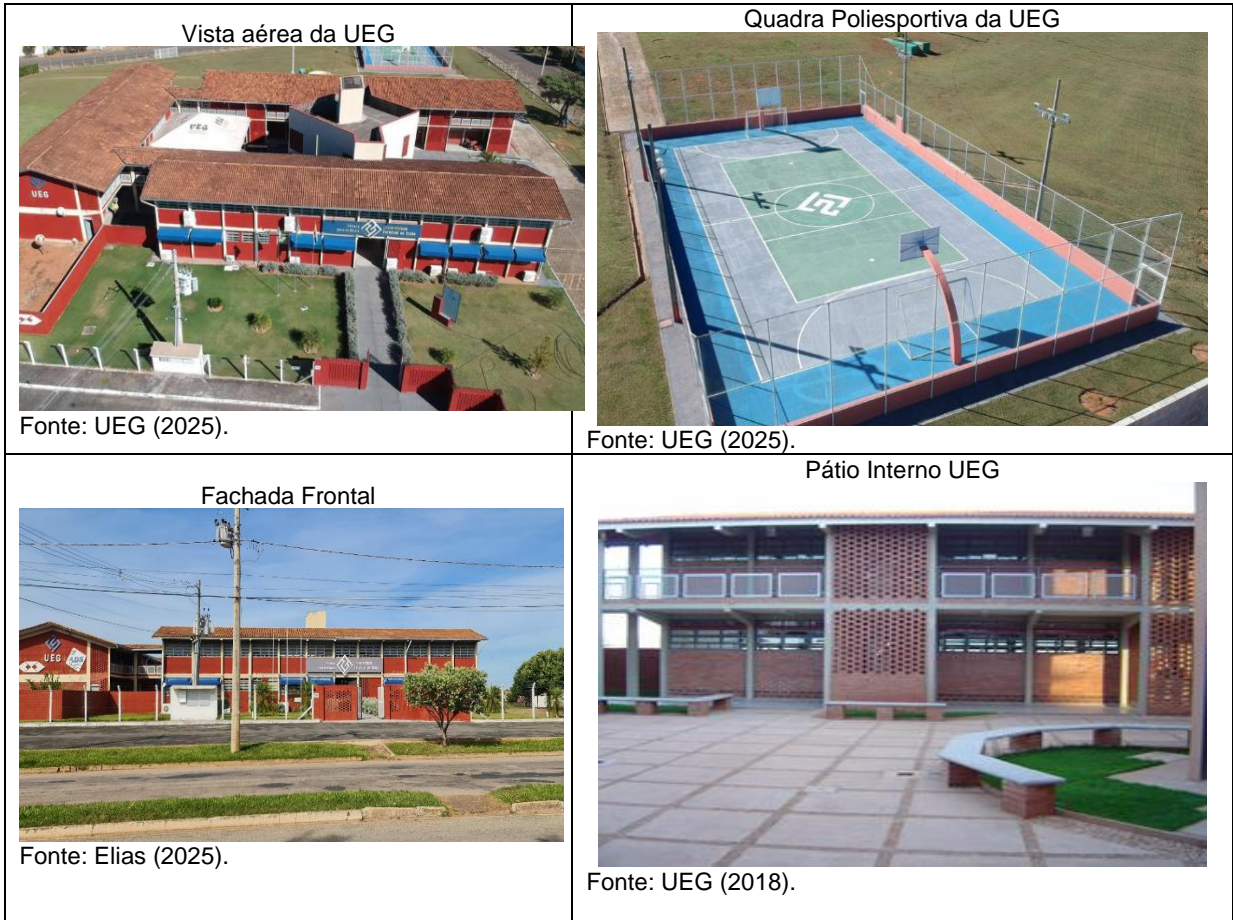
12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025



SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Universidade Estadual de Goiás (UEG) em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Universidade Estadual de Goiás (UEG)					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município		2.3.Localidade		
GO	Sanclerlândia		Universidade Estadual de Goiás (UEG)		
2.4. Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)			2.5.Código Postal		
Av. Cinco de Janeiro, S/Nº - Setor Universitário			76.160-000		
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.197741128513 03	X	Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.319949021901 72		Privada	Governo do Estado de Goiás	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3430-4669	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	
	Pouco alterado		Precário	7.1 Tipo/ legislação incidente	
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					



11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

A Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Sanclerlândia, foi implantada em 2001, consolidou-se como resultado da mobilização comunitária pela educação superior, iniciando suas atividades em espaço provisório e, posteriormente, expandiu sua estrutura física e acadêmica para o imóvel acima, desempenhando papel relevante na formação profissional e no desenvolvimento regional. Desde 2021, a Unidade deixou de receber novos alunos devido à falta do número mínimo de docentes efetivos. Em 2025, a unidade já não possui turmas ativas, a secretaria, porém continua aberta para serviços administrativos.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

A Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Sanclerlândia foi um marco para o município e toda a região de seu entorno, tornando a cidade a menor do Brasil a contar com uma universidade estadual. O campus ofereceu ensino superior público, fortalecendo a permanência de jovens, estimulando o desenvolvimento local e promovendo projetos de extensão e eventos científicos que aproximaram a comunidade da vida acadêmica.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025



SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais o Parque de Exposições Agropecuárias Miguel Novato em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Parque de Exposições Agropecuárias Miguel Novato - Pecuária					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Parque de Exposições Agropecuárias Miguel Novato			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
Av. Cinco de Janeiro, S/Nº - Setor Universitário		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.1972739033 72032	X	Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.3197207855 363		Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					



11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

O Parque de Exposições Agropecuárias Miguel Novato foi construído entre 1993 e 1994, em um momento de fortalecimento da economia rural de Sanclerlândia e da busca por espaços adequados para grandes eventos agropecuários e festivos. Embora a Prefeitura não possua registros oficiais precisos sobre a data exata de inauguração ou a gestão responsável pela obra, sabe-se que o parque foi concebido para impulsionar a pecuária local, abrigar feiras de gado e estimular a integração entre produtores rurais e a comunidade urbana. Desde sua origem, consolidou-se como um dos principais equipamentos de lazer e economia da cidade, tornando-se referência para o Vale do Rio Vermelho.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

O Parque Miguel Novato desempenha papel central na vida cultural e econômica de Sanclerlândia. Atualmente, sedia eventos de grande porte como o Niversanejo, que atrai artistas famosos e público regional, e a tradicional Exposição Agropecuária, importante para o comércio local e para a valorização da pecuária. Em décadas anteriores, foi palco do icônico Jeep Cross, corrida de jipes na lama que deu notoriedade ao município, chegando a torná-lo conhecido como a “capital do Jeep Cross” e movimentando intensamente a economia local com turismo, comércio e serviços. A diversidade de usos ao longo do tempo demonstra a capacidade do parque de se adaptar a diferentes demandas sociais e de continuar como espaço estratégico para a memória coletiva e para o desenvolvimento cultural e econômico de Sanclerlândia.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025



SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens






MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Igreja de São Sebastião em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Igreja de São Sebastião					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Igreja de São Sebastião			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
Av. Cinco de Janeiro, 838		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3. PROPRIEDADE			
Latitude	- 6.19764639852 7638		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.3151931356 8597	X	Privada	Igreja Católica	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5. CONTEXTO		6. PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8. ESTADO DE PRESERVAÇÃO	DE	9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO	DE	X Nenhuma	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					

<p>Fachada Frontal 2025</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p>Vista da Igreja em 2016 – Antes da reforma</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (2025).</p>	
<p>Vista do interior da Igreja 2025</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p>Croqui da fachada Frontal realizado em visita técnica</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	
<p>11.DADOS COMPLEMENTARES</p>		
<p>11.1.Informações Históricas (síntese)</p> <p>A Igreja de São Sebastião, erguida no início da formação do povoado que daria origem a Sanclerlândia em 1958, é um dos marcos fundadores da cidade. Construída coletivamente pelos primeiros moradores, funcionou como núcleo religioso e social, abrigando missas, batizados, casamentos e festas do padroeiro. Com o crescimento urbano e a transferência das principais atividades religiosas para a Igreja Matriz, perdeu a centralidade, mas mantém forte valor simbólico como lembrança das origens e da coesão comunitária sanclerlandense.</p>		
<p>11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)</p> <p>Nas décadas seguintes, a igrejinha de São Sebastião tornou-se ponto de encontro e referência para moradores e visitantes. Ao seu redor surgiram pequenos comércios e espaços de convivência, fazendo dela um centro irradiador de sociabilidade. Com a expansão urbana e o crescimento populacional, parte das atividades religiosas migrou para a nova Igreja Matriz de São Sebastião, mais ampla e próxima à atual Praça Três Poderes. Ainda assim, a antiga igreja manteve forte valor simbólico, preservando memórias afetivas de gerações e permanecendo como marco das origens e da identidade histórica de Sanclerlândia.</p>		
<p>12. PREENCHIMENTO</p>		
<p>12.1. Entidade</p>	<p>Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo</p>	<p>12.2. Data</p>
<p>12.3. Responsável</p>	<p>Luan Douglas Ferreira Elias</p>	<p>22/09/2025</p>
 <p>SICC . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura</p>		

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais o Antigo Laticínio em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Sanplast Industria e Comércio de Produtos Recicláveis					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Sanplast Industria e Comercio de Produtos Recicláveis			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)			2.5.Código Postal		
R. da Indústria, 426-704			76.160-000		
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.202535173243 83	X	Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.310749313971 16		Privada	Prefeitura Municipal	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8. ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X	Nenhuma
	Íntegro		Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	
X	Pouco alterado	X	Precário	7.1 Tipo/ legislação incidente	
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					

<p>Vista do portão da entrada principal</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p>Vista do Pátio interno</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	
<p>Tanques de lavagem de queijos, hoje utilizados para lavar os materiais para reciclagem</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p>Maquinário de moagem de sacos da Sanplast</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	
<p>11.DADOS COMPLEMENTARES</p>		
<p>11.1.Informações Históricas (síntese)</p>		
<p>O Laticínio Laticínio Flor Goiana foi instalado em Sanclerlândia em 1958, marcando a transição da economia local de base agrícola para uma lógica industrial. Criado para agregar valor ao leite produzido nas fazendas vizinhas tornou-se o principal empregador da cidade e fortaleceu o elo entre o meio rural e o urbano. Décadas depois, a fábrica foi adquirida por uma multinacional do setor alimentício (Leitebom), consolidando-se como polo econômico regional. Por volta dos anos 2010, suas atividades foram encerradas, causando impacto direto nos empregos e na cadeia produtiva do leite. Em 2018, o prédio foi adaptado para abrigar uma empresa de reciclagem, marcando a mudança de função econômica.</p>		
<p>11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)</p>		
<p>Atualmente uma empresa de reciclagem recebe fortes críticas da população local devido ao mau cheiro que se espalha pela região, afetando a qualidade de vida dos moradores do entorno. Essa situação evidencia como transformações econômicas sem planejamento adequado podem comprometer o bem-estar urbano. O local, que outrora representou progresso industrial e segurança econômica, hoje é percebido com ambivalência: permanece como marco físico da memória produtiva da cidade, mas também se tornou foco de conflitos ambientais e de insatisfação social.</p>		
<p>12. PREENCHIMENTO</p>		
<p>12.1. Entidade</p>	<p>Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo</p>	<p>12.2. Data</p>
<p>12.3. Responsável</p>	<p>Luan Douglas Ferreira Elias</p>	<p>22/09/2025</p>
 <p>SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura</p>		

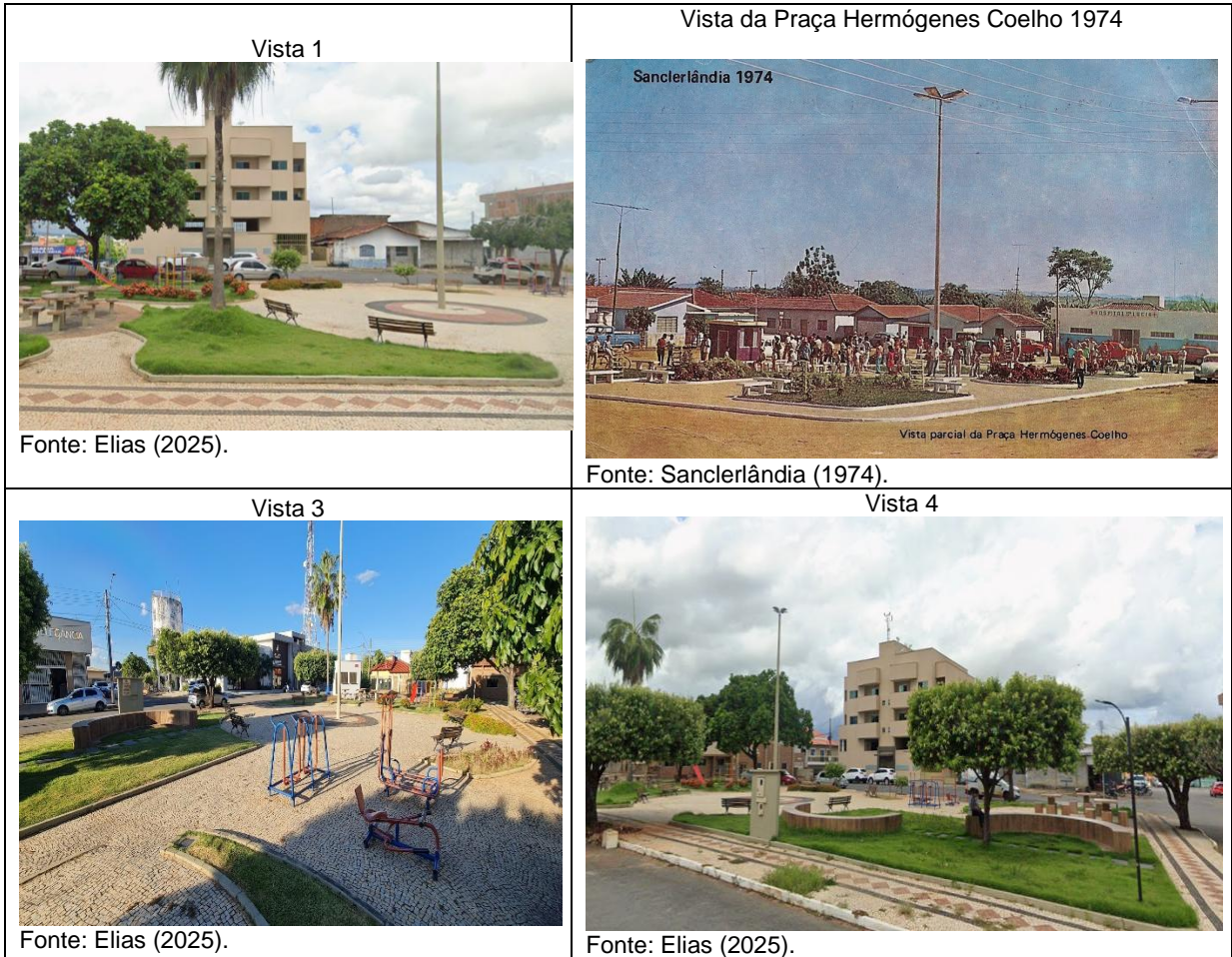
Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Estação Rodoviária em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Estação Rodoviária – Rodoviária de Sanclerlândia					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Estação Rodoviária de Sanclerlândia			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
R. Leivina de Jesus, 1-111		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.203366912932 218		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.305841460531 32	X	Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(62) 99215-9816	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO PRESERVAÇÃO		9.ESTADO CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					

<p style="text-align: center;">Fachada Frontal</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p style="text-align: center;">Vista aérea da rodoviária década de 1980</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (1984).</p>	
<p style="text-align: center;">Vista 1</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p style="text-align: center;">Vista 2</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	
<p>11.DADOS COMPLEMENTARES</p>		
<p>11.1.Informações Históricas (síntese)</p>		
<p>A Estação Rodoviária de Sanclerlândia, construída na década de 1980, surgiu no contexto da pavimentação das rodovias GO-164 e GO-326, que impulsionaram a integração regional e reforçaram o papel do município como ponto de ligação com Goiânia e outras cidades. Durante anos, foi o principal ponto de embarque e desembarque de passageiros, recebendo linhas intermunicipais e interestaduais, inclusive rotas longas, como a ligação até Cocalinho (MT) e tornou-se cenário marcante de chegadas, partidas e reencontros familiares. O intenso fluxo de viajantes movimentava o comércio local (bares, lanchonetes, táxis e mototáxis) e fortalecia a economia de serviços ligada ao transporte coletivo. Além de sua função prática, o terminal se tornou símbolo de mobilidade e progresso, marcando gerações de moradores com histórias de viagens, mudanças e reencontros familiares.</p>		
<p>11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)</p>		
<p>Atualmente, a rodoviária conta com poucas linhas ativas e o transporte rodoviário encontra-se precário, com horários reduzidos e estrutura que carece de manutenção e melhorias. A diminuição da oferta de rotas e o avanço do transporte particular reduziram seu movimento, comprometendo sua função como principal ponto de conexão regional. Apesar disso, o espaço permanece significativo para a memória coletiva, associado a histórias de viagens, mudanças de vida e ao período em que Sanclerlândia era fortemente conectada por ônibus a outras cidades do estado e regiões vizinhas.</p>		
<p>12. PREENCHIMENTO</p>		
<p>12.1. Entidade</p>	<p>Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo</p>	<p>12.2. Data</p>
<p>12.3. Responsável</p>	<p>Luan Douglas Ferreira Elias</p>	<p>22/09/2025</p>
<div style="display: flex; align-items: center;">  <p>SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura</p> </div>		

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Praça Hermógenes Coelho em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Praça Hermógenes Coelho – Pracinha do Hospital velho					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Praça Hermógenes Coelho			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
Praça Hermógenes Coelho St. Bela Vista		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.1975028672 70426		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.3130463135 3035	X	Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
X	Muito alterado		Em arruinamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					



11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

A Praça Hermógenes Coelho ocupa o local onde, nas primeiras décadas do povoado do Cruzeiro (atual Sanclerlândia), havia um campo de futebol e um cruzeiro, que serviam como ponto de referência e encontro comunitário. Posteriormente, o espaço foi urbanizado e transformado em praça pública em frente ao hospital municipal, consolidando-se como um dos primeiros lugares de convivência urbana da cidade. Com o tempo, passou por alterações físicas e recebeu o nome de Praça Hermógenes Coelho, mas manteve seu papel como ponto de encontro e sociabilidade.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

Durante os anos 1970, o então prefeito Olívio instalou no local uma televisão preto e branco que reunia moradores para assistir transmissões coletivamente, criando fortes memórias afetivas e simbolizando o primeiro contato de muitos com a tecnologia. Até hoje a praça funciona como espaço cotidiano de convivência, onde moradores se encontram, descansam e socializam, preservando seu caráter comunitário apesar das transformações físicas ao longo do tempo.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025







SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO				
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)				
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.				
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)				
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo um dos pontos focais a antiga Quadra de esportes em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.				
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan	
Quadra de esportes CPMG 5 de Janeiro				
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE				
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade		
GO	Sanclerlândia	CEPMG 5 de janeiro		
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal		
Av. Cinco de Janeiro, S/Nº, Centro		76.160-000		
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE		
Latitude	- 16.20045140 900568		Pública	
Longitude	- 50.30753324 7232705	X	Privada	
Altitude [m]			Mista	
Erro Horiz. [m]			Outra	
		3.1. Identificação do Proprietário		
		CEPMG 5 de janeiro		
		3.2. Contatos		
		(64) 3679-1655		
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido
8. ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X
X	Íntegro	X	Bom	Nenhuma
	Pouco alterado		Precário	6.1. Tipo/ legislação incidente
	Muito alterado		Em arruamento	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Descaracterizado		Arruinado	
10. IMAGENS				

<p>Fachada Frontal</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (década de 1990).</p>	<p>Vista da antiga fachada após anexo ao colégio</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>
<p>Estacionamento do CRAS onde ficava a quadra de areia</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	<p>Vista interna da quadra na década de 90</p>  <p>Fonte: CPMG 5 de Janeiro (década de 1990).</p>
<p>Vista interna da quadra na década de 90</p>  <p>Fonte: CPMG 5 de Janeiro (década de 1990).</p>	<p>Arquibancada da quadra em jogo interclasse da escola 5 de Janeiro na década de 90</p>  <p>Fonte: Elias (década de 1990).</p>

11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

A antiga quadra municipal de esportes foi, por décadas, um espaço central de lazer e convivência em Sanclerlândia, palco de jogos, eventos comunitários e ponto de encontro de jovens. A quadra foi cedida ao Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás 5 de Janeiro e passou a ser de uso exclusivo do Colégio. O partido arquitetônico dessa edificação era simples e funcional, traduzia-se em um volume retangular com grande vão livre coberto por estrutura em duas águas. As laterais semiabertas garantiam ventilação e iluminação natural, enquanto a arquibancada em concreto organizava o uso social do espaço. O piso em concreto polido permite a prática de diversos esportes.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

A relação da quadra com o entorno também constituía um elemento essencial da leitura arquitetônica. Sua implantação favorecia uma permeabilidade visual ampla tanto com a rua quanto com o bairro adjacente. Embora o edifício não fosse cercado, seu uso era controlado e a abertura ocorria apenas sob supervisão de um responsável.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025

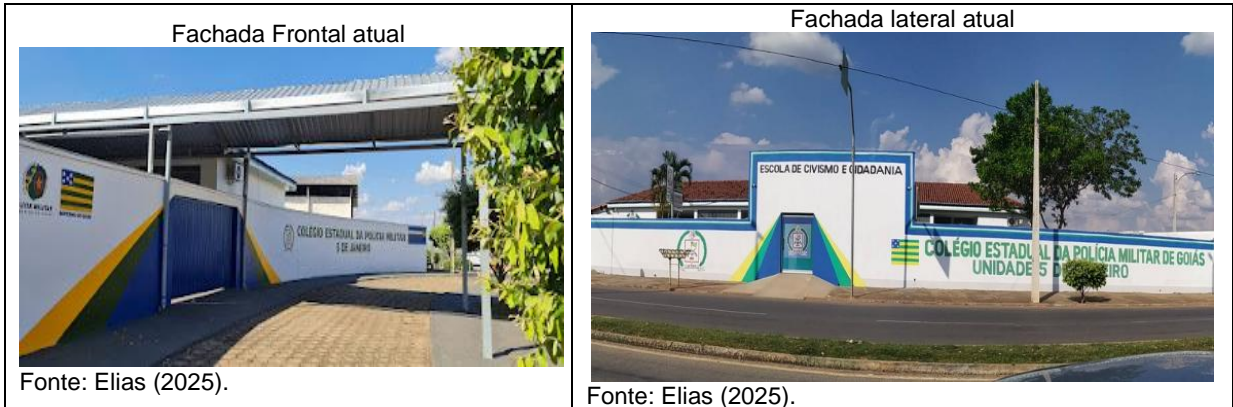


SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais o CEPMG 5 de janeiro em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás 5 de Janeiro – 5 de Janeiro – Escola militar					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	CEPMG 5 de janeiro			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)			2.5.Código Postal		
Av. Cinco de Janeiro, Nº 1 – centro			76.160-000		
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitudo	-16.20111449842601	X	Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	-50.307800320893016		Privada	Estado de Goiás	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1655	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
X	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					



11. DADOS COMPLEMENTARES

11.1. Informações Históricas (síntese)

A Escola Estadual 5 de Janeiro, localizada na Avenida 5 de Janeiro, no centro de Sanclerlândia, foi criada pela Lei nº 8.408 de 19/01/1978 e reconhecida oficialmente em 1985, passando a oferecer do 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Seu nome homenageia a emancipação do município em 5 de janeiro de 1964, conquista liderada por Olívio Rodrigues de Mendonça, primeiro professor da cidade e figura central na luta pela independência política local. Em 2018, foi transformada em Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CPMG) 5 de Janeiro, passando a integrar a rede de colégios militares do estado, mas mantendo sua relevância histórica e simbólica para a comunidade.

11.2. Outras informações (especializadas, temáticas...)

A escola permanece como um dos principais polos de formação educacional de Sanclerlândia, tendo como principal mudança em seu atendimento o método de acesso, agora realizado por sorteio, além da ampliação do atendimento ao Ensino Médio. O edifício passou por reformas e anexações, que modificaram parcialmente sua configuração original. Por décadas, a antiga Escola 5 de Janeiro foi referência comunitária, marcando gerações de estudantes e funcionando como espaço de convivência social por meio de seus eventos escolares. Com a transformação em CPMG, a instituição adotou disciplina militarizada e melhorou seus indicadores acadêmicos, ainda que com mudanças na dinâmica tradicional de uso. Mesmo assim, mantém forte valor simbólico e continua sendo lembrada como um dos lugares mais significativos da memória educacional da cidade.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025



SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a Feira Coberta em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Feira Coberta					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF	2.2.Município	2.3.Localidade			
GO	Sanclerlândia	Feira Coberta			
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)		2.5.Código Postal			
Av. Cinco de Janeiro, Nº 286 – Centro		76.160-000			
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.202612266441054		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.30607859426322	X	Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	
	Pouco alterado		Precário	7.1 Tipo/ legislação incidente	
	Muito alterado		Em arruinamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					

Vista da entrada da feira



Fonte: Elias (2025).

Vista posterior e lateral da feira



Fonte: Elias (2025).

Bancas de verduras e roupas



Fonte: Elias (2025).

Bancas dos produtores da agricultura familiar



Fonte: Elias (2025).

11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

A Feira Coberta de Sanclerlândia, construída provavelmente na década de 1980 para abrigar o comércio de produtores rurais, tornou-se um dos espaços mais tradicionais de sociabilidade e economia da cidade. Embora a Prefeitura não possua registro oficial da data exata de sua construção, sabe-se que o local foi criado para organizar e proteger as vendas dos agricultores e pequenos comerciantes, oferecendo cobertura contra sol e chuva e estabelecendo um ponto fixo de encontro entre moradores e visitantes. Desde então, consolidou-se como um marco do abastecimento e da vida comunitária, conectando o meio rural ao urbano.

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

Edificação simples e funcional, composta por estrutura metálica e cobertura em duas águas, também metálica, apoiada sobre pilares com fechamentos laterais parcialmente abertos que garantem boa ventilação e iluminação natural. O espaço interno possui planta livre e piso em concreto, permitindo organização flexível das bancas. Aos domingos, a feira se expande para o estacionamento, onde tendas externas acomodam novos vendedores

Mesmo com adaptações ao longo dos anos, o local mantém sua função original como ponto de comercialização de alimentos frescos, artesanato e produtos rurais, consolidando-se como lugar de encontro, troca de saberes e símbolo da identidade comunitária.

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo	12.2. Data
12.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias	22/09/2025



SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura

Ficha **M301** – Cadastro de bens**MÓDULO CADASTRO**

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1 Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais o Lago Jatobá em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras)			1.4. Código Identificador Iphan		
Lago Jatobá					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE					
2.1.UF		2.2.Município		2.3.Localidade	
GO		Sanclerlândia		Lago Jatobá	
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)			2.5.Código Postal		
R. Um - Setor Portal do Lago			76.160-000		
2.6.Coordenadas Geográficas		3.PROPRIEDADE			
Latitude	- 16.210986685147 205		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	- 50.302464015342 56	X	Privada	Prefeitura Municipal de Sanclerlândia	
Altitude [m]			Mista	3.2. Contatos	
Erro Horiz. [m]			Outra	(64) 3679-1751	
4. NATUREZA DO BEM		5.CONTEXTO		6.PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico		Rural	Patrimônio mundial	Patrimônio mundial
	Bem paleontológico	X	Urbano	Federal/ individual	Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado	Federal/ conjunto	Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado	Estadual/ individual	Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto	Estadual/ conjunto	Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado	Municipal/ individual	X Municipal/ individual
4.1 Classificação				Municipal/ conjunto	Municipal/ conjunto
				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8.ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9.ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
X	Íntegro	X	Bom	6.1. Tipo/ legislação incidente	7.1 Tipo/ legislação incidente
	Pouco alterado		Precário		
	Muito alterado		Em arruamento		
	Descaracterizado		Arruinado		
10. IMAGENS					

<p>Fachada Frontal</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (2025).</p>	<p>Vista aérea</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (2025).</p>	
<p>Praça de alimentação e deck do pedalinho</p>  <p>Fonte: Sanclerlândia (2025).</p>	<p>Detalhe de paginação de piso em mosaico igual ao da Praça 3 poderes</p>  <p>Fonte: Elias (2025).</p>	
<p>11.DADOS COMPLEMENTARES</p>		
<p>11.1.Informações Históricas (síntese)</p>		
<p>O Lago Jatobá foi inaugurado em 9 de maio de 2024 como um novo espaço público de lazer e convivência em Sanclerlândia. Implantado em área natural adaptada para receber a população, tornou-se rapidamente um ponto de encontro para caminhadas, atividades recreativas e momentos de descanso. Hoje é utilizado por famílias, crianças e pessoas que buscam contato com a natureza e práticas de bem-estar, sendo visto como um potencial novo “lugar de memória” por sua capacidade de criar vínculos afetivos e fortalecer a identidade urbana contemporânea da cidade.</p>		
<p>11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)</p>		
<p>O Lago Jatobá configura um parque urbano linear implantado no fundo de vale, articulando áreas verdes, espelhos d’água e percursos de pedestres. Possui calçadas de passeio contínuas, com pavimentação em mosaico pré-moldado com padrão geométrico, semelhante ao adotado na Praça Três Poderes. A topografia foi moldada para conformar taludes gramados, percursos curvos e pequenas praças de estar. A iluminação é predominantemente composta por postes altos, distribuídos ao longo das margens. O conjunto inclui pontes metálicas e decks de madeira utilizados tanto como mirantes quanto como apoio às atividades do pedalinho. Esses equipamentos reforçam o caráter recreativo do lago.</p>		
<p>12. PREENCHIMENTO</p>		
<p>12.1. Entidade</p>	<p>Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo</p>	<p>12.2. Data</p>
<p>12.3. Responsável</p>	<p>Luan Douglas Ferreira Elias</p>	<p>22/09/2025</p>
 <p>SICG . Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura</p>		

4.3. MEMÓRIA FALADA: PERCEPÇÕES SOCIAIS SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA EM SANCLERLÂNDIA

Entre os meses de agosto e novembro de 2025, foi aplicado um questionário aberto e semiestruturado a cinquenta moradores de Sanclerlândia, abrangendo diferentes gêneros, faixas etárias, profissões e setores urbanos. O levantamento teve como objetivo compreender, pela ótica da própria população, quais espaços urbanos são reconhecidos como lugares de memória e como esses locais se relacionam com o sentimento de pertencimento à cidade.

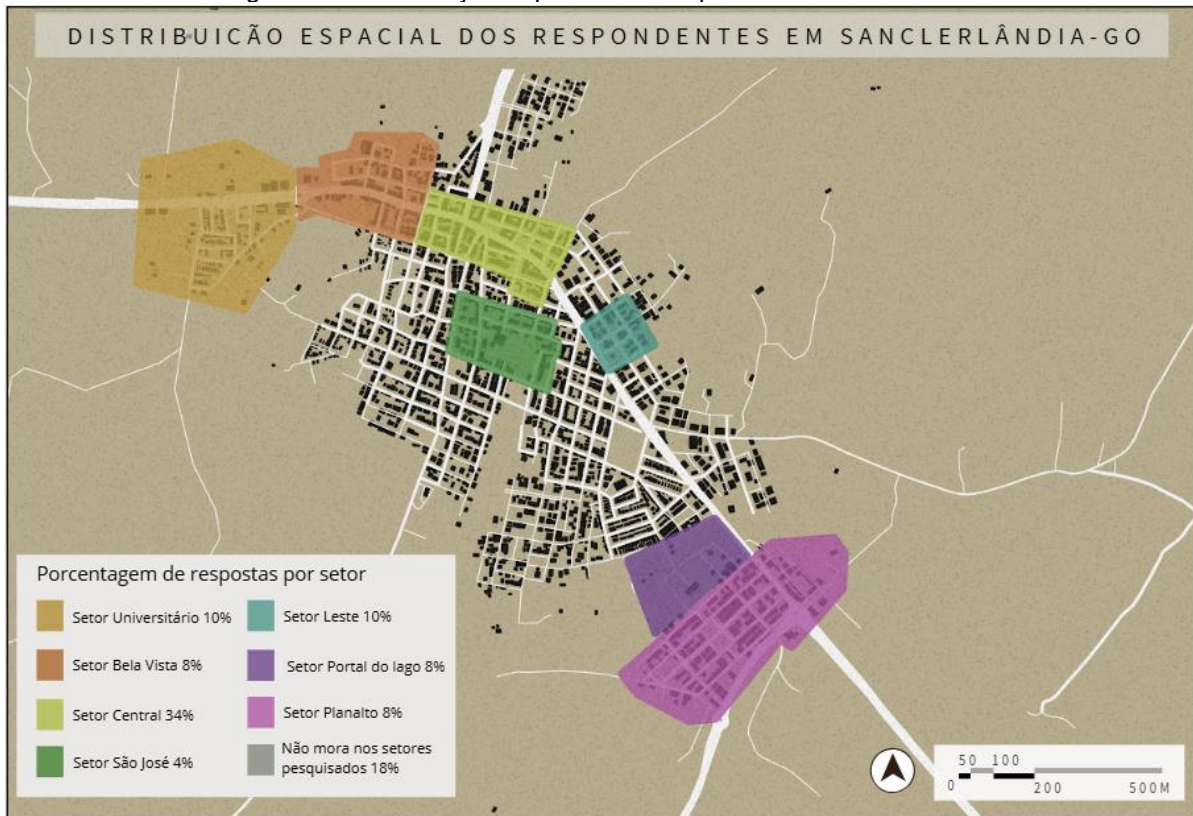
A coleta de dados foi realizada tanto de forma presencial, durante visitas e conversas com moradores em diferentes pontos da cidade quanto por meio online, através de um formulário digital, o que ampliou o alcance da pesquisa e possibilitou a participação de diferentes faixas etárias e bairros. Essa combinação de métodos buscou assegurar uma leitura ampliada e representativa das percepções sobre Sanclerlândia, valorizando tanto as vivências cotidianas quanto os olhares mais recentes sobre o espaço urbano.

Essa etapa final da pesquisa complementa as análises técnicas realizadas nas fichas M301 do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG/IPHAN), apresentadas no item anterior, redirecionando o foco dos aspectos morfológicos e tipológicos para a dimensão simbólica e afetiva dos espaços.

A amostra de cinquenta participantes foi distribuída entre os principais setores da cidade, como o Centro, Planalto, Bela Vista, Universitário, São José, Portal do Lago, Leste e outros, de modo a conferir representatividade territorial e diversidade de experiências. Esses setores também concentram os principais lugares de memória identificados pela pesquisa, reforçando a ligação entre o espaço vivido e o espaço lembrado.

A Figura 15 apresenta a distribuição espacial dos respondentes, concentrando-se principalmente no setor Central, que também reúne os principais equipamentos urbanos e espaços de memória citados no questionário.

Figura 15 - Distribuição espacial dos respondentes em Sanclerlândia-GO

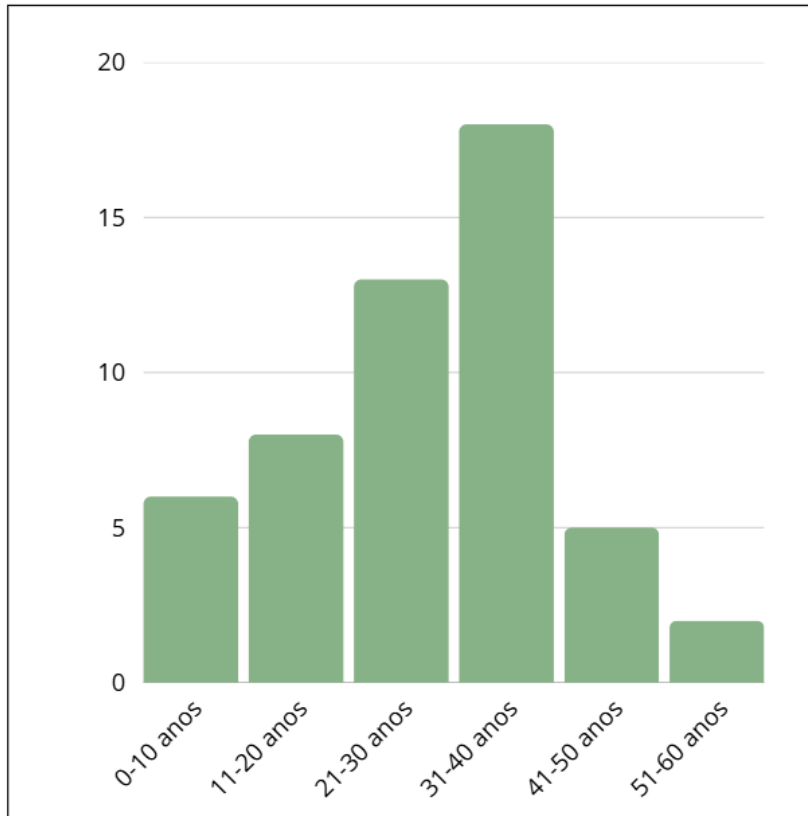


Fonte: Elias (2025).

Outro dado importante diz respeito ao tempo de moradia e à experiência dos participantes na cidade. Conforme ilustra a Figura 16, a maior parte dos entrevistados vive em Sanclerlândia há longos períodos: 36% residem entre 31 e 40 anos, seguidos por 26% entre 21 e 30 anos e 16% entre 11 e 20 anos. Apenas uma pequena parcela, cerca de 6%, mora há menos de dez anos, enquanto 4% ultrapassam os cinquenta anos de residência. Esses dados revelam que a amostra é composta majoritariamente por pessoas que acompanharam de perto as transformações urbanas, culturais e sociais da cidade, possuindo, portanto, um repertório de memórias diretamente ligado à vivência cotidiana.

Esse recorte temporal evidencia tanto moradores que vivenciaram as antigas formas de sociabilidade, marcadas pelas festas, feiras e convivência nas praças, quanto aqueles que estão construindo novas relações com a cidade em um contexto mais recente de modernização. A coexistência entre memórias e percepções contemporâneas enriquece o entendimento sobre os lugares de memória, revelando como diferentes gerações atribuem significados variados aos mesmos espaços.

Figura 16 - Tempo de residência dos participantes em Sanclerlândia



Fonte: Elias (2025).

Como observa Halbwachs (1990), a lembrança não se mantém apenas individualmente, mas por meio de grupos sociais que compartilham uma história e um território comum. Em Sanclerlândia, esse espaço compartilhado materializa-se justamente nos lugares que juntam experiências, afetos e identidades. Entre esses espaços, a Praça Três Poderes foi o mais lembrado pelos participantes, reafirmando-se como o principal “lugar de encontro” da cidade. As respostas revelam um elo afetivo contínuo, marcado pela convivência, pelas festas e pelas transformações que acompanharam o passar do tempo.

Além da Praça Três Poderes, os moradores reconhecem uma variedade de espaços como parte essencial da memória urbana da cidade. Esse reconhecimento abrange tanto equipamentos públicos, como escolas tradicionais, ginásio de esportes e igrejas, quanto elementos cotidianos, como casas antigas e espaços de convivência. Essa diversidade confirma que a memória urbana de Sanclerlândia não se ancora apenas em marcos monumentais, mas em locais que concentraram sociabilidade, rotinas e experiências que moldaram várias gerações.

Os relatos também revelam que muitos desses espaços passaram por transformações significativas ao longo dos anos. Algumas são vistas como melhorias, como reformas estruturais em escolas ou no Parque Agropecuário. No entanto, grande parte das mudanças foi percebida como perda simbólica. A descaracterização da Praça Três Poderes aparece repetidamente como exemplo dessa ruptura, assim como a mudança da Escola 5 de Janeiro, que perdeu áreas verdes e referências espaciais importantes para ex-alunos.

Sim, depois que o 5 de janeiro virou militar mudou muito, a começar pela entrada que mudou de lado, internamente onde tinha bastante grama foi totalmente cimentado e a escola foi toda murada.¹¹

Essas percepções reforçam a crítica teórica de Choay e Nora: quando intervenções urbanas ignoram as camadas de significado acumuladas no espaço, corre-se o risco de romper vínculos identitários construídos coletivamente. Em Sanclerlândia, esse impacto é visível não apenas em grandes equipamentos, mas também em elementos simples, como o desaparecimento de árvores nas calçadas ou de pequenos artefatos urbanos, mudanças que, para moradores, alteram profundamente o “clima afetivo” dos lugares. “Guardo viva a memória das brincadeiras de crianças nas ruas, das pessoas reunidas nas calçadas à noite conversando e olhando as crianças brincar”.¹²

Os entrevistados também mencionaram perdas que gostariam de ter evitado. Entre as mais citadas estão a antiga fonte da Praça Três Poderes, lembrada com afeto por um morador ao afirmar: “Na Praça Três Poderes tinha uma fonte, que quando estava funcionando, era um espetáculo.”¹³

Outro ponto recorrente nas respostas diz respeito à arborização urbana, cuja ausência foi associada à perda do conforto e da identidade local:

“A arborização de toda a cidade. Me lembro como se fosse hoje, todas as calçadas eram arborizadas, as praças também, hoje em dia é raro ver uma árvore na calçada ou nas praças.”¹⁴

¹¹ Resposta de um participante do questionário, ao comentar como a transformação da Escola 5 de Janeiro afetou o espaço físico.

¹² Relato de um participante do questionário sobre as práticas cotidianas como parte da memória afetiva urbana.

¹³ Resposta de um participante do questionário que aponta elementos simbólicos da Praça Três Poderes cuja perda impactou a memória afetiva dos moradores.

¹⁴ Resposta de um morador destacando como a retirada de árvores alterou a paisagem e o conforto dos espaços públicos.

A ausência de instituições também surge como perda simbólica, especialmente o fechamento da UEG, mencionado como ruptura de oportunidades e de pertencimento:

“Gostaria que a UEG ainda estivesse aberta, atualmente os jovens têm que procurar outras cidades para estudar em uma universidade, era muito bom quando ela era aberta.”¹⁵

Além disso, moradores lamentam o fim de eventos tradicionais, como o Jeep Cross, lembrado como um dos momentos mais marcantes da vida comunitária: “O Jeep Cross era a festa que mais movimentava a cidade, reunia muita gente e trazia visitantes de toda a região”.¹⁶

Por fim, alguns relatos destacam mudanças positivas na apropriação dos espaços públicos após a pandemia, como no caso da Praça Três Poderes, onde um morador observa:

“Depois da pandemia notei que as pessoas voltaram a se apropriar do espaço: hoje é comum ver famílias levando caixa térmica, crianças andando de bicicleta e grupos se reunindo para conversar.”¹⁷

Esses relatos evidenciam que as perdas sentidas não são apenas arquitetônicas, mas culturais, sonoras e emocionais, alcançando dimensões do cotidiano que nem sempre aparecem nos planejamentos urbanos.

Da mesma forma, quando perguntados sobre o que não deveria desaparecer de forma alguma, os moradores mencionam a pecuária, a própria Praça Três Poderes, a Igreja São Sebastião, as manifestações culturais, as casas antigas e, de forma marcante, a arborização urbana. Há um pedido claro pela preservação da “característica original” dos espaços, não como resistência ao novo, mas como defesa da autenticidade que diferencia Sanclerlândia de qualquer outra cidade.

Apesar das perdas, os moradores demonstram consciência crítica e apontam caminhos de melhoria. Entre as sugestões, destacam-se a ampliação de áreas sombreadas, a melhoria da iluminação pública, a restauração de prédios históricos, a criação de banheiros públicos, o retorno de práticas culturais e o melhor aproveitamento de espaços como a Feira Coberta, vista como subutilizada, mas com

¹⁵ Resposta que um participante do questionário que evidencia o impacto social e simbólico do fechamento da UEG.

¹⁶ Relato que aborda o Jeep Cross como evento marcante do calendário comunitário e símbolo de integração social na cidade.

¹⁷ Relato que descreve a retomada do uso cotidiano da praça pelas famílias após a pandemia, destacando novas formas de ocupação do espaço público.

grande potencial social e comunitário. Essa percepção é sintetizada no relato de um morador, ao afirmar:

“Creio que deve manter, quando possível e viável, as estruturas físicas como são, valorizando a história da época, ou registrar de outras formas esses espaços, como fotografias, maquetes e expor em algum espaço.”¹⁸

No conjunto, as falas evidenciam que a memória urbana de Sanclerlândia permanece viva porque está enraizada na relação cotidiana entre as pessoas e seus lugares. As transformações recentes, quando desconsideram essa dimensão simbólica, provocam afastamento, mas o reconhecimento coletivo do valor desses espaços indica que ainda há forte potencial para ações de preservação sensíveis ao passado e às identidades locais.

Mais do que identificar perdas e permanências, os relatos mostram algo ainda mais profundo: a memória da cidade é tecida não apenas pelos espaços formais, mas pelas vivências que transbordam deles. Essa camada afetiva, presente em gestos simples, encontros cotidianos e tradições partilhadas, amplia a compreensão sobre o que significa lembrar Sanclerlândia.

Se até aqui prevalecem percepções relacionadas a lugares específicos, as memórias espontâneas mostram que a cidade também se constitui em práticas diárias que não dependem de edificações ou monumentos. Diversos moradores relembram com carinho a convivência nas ruas, as crianças brincando até tarde enquanto adultos conversavam nas calçadas, num ritual que fortalecia laços de vizinhança e segurança comunitária. Essa dinâmica aparece de forma marcante no relato:

“Guardo viva na memória as brincadeiras de crianças nas ruas, as pessoas reunidas à noite, sentadas nas calçadas, em bancos colocando os assuntos em dia e olhando as crianças brincando, alguns adultos até entrava nas brincadeiras. Ah, como era bom!”¹⁹

Essas lembranças evidenciam que o espaço urbano funcionava como extensão da vida doméstica, expressando uma sociabilidade típica das cidades pequenas.

As festas tradicionais, sobretudo aquelas realizadas no Parque de Exposições Agropecuárias, aparecem como outro eixo estruturante da lembrança coletiva. Os moradores descrevem esses eventos como experiências intensas e multissensoriais, capazes de mobilizar a cidade inteira: música, cheiro de comida, encontros

¹⁸ Relato que sintetiza a expectativa pela preservação das características originais dos espaços, com intervenções sensíveis à memória e alternativas de registro histórico.

¹⁹ Relato que descreve as práticas cotidianas de convivência nas ruas e calçadas como parte fundamental da memória afetiva urbana.

espontâneos e uma sensação de celebração compartilhada que ultrapassava os limites físicos do município. Essa atmosfera aparece de forma vívida no relato:

“As festas no parque de exposição de Sanclerlândia sempre pareciam maiores do que a própria cidade. Dava pra ouvir o som lá da praça. Me lembro das luzes das barracas de comida, o cheiro de churrasco, o povo conversando alto, todo mundo se esbarrando e rindo como se todo mundo se conhecesse, porque realmente se conhecia mesmo.”²⁰

Esses relatos confirmam que a memória urbana também se apoia em atmosferas, sons e sensações que permanecem mesmo após transformações espaciais.

Não distante, a religiosidade e as práticas culturais do passado também emergem como componentes importantes da identidade afetiva. Um dos depoimentos recorda com delicadeza as tardes passadas na casa das freiras, quando meninas se reuniam para aprender bordado, partilhar chás e participar de momentos de convivência que marcaram gerações. Essa atmosfera aparece nitidamente na fala de uma moradora:

“No meio da semana tinha a casa das freiras; a gente se reunia lá algumas poucas meninas para aprender a bordar, tomávamos chás, recordo dos lanches deliciosos... eram tardes abençoadas, momentos alegres e felizes em comunhão.”²¹

As escolas, por sua vez, surgem como cenários centrais de memória, não apenas pela sua função institucional, mas pela força simbólica das vivências ali construídas. Entre as falas, destaca-se a lembrança do sinal para o recreio, vivido como “uma libertação coletiva”, que transformava o pátio em espaço de encontro, brincadeira e construção de laços sociais. Esse sentimento aparece de forma vívida no relato:

“Lembro que na Escola 5 de Janeiro o sinal pro recreio era quase uma libertação coletiva. A gente nem esperava terminar de tocar pra já sair correndo no pátio e na grama. Era ali que a gente construía amizade sem nem perceber. E hoje, quando passo perto daquele espaço, eu ainda sinto um pedacinho daquela alegria leve, que só quem teve a infância naquela escola entende.”²²

Esses depoimentos demonstram que a memória urbana vai muito além da arquitetura escolar: ela reside na experiência compartilhada pelos que viveram aquele

²⁰ Relato que descreve a intensidade sensorial e coletiva das festas no Parque de Exposições, enfatizando sua importância como experiência comunitária e marco da memória urbana.

²¹ Relato que descreve práticas culturais e rotinas de convivência religiosa, ressaltando momentos de aprendizado, afeto e encontro comunitário na casa das freiras.

²² Relato que expressa vivências afetivas e vínculos comunitários construídos na Escola 5 de Janeiro, com destaque para o recreio como espaço de sociabilidade e formação de laços.

espaço. As tradições festivas que marcaram épocas, como o Jeep Cross, reforçam esse caráter identitário profundamente ligado à experiência sensorial e coletiva. Para muitos moradores, o evento não era apenas um espetáculo, mas um símbolo da vitalidade da cidade, capaz de transformá-la temporariamente em um polo de encontro regional. Essa presença marcante aparece no relato:

“Não é sobre a arquitetura, mas é sobre a cultura da cidade. Eu gostaria muito que voltassem com o Jeep Cross, era a festa mais importante da região e movimentava a economia da cidade inteira. Todo mundo queria uma roupa nova pra usar no Jeep Cross, sem contar que éramos conhecidos como a cidade do Jeep Cross.”²³

Por fim, diversas falas sintetizam a memória afetiva de Sanclerlândia na delicadeza do cotidiano: encontros casuais na praça, domingos na feira, brincadeiras improvisadas nos quintais, jogos no campo de terra, gincanas escolares que envolviam o bairro inteiro. Em um dos depoimentos mais representativos, um morador afirma que Sanclerlândia o marcou “nos detalhes simples. Os encontros que começavam sem planejamento, as conversas que surgiam do nada, as amizades que nasceram nos lugares mais comuns.”²⁴

Essas memórias mostram que preservar a identidade de Sanclerlândia significa muito mais do que proteger construções: significa reconhecer, fortalecer e manter vivos os vínculos afetivos, sociais e culturais que deram sentido ao uso desses espaços ao longo das décadas. É dessa camada sensível, a mais humana, que emerge a compreensão plena do que é, para seus moradores, pertencer à cidade.

4.4. ANÁLISE DE SIGNIFICÂNCIA

De modo a aprofundar a leitura e registro dos edifícios e espaços valorizados na coleta de dados por meio de questionário, foi elaborada uma nova ficha de inventário, a Ficha M302 – Bem Imóvel: Arquitetura – Caracterização Externa. Essa ficha, integrante do Módulo Cadastro da mesma metodologia SICG, permite um exame mais detalhado dos aspectos formais, construtivos e de conservação de cada bem, abrangendo informações sobre tipologia, uso original e atual, técnicas e

²³ Relato que destaca o Jeep Cross como um dos principais marcadores culturais e econômicos da cidade, reforçando sua importância simbólica e identitária para a comunidade.

²⁴ Relato que sintetiza a importância das práticas cotidianas e dos encontros espontâneos como fundamento da memória afetiva urbana.

materiais, estado de preservação e significados simbólicos associados ao patrimônio estudado.

Dois objetos se destacaram na investigação participante: “a Praça Três Poderes e o Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás 5 de Janeiro. Ambos representam dimensões complementares da vida urbana local: a primeira, como espaço cívico e simbólico central; o segundo, como eixo formador de identidades e vínculos educacionais duradouros.

4.4.1. Praça 3 Poderes

A Praça Três Poderes constitui o principal espaço de referência simbólica e social de Sanclerlândia, articulando funções cívicas, culturais e cotidianas. Situada no coração da cidade, abriga eventos públicos, manifestações religiosas, apresentações escolares e encontros informais, consolidando-se como o ponto de confluência da vida urbana.

Nas últimas décadas, contudo, o espaço passou por mudanças significativas em sua configuração física, resultando na perda de elementos originais; como o desenho de piso, a fonte de água e parte da arborização; que comprometeram sua leitura histórica e sua identidade estética. Apesar das alterações, a praça mantém vitalidade social e afetiva, sendo continuamente apropriada pelos moradores como lugar de encontro e memória coletiva.

Ficha **M302** – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização externa

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais a **Praça Três Poderes** em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

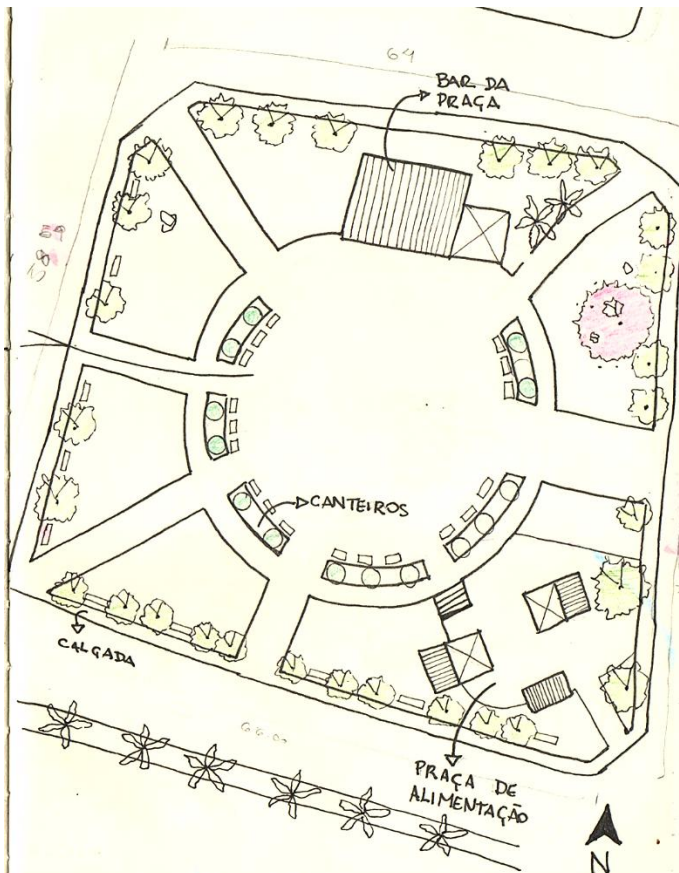
Praça Três Poderes

1.4. Código Identificador Iphan

Não possui

2. PLANTA/ CROQUI IMPLANTAÇÃO NO TERRENO

Croqui de Implantação da Praça Três Poderes 2025



Fonte: Elias (2025).

3. IMAGENS/ CROQUIS DAS FACHADAS

Vistas principais da Praça Três Poderes 2025




Fonte: Elias (2025).

4. TIPOLOGIA

5. ÉPOCA/ DATA DA CONSTRUÇÃO

6. TOPOGRAFIA DO TERRENO

	Religiosa	Década de 1970-1980		Plano	Acima da rua (nº)		
X	Civil	8. USO ORIGINAL	X	Em aclive	Abaixo da rua (nº)		
	Oficial	Espaço público de convivência e eventos cívicos		Em declive	Sótão	sim	X não
	Militar			Inclinado	Porão	sim	X não

	Industrial	9.USO ATUAL	Acidentado	Outros	
	Ferroviária	Espaço público de convivência e eventos cívicos	10. MEDIDAS GERAIS DA EDIFICAÇÃO [m]		
	Outra		Altura fachada frontal		Altura da cumeeira
11. OBSERVAÇÕES			Altura fachada posterior		Altura total
<p>A Praça Três Poderes foi implantada entre as décadas de 1970 e 1980, período de consolidação do núcleo urbano de Sanclerlândia e de fortalecimento das instituições municipais após a emancipação política. Embora não haja registros oficiais do projeto original ou do autor responsável pelo desenho da praça, sabe-se que sua implantação esteve ligada à formação do centro cívico, integrando as sedes da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores, o que definiu seu caráter simbólico e institucional.</p> <p>Durante as décadas seguintes, a praça tornou-se o principal espaço público de sociabilidade, palco de eventos cívicos, festas populares, apresentações escolares e manifestações comunitárias.</p>			Largura		Pé direito térreo
			Profundidade		Pé direito tipo
			12. FOTOS E ILUSTRAÇÕES DE DETALHES IMPORTANTES		
Vista do centro da Praça Três Poderes nos anos 1990					
					
Fonte: Arcevo Pessoal Elias (2025)					

Vista da entrada sudeste da Praça nos anos 1990



Fonte: Arcevo Pessoal Elias (2025).

Praça Três Poderes nas décadas de 1980 e 1990, com fonte central e pavimentação original



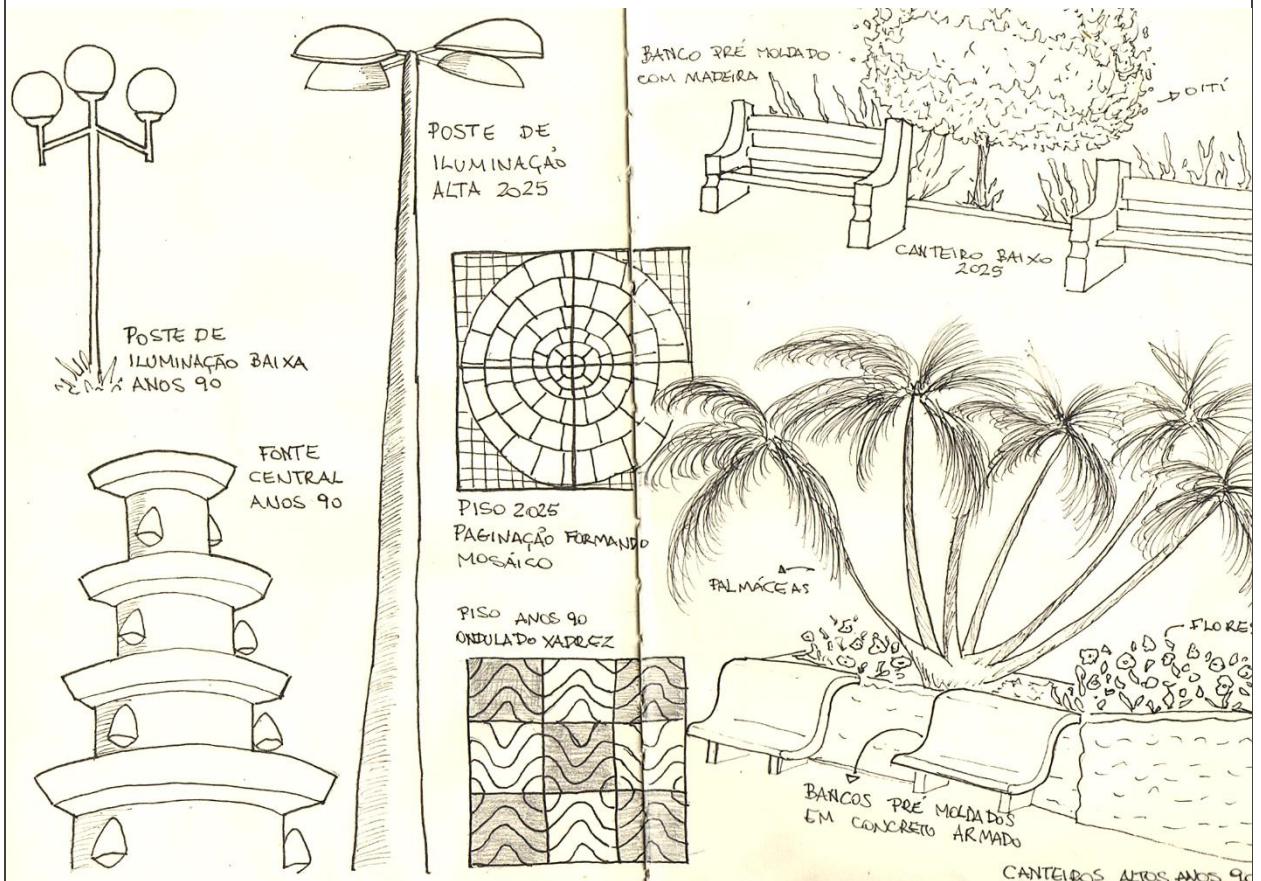
Fonte: à esquerda: Sanclerlândia Retrô (2024) e à direita: Arcevo Pessoal Elias (2025).

Vista aérea da Praça 3 poderes em 1984



Fonte: Sanclerlândia (1984).

Croqui comparativo de Mobiliários da praça: Antes e Depois da reforma



Fonte: Elias (2025).

13. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A Praça Três Poderes apresenta plano elevado em relação à via, acessado por rampas e escadarias centrais que conduzem ao espaço principal. Seu desenho original, datado das décadas de 1970–1980, organizava-se em setores ajardinados delimitados por canteiros elevados com padrões de relevo decorativo, integrando bancos fixos de concreto, iluminação em globos duplos e uma fonte central circular na praça de alimentação, elemento simbólico marcante.

Nas reformas recentes, o piso cerâmico quadriculado foi substituído por revestimento modular em concreto pré-moldado, em padrão circular e não exclusivo desse ambiente público, e parte da arborização original foi removida, alterando o sombreamento e a ambiência do local. O mobiliário urbano foi padronizado com bancos de concreto e madeira, e novos elementos, como tendas e quiosques de alvenaria, foram inseridos sem integração ao traçado paisagístico anterior.

O estado de conservação atual é bom, com estruturas íntegras e uso constante, mas o estado de preservação é muito alterado, dado o grau de descaracterização em relação ao projeto original; sobretudo pela remoção da fonte central, dos canteiros ornamentais e da configuração vegetal que compunha o cenário afetivo da praça.

13.1. Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

O piso original da Praça Três Poderes era composto por placas de cimento pigmentado nas cores preto e bege, dispostas em padrão xadrez, conferindo identidade própria ao espaço e articulando-se visualmente com os canteiros e a vegetação. Esse desenho geométrico, típico das praças goianas das décadas de 1970 e 1980, possuía forte valor simbólico e ajudava a distinguir o local como centro cívico e representativo do município.

Na última reforma, o revestimento foi substituído por blocos de concreto pré-moldado em padrão circular de leques concêntricos, alterando significativamente a estética original. Além disso, esse mesmo tipo de piso passou a ser utilizado em outras praças de Sanclerlândia, tornando-se um modelo padronizado na pavimentação dos espaços públicos da cidade. Essa repetição de materiais e padrões visuais provocou a perda da singularidade da Praça Três Poderes, que antes se destacava como referência identitária e simbólica no tecido urbano.

Apesar do bom estado de conservação física, o grau de preservação é muito alterado, pois o piso atual rompe com o traçado e o caráter visual originais, contribuindo para o processo de descaracterização e homogeneização da paisagem urbana.

13.2. Cobertura (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

A Praça Três Poderes, originalmente, não possuía coberturas fixas, sendo o sombreamento garantido pela arborização densa que integrava o projeto paisagístico das décadas de 1970–1980. As árvores de grande porte cumpriam papel essencial na criação de conforto térmico e na definição da ambiência do espaço.

Atualmente, o conjunto apresenta duas tipologias distintas de cobertura. Na área destinada à praça de alimentação, foram instaladas três tendas metálicas tubulares e com cobertura em lona sintética branca e azul, utilizadas para abrigar mesas e eventos ocasionais. Na setor norte da praça, localiza-se um bar construído em alvenaria, cuja cobertura é composta por telhas de fibrocimento onduladas, ocultadas por uma platibanda metálica.

As estruturas encontram-se em bom estado de conservação física, porém representam alterações significativas em relação ao projeto original, introduzindo materiais e formas que rompem a harmonia visual e descaracterizam parcialmente o conjunto paisagístico.

13.3. Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Por se tratar de um espaço aberto, a Praça Três Poderes não possui esquadrias no sentido construtivo, mas conta com elementos acessórios que compõem o mobiliário urbano e definem a ambiência do conjunto. O projeto original incluía bancos fixos de concreto armado, luminárias metálicas com globos duplos e triplos instalados em postes baixos, e lixeiras de ferro pintado. Esses elementos reforçavam o caráter cívico e a identidade visual do espaço.

Nas reformas recentes, o mobiliário foi substituído por bancos de concreto e madeira industrializada, padronizados conforme o modelo adotado em outras praças da cidade. As luminárias ornamentais originais foram removidas, dando lugar a postes altos de iluminação pública, com foco direcionado apenas às áreas centrais e de circulação. Não existem mais luminárias baixas, o que reduziu o conforto visual e o caráter intimista do espaço noturno, alterando a escala de percepção e a sensação de acolhimento.

Não há lixeiras instaladas, o que compromete a limpeza e a manutenção da praça, especialmente durante eventos e fins de semana.

Os elementos atuais encontram-se em bom estado físico, porém o conjunto apresenta alto grau de alteração estética e simbólica, devido à substituição integral dos equipamentos originais e à perda de singularidade decorrente da padronização dos componentes urbanos.

13.4. Palavras-chave

Praça Três Poderes; espaço público; Sanclerlândia; Goiás; piso pré-moldado; canteiros de pedra; bancos de concreto e madeira; postes altos de iluminação; descaracterização; reforma urbana; perda de identidade; mobiliário urbano; paisagem alterada; conservação física; padronização visual.

14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (etnológicas, arqueológicas e outras)

A Praça Três Poderes constitui um dos principais espaços de expressão cultural e social de Sanclerlândia, funcionando como palco de eventos coletivos e celebrações comunitárias. Desde sua implantação, abriga festividades religiosas, cívicas e populares, como desfiles escolares, apresentações culturais, comemorações da emancipação política e festas de final de ano. Esses eventos reforçam o sentimento de pertencimento e fazem da praça um lugar de memória compartilhada, onde gerações distintas convivem e reproduzem tradições locais.

Atualmente, o espaço também é utilizado para apresentações escolares e musicais, campanhas públicas de conscientização e encontros sociais informais, especialmente aos fins de semana, quando se torna um dos principais pontos de convivência da cidade. Tais usos contemporâneos demonstram a continuidade da função simbólica e social da praça, ainda que sob novas formas de apropriação.

Não há registros de vestígios arqueológicos ou coleções associadas, porém o espaço possui relevante valor etnológico, por concentrar manifestações de sociabilidade, lazer e cultura que expressam modos de vida urbanos típicos das pequenas cidades goianas.

Essas práticas reforçam a necessidade de preservação da praça como suporte material das manifestações culturais locais, garantindo a permanência dos vínculos simbólicos que estruturam a memória coletiva de Sanclerlândia.

15. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE

15.1. Planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível	15.4. Data
Croqui de situação e limites da Praça Três Poderes	Gráfica	Elaborado a partir de imagem aérea (Google Earth) e observação in loco.	10/10/2025
Vistas principais da Praça Três Poderes	Sem escala	Fotografias de campo – Acervo do autor.	14/09/2025

16. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS

6.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível	16.4. Data
Fotografias	9	Acervo do autor e Sanclerlândia Retro 2024; registros próprios realizados em trabalho de campo. Fotografias anexadas à Ficha M302	Entre 1984 e 2025

Desenhos	2	Croqui esquemático elaborado pelo autor com base em imagem aérea (Google Earth), observação in loco e registros fotográficos.	14/09/2025
Fontes Orais	50	Relatos de moradores sobre o uso e as transformações da Praça Três Poderes, registrados em questionário e diário de campo do autor.	2025
17. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS			
Bibliográficas:			
BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG: Manual do Módulo Cadastro. Brasília: IPHAN, [s.d.].			
Documentais e visuais:			
Fotografias de campo – acervo do autor (2025).			
Imagem aérea: Google Earth – Praça Três Poderes, Sanclerlândia-GO (captura em 2025).			
Registros orais e anotações em diário de campo – conversas informais com moradores de Sanclerlândia (2025).			
Arquivo Municipal de Sanclerlândia – acervo fotográfico histórico sobre memórias públicas (consulta em 2025).			
18. PREENCHIMENTO			
18.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo		18.2. Data
18.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias		11/10/2025

A análise da Praça Três Poderes demonstra que o bem não preserva integralmente sua relevância simbólica original, uma vez que parte significativa dos elementos que estruturavam sua identidade, como a fonte central, o desenho de piso, a iluminação ornamental e parte da arborização, foi removida ou substituída nas reformas recentes. Essas alterações provocaram redução do valor documental e perda da singularidade estética que caracterizava o conjunto paisagístico das décadas de 1980–1990.

Apesar disso, a praça mantém um núcleo expressivo de valor simbólico, sustentado principalmente pela continuidade de seu uso social e pela força afetiva que exerce sobre os moradores. Os relatos coletados mostram que, mesmo descaracterizada, ela permanece como principal espaço de encontro, convivência e celebração coletiva da cidade, funcionando como suporte ativo de memórias e práticas comunitárias que atravessam gerações.

Desta forma, evidencia-se uma divergência entre a permanência da função simbólica imaterial e a perda de seus suportes materiais originais. A Praça Três Poderes continua desempenhando papel central na vida urbana de Sanclerlândia, embora as alterações recentes indiquem um processo de esvaziamento de suas referências históricas, apontando para a importância de reflexões futuras sobre sua conservação e valorização.

4.4.2. CPMG 5 de Janeiro

O estudo do Colégio da Polícia Militar de Goiás 5 de Janeiro integra o conjunto de bens analisados neste trabalho por sua forte presença na memória coletiva de Sanclerlândia. No questionário aplicado à população, a antiga Escola Estadual 5 de Janeiro foi um dos bens mais citados como lugar de memória, especialmente por evocar vivências escolares, vínculos comunitários e experiências que marcaram diferentes gerações. Mais do que um equipamento educacional, a escola configurou-se historicamente como espaço de sociabilidade e formação identitária, assumindo um papel importante na vida urbana típica das cidades pequenas.

A transformação da unidade em CPMG introduziu mudanças significativas em sua gestão, estética e dinâmica de uso. A adoção do modelo militarizado alterou práticas cotidianas, normas disciplinares e a forma de apropriação do espaço, reduzindo parte do caráter aberto e comunitário que marcou a trajetória da instituição. Embora a função educacional tenha sido mantida, a reorganização física e simbólica do prédio modificou a relação afetiva de parte da população com o lugar.

Por sua permanência material, continuidade de uso e destaque nas narrativas dos moradores, o CPMG 5 de Janeiro configura-se como um bem fundamental para compreender os processos de transformação, permanência e memória urbana em Sanclerlândia. A Ficha M302 busca registrar suas características arquitetônicas, documentar sua evolução histórica e situá-lo no contexto das práticas sociais que o consolidaram como referência territorial e afetiva da cidade.

Ficha M302 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização externa

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO						
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)						
O estudo se insere no município de Sanclerlândia, estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. A cidade pertence à microrregião de Anicuns e integra o Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, formado por diversos municípios goianos que compartilham vínculos históricos, econômicos e culturais.						
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)						
O tema aborda a memória urbana e identidade coletiva em cidades pequenas, tendo como um dos pontos focais o Colégio da Polícia Militar de Goiás 5 de janeiro em Sanclerlândia-GO. Analisa-se sua importância como lugar de memória e espaço de sociabilidade, considerando as transformações urbanas e os impactos na preservação do patrimônio local.						
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)					1.4. Código Identificador Iphan	
CPMG 5 de Janeiro, Antiga escola Estadual 5 de Janeiro					Não possui	
2. PLANTA/ CROQUI IMPLANTAÇÃO NO TERRENO			3. IMAGENS/ CROQUIS DAS FACHADAS			
<p>Croqui de Implantação do CPMG 5 de Janeiro</p>			<p>Vistas principais do CPMG 5 de Janeiro</p>			
Fonte: Elias (2025).			Fonte: Elias (2025).			
4. TIPOLOGIA	5. ÉPOCA/ DATA DA CONSTRUÇÃO	6. TOPOGRAFIA DO TERRENO	7. PAVIMENTOS			
	Religiosa	Fim da década de 1970 e início da década de 1980	X	Plano	Acima da rua (nº)	
X	Civil			Em acive	Abaixo da rua (nº)	
	Oficial	Equipamento público educacional (ensino fundamental)		Em declive	Sótão	sim X não
	Militar			Inclinado	Porão	sim X não
	Industrial	9. USO ATUAL		Acidentado	Outros	
	Ferrovária	Equipamento público educacional –	10. MEDIDAS GERAIS DA EDIFICAÇÃO [m]			

	Outra	CPMG (ensino fundamental e médio)	Altura fachada frontal		Altura da cumeeira	
11. OBSERVAÇÕES			Altura fachada posterior		Altura total	
<p>A Escola “5 de Janeiro” constitui um dos equipamentos educacionais mais significativos para a formação sociocultural de Sanclerlândia, representando um marco de continuidade institucional desde o final da década de 1970. Criada legalmente pela Lei nº 8.408 de 19/01/1978 e reconhecida oficialmente pelo Estado na primeira metade da década de 1980, a escola acompanhou a consolidação urbana do município e assumiu papel central no processo de escolarização local. A edificação atual conserva o partido arquitetônico original, embora tenha recebido acréscimos volumétricos complementares e nova cobertura entre pavilhões, sem descaracterizar sua configuração tipológica inicial.</p> <p>Ao longo de sua história, o espaço escolar também se consolidou como lugar de convívio comunitário, socialização e eventos coletivos, sendo frequentemente associado às memórias de diferentes gerações que cursaram o ensino fundamental e médio na unidade. Trata-se, portanto, de um bem que articula função pedagógica, valor simbólico e permanência material, mantendo vínculos diretos com a identidade urbana e com a trajetória histórica da cidade.</p>			Largura		Pé direito térreo	
			Profundidade		Pé direito tipo	

12. FOTOS E ILUSTRAÇÕES DE DETALHES IMPORTANTES

Vista da fachada frontal da Escola 5 de Janeiro em 1978



Fonte: Acervo CPMG 5 de Janeiro (Anos 1970)

Vista Lateral da Escola 5 de janeiro em 1978



Fonte: Acervo CPMG 5 de Janeiro (Anos 1980)

Corredor da entrada principal da Escola 5 de janeiro década de 1990

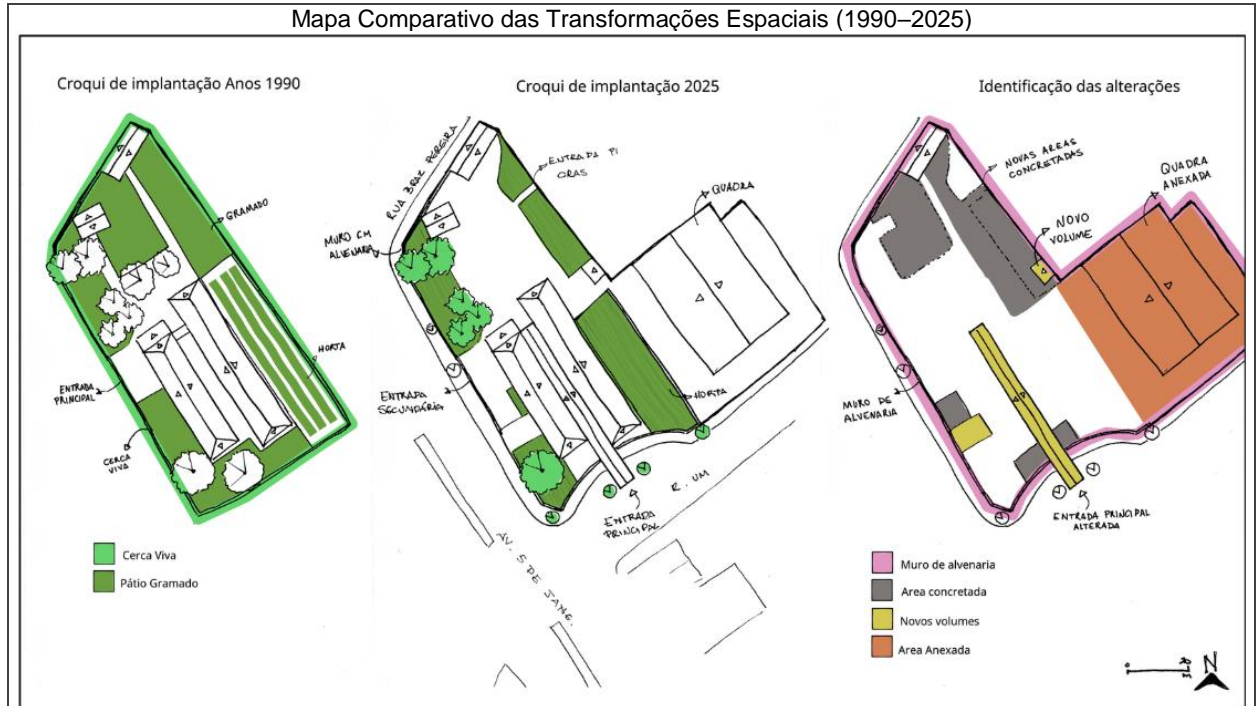


Fonte: Acervo CPMG 5 de Janeiro (Anos 1990)

Pátio da Escola 5 de Janeiro nos anos 1990



Fonte: Acervo CPMG 5 de Janeiro (Anos 1990)



Fonte: Elias (2025).

Comparativo entre os anos 1990 e 2025



Fonte: Acima: Acervo CPMG 5 de Janeiro (1990); Abaixo: Elias (2025).

13. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

Edificação térrea de implantação horizontal, composta por pavilhões conectados e organização funcional linear, característica de escolas públicas construídas no final dos anos 1970 e início da década de 1980. A setorização interna é distribuída a partir de circulações cobertas, articulando salas de aula, pátios e ambientes administrativos. O partido construtivo se mostra simples, racional e com foco em funcionalidade, ventilação cruzada e iluminação natural

13.1. Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Alvenaria convencional em tijolos cerâmicos, com estrutura em concreto armado. Originalmente apresentava revestimento em argamassa e pintura acrílica lisa. Na década de 1990, recebeu pintura em tom azul claro com faixas verticais brancas entre as saliências das paredes externas. Em 2025, após reforma de atualização visual, a edificação passou a apresentar pintura acrílica branca, com meia faixa cinza na parte inferior e faixas verticais em cinza claro acompanhando o ritmo das saliências das paredes. A composição volumétrica permanece simples e articulada em pavilhões paralelos, mantendo a configuração característica dos conjuntos escolares estaduais implantados nas décadas de 1970/1980.

13.2. Cobertura (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

A cobertura original da edificação é composta por estrutura de madeira com telhas cerâmicas vermelhas do tipo colonial, característica recorrente das edificações escolares da época. O conjunto apresentava beirais tradicionais e sistema simples de drenagem. Em intervenção posterior, visando maior conforto ambiental e conexão entre os pavilhões, foi implantada uma cobertura metálica complementar nos espaços de circulação, criando áreas sombreadas contínuas sem descaracterizar o partido arquitetônico original. A atualização recente manteve a tipologia principal em telha cerâmica nos blocos originais, reforçando o aspecto de permanência material do edifício escolar.

13.3. Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Originalmente, a edificação apresentava esquadrias metálicas com módulos retangulares simples, com caixilhos basculantes voltados para ventilação natural cruzada. No decorrer da década de 1990, manteve-se a mesma tipologia metálica, porém com pintura em cor escura, compatível com o padrão cromático externo daquela fase da edificação. Em 2025, as aberturas continuam metálicas, mantendo o módulo reticular característico, porém passaram por reforço de acabamento e adequações de proteção associadas ao atual uso institucional, preservando a lógica de ventilação natural e iluminação direta. O conjunto de esquadrias permanece como elemento formal de continuidade, reforçando a permanência tipológica do bem.

13.4. Palavras-chave

Escola estadual; equipamento escolar público; ensino fundamental e médio; arquitetura educacional moderna; pavilhões paralelos; permanência tipológica; memória urbana; identidade coletiva; Sanclerlândia; década de 1970/1980.

14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (etnológicas, arqueológicas e outras)

Em conversas informais com moradores, registradas em caderno de campo durante o levantamento, evidenciam que o CPMG 5 de Janeiro, ainda frequentemente chamado pela população apenas de "Escola 5 de Janeiro", permanece associado à memória afetiva e formativa de diferentes gerações do município. As lembranças evocadas vão além do espaço físico, envolvendo relações sociais, amizades, rotinas escolares e vivências cotidianas que marcaram o processo de construção identitária local. Mesmo com alterações físicas ao longo dos anos, o edifício continua sendo reconhecido como ponto de referência urbana, utilizado como orientação espacial dentro da cidade. A continuidade do uso educacional reforça o vínculo simbólico e histórico da escola com Sanclerlândia, mantendo vivo seu papel como lugar estruturante da memória coletiva e como elemento de permanência territorial no imaginário dos habitantes.

15. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE

15.1. Planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível	15.4. Data
Croqui de Implantação do CPMG 5 de Janeiro (elaborado pelo autor)	Escala gráfica	Arquivo do autor – caderno de campo e acervo digital próprio	2025
Mapa Comparativo das Transformações Espaciais (1990–2025)	Escala Gráfica	Arquivo do autor – caderno de campo e acervo da escola	1990/ 2025
Registro Fotográfico Comparativo (1978 / década de 1990 / 2025)	Não se aplica	Arquivo digital do autor / acervo da escola	1978/ 1990/ 2025

16. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS

16.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível	16.4. Data
Notas de campo com conversas informais com moradores sobre lugares	01 conjunto	Arquivo pessoal do autor (caderno de campo – pesquisa de campo Sanclerlândia)	2025

de memória			
Registro digital fotográfico atual do CPMG 5 de Janeiro	02 acervo	Arquivo do autor / acervo CPMG 5 de Janeiro	Entre 1984 - 2025
17. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS			
<p>Bibliográficas:</p> <p>BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG: Manual do Módulo Cadastro. Brasília: IPHAN, [s.d.].</p> <p>Documentais e visuais:</p> <p>Fotografias de campo – acervo do autor (2025).</p> <p>Imagem aérea: Google Earth – Praça Três Poderes, Sanclerlândia-GO (captura em 2025).</p> <p>Registros orais e anotações em diário de campo – conversas informais com moradores de Sanclerlândia (2025).</p> <p>Arquivo CPMG 5 de Janeiro – acervo fotográfico histórico (consulta em 2025).</p>			
18. PREENCHIMENTO			
18.1. Entidade	Universidade Federal de Goiás – Curso de Arquitetura e Urbanismo		18.2. Data
18.3. Responsável	Luan Douglas Ferreira Elias		04/11/2025

O CPMG 5 de Janeiro demonstra como a permanência de uso, somada à continuidade simbólica do espaço escolar, contribui para consolidar o edifício como lugar de memória ativa na cidade. Mesmo passando por atualizações físicas, mudanças visuais e adaptações institucionais, a escola manteve sua centralidade no imaginário local e segue sendo referência territorial, afetiva e formativa para a comunidade. Assim, o edifício não preserva apenas sua materialidade, mas também sua função social original, confirmando que a escola é um dos exemplos mais claros de permanência tipológica e cultural em Sanclerlândia, um espaço em que a memória não é apenas lembrada, mas continuamente vivida.

CÂMPUS
GOIÁS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

NA PRAÇA TRÊS PODERES TINHA UMA FONTE que quando estava funcionando, era um espetáculo.

PERTENCIMENTO Arborização
Vínculos
Lembranças

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo deste trabalho revelam que a memória urbana de Sanclerlândia é sustentada tanto por seus espaços materiais quanto pelas experiências e vínculos afetivos que moldam o cotidiano de seus moradores. Contudo, também ficou evidente que esses vínculos vêm sendo fragilizados pela ausência de instrumentos de preservação, pela instabilidade das políticas públicas e por decisões urbanas frequentemente guiadas por discursos de desenvolvimento que desconsideram a história local.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa demonstrou que a discussão teórica, especialmente a partir de autores como Aldo Rossi, Halbwachs, Pierre Nora, Françoise Choay e David Harvey, foi fundamental para interpretar as transformações observadas na cidade. Esses referenciais permitiram compreender como os espaços urbanos acumulam camadas de significado, como as memórias coletivas se constroem socialmente e como processos contemporâneos de transformação podem enfraquecer referências identitárias. A articulação entre teoria e realidade local mostrou-se essencial para compreender que os problemas de Sanclerlândia não são meramente estruturais, mas simbólicos e políticos.

Da mesma forma, a aplicação das fichas de inventário do Iphan, M301 e M302 utilizadas nesta pesquisa como instrumento de documentação, demonstram seu potencial como base para políticas públicas, ao registrar o estado atual dos bens e orientar intervenções mais coerentes com sua história. Ao registrar tipologias, valores simbólicos e condições de conservação, essas fichas se tornam ferramentas importantes para proteger o patrimônio urbano e dar visibilidade aos elementos significativos que ainda não são reconhecidos formalmente.

O questionário aplicado aos moradores também desempenhou papel decisivo nas reflexões finais. As respostas reforçaram a relevância de espaços como a Praça Três Poderes, as escolas tradicionais e o Parque de Exposições, confirmando que a memória urbana é construída tanto pela materialidade quanto pela vivência cotidiana. De forma geral, os relatos confirmaram, e não contrariaram, a questão inicial da pesquisa: de fato, as transformações recentes têm provocado rupturas na memória coletiva e no sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo, o questionário trouxe nuances importantes, como o desejo dos moradores por melhorias sensíveis, restauração cuidadosa e valorização da autenticidade dos espaços, revelando que a

população não rejeita as transformações, mas rejeita intervenções que apagam a identidade local.

Mesmo diante dessas tensões, a cidade mantém referências identitárias significativas, como a Praça Três Poderes, o CPMG 5 de Janeiro e outros espaços de sociabilidade, que permanecem vivos no imaginário coletivo, ainda que tenham sofrido alterações físicas importantes. Esses lugares demonstram que a memória resiste, mas também que depende de suporte material e institucional para continuar transmitida entre gerações.

Os processos de descaracterização observados reforçam a necessidade de um planejamento mais sensível, capaz de equilibrar transformação e a preservação. Em cidades pequenas, onde a escala favorece soluções simples e participativas, é possível construir caminhos viáveis: inventários colaborativos, proteção mínima de bens simbólicos, educação patrimonial e políticas que valorizem as singularidades locais. Nesse contexto, o uso adaptativo de edifícios e espaços surge como alternativa pertinente, permitindo novos usos sem romper com a história material e simbólica dos lugares, fortalecendo sua permanência e ampliando sua relevância no cotidiano da comunidade.

Conclui-se que conciliar desenvolvimento e memória não apenas é possível, como necessário. O futuro urbano de Sanclerlândia depende do reconhecimento de que o patrimônio, seja ele material ou imaterial, não é obstáculo ao progresso, mas fundamento para um crescimento mais consistente, consciente e conectado às identidades que dão sentido ao lugar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Cidade. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 jul. 2001.

BRASIL. **Sanclerlândia-GO** - Portal Gov.br. Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste – Sudeco, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/sudeco/pt-br/municipios/goias/janeiro/sanclerlandia-go#>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG: Manual do Módulo Cadastro**. Brasília: IPHAN, [s.d.].

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Lucia Muriel Marcondes Machado. 7. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

CPMG 5 de Janeiro. Acervo fotográfico histórico. Consulta realizada em 2025. Biblioteca Municipal de Sanclerlândia. Acervo fotográfico histórico. Consulta realizada em 2025.

GOIÁS. Agência Goiana de Infraestrutura e Transportes – GOINFRA. **Sistema rodoviário do Estado de Goiás – SRE**. Goiânia: GOINFRA, 2022. Disponível em: <https://goinfra.go.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lúcia Lévy. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Instituto Gallard, 1990.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG: manual de preenchimento e fichas Módulo Conhecimento, Módulo Gestão e Módulo Cadastro**. Brasília: IPHAN, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=14897&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 26 set. 2025.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. Capítulo 1. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009, Ouro Preto. Anais [...]. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012. p. 25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 26 set. 2025.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A cidade como bem cultural**. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <https://patrimonioeconservacao.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/11/a-cidade-como-bem-cultural-ulpianotoledobezerra.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

MORAES, C. **Clara. Luz: a história de Sanclerlândia**. Sanclerlândia: Prefeitura Municipal, 1993.

NEIVA, Larissa Borba. **Encontro da Família Borba. 2025 Sanclerlândia. Goiás**. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lc_0X1i1DBY Acesso em: 14 de maio de 2025. Captura de tela de 0:53s

NORA, Pierre. **Entre memória e história: os lugares de memória**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

OLANDA, Elson Rodrigues. **Cidade pequena e central**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

OLANDA, Elson Rodrigues. **Sanclerlândia - GO: do povoado do Cruzeiro à emancipação política**. [S. l.: s. n.], 2012. 17 p. Adaptação parcial da tese Sanclerlândia-GO: do povoado do Cruzeiro às novas centralidades, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Campus de Presidente Prudente, 2010.

OLANDA, Elson Rodrigues. **Sanclerlândia-GO: do Povoado do Cruzeiro às novas centralidades**. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SANCLERLÂNDIA (Município). **Lei nº 157, de 31 de dezembro de 1974**. Institui o Código de Obras do Município de Sanclerlândia e dá outras providências. Sanclerlândia, GO: Prefeitura Municipal, 1974.

SANCLERLÂNDIA (Município). **Lei nº 317, de 16 de setembro de 1981**. Dispõe sobre o Código de Posturas do Município de Sanclerlândia e dá outras providências. Sanclerlândia, GO: Prefeitura Municipal, 1981.

SANCLERLÂNDIA RETRÔ. Página oficial. **Facebook**, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/sanclerlandia.retro>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SANCLERLÂNDIA. **Vista da Praça Três Poderes, 1998**. Fotografia. Sanclerlândia: Biblioteca Municipal de Sanclerlândia, 2025.

ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO

EU ♥ SANGLERLANDIA

A hand-drawn graphic at the bottom of the page. It features the text 'EU' in a stylized, blocky font on the left, followed by a red heart symbol. To the right of the heart is a simple outline of a map of Sanjia. Further right is the text 'SANGLERLANDIA' in a similar blocky font. A tall, thin vertical line with a small plant-like top is positioned to the right of the map outline.

Abertura de Caderno de Campo

Este caderno de campo reúne as observações, percepções e registros realizados ao longo do trabalho de investigação para OTC Arquitetura, Memória e Identidade Urbana em Cidades Pequenas: Conflito entre Transformação e Preservação em Sãnderlândia-GO

Aqui serão anotadas as visitas técnicas, descrições de espaços, comportamentos observados, entrevistas espontâneas, impressões pessoais e qualquer informação relevante que contribua para compreender como a cidade se transforma, como seus habitantes se relacionam com os lugares e de que forma essas mudanças influenciam sua memória e identidade urbana.

O objetivo deste caderno é servir como instrumento de apoio à análise, permitindo registrar o campo de forma livre, porém organizada, acompanhando a evolução das ideias e das descobertas ao longo do processo. Cada anotação busca captar nuances que muitas vezes não aparecem em documentos oficiais contribuindo para uma visão mais sensível e completa da realidade estudada.

Goias - GO
Março de 2025

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA URBANA

- MEMÓRIA COLETIVA
- CIDADE COMO ORGANISMO VIVO
- LUGARES DE MEMÓRIA
- DISPOSITIVO DE RECORDAÇÃO
- ARQUITETURA TRADICIONAL
- DESCARACTERIZAÇÃO CULTURAL

↳ RISCO DE APAGAMENTO CULTURAL

SAN CLER LÂNDIA

PATRIMÔNIO E IDENTIDADE

- CIDADE COMO ARTEFATO HISTÓRICO
- MUSEIFICAÇÃO X DESTRUIÇÃO
- USO ADAPTATIVO

URBANISMO SENSÍVEL À HISTÓRIA

"PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA"

CIDADES PEQUENAS

- RELAÇÕES SOCIAIS PRÓXIMAS
- FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS
- CRESCIMENTO SEM PLANEJAMENTO
- PRESSÕES CAPITALISTAS

PROBLEMAS =

- ↳ SUBSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS SIMBÓLICOS
- ↳ DESCARACTERIZAÇÃO ARQUITETÔNICA
- ↳ ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

CONFLITO: PROGRESSO X PRESERVAÇÃO

- GESTÃO PÚBLICA
- PRAÇA CENTRAL
- FEIRA COBERTA
- QUADRA DE ESPORTES / CRÁS

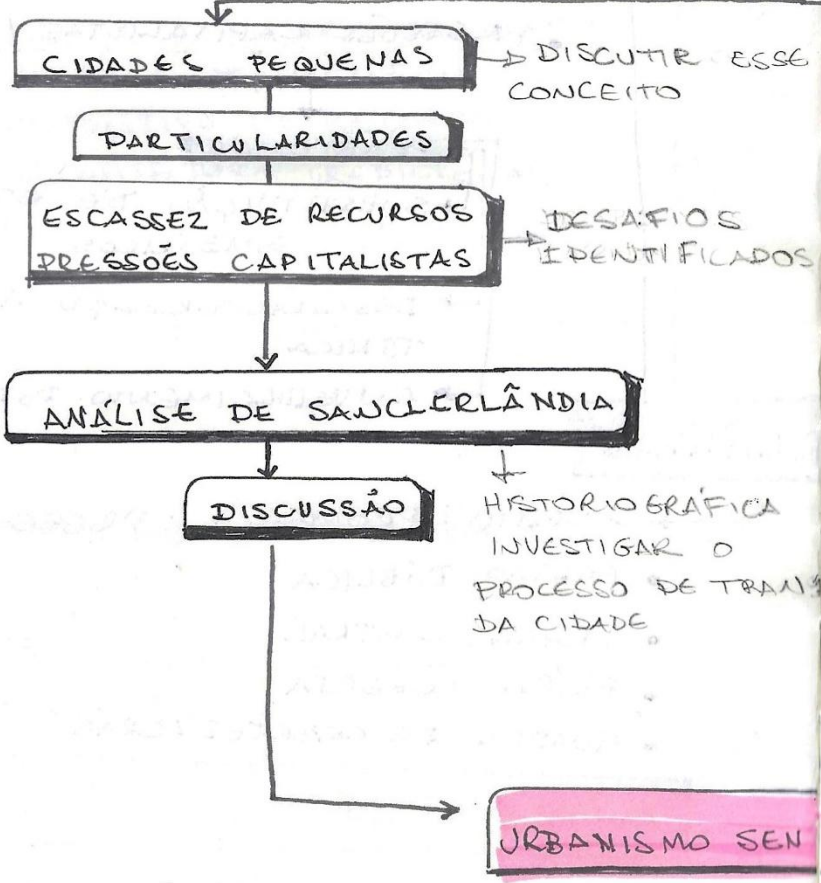
MAPA MENTAL PARA ELABORAÇÃO DA PESQUISA

25/04

SANCLER LÂNDIA

COMO CONCILIAR O PROGRESSO URBANO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA?

IDENTIFICAR OS LUGARES SIMBÓLICOS E MAPEAR



LUGARES DE MEMÓRIA

- MEMÓRIA COLETIVA
- LUGARES DE MEMÓRIA
- DISPOSITIVO DE RECORDAÇÃO

PATRIMÔNIO E IDENTIDADE URBANA

- CIDADE COMO ARTEFATO HISTÓRICO
- MUSEIFICAÇÃO X DESTRUIÇÃO
- USO ADAPTATIVO

URBANISMO SENSÍVEL À HISTÓRIA

A SOLUÇÃO DA PROBLEMATICA JUNTO À PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

EU ACHO QUE A IDEIA DE PALÍNDROMO URBANO SE ENCAIXA MUITO NA PESQUISA

□ Mais ideias para a discussão em Sonclerlândia

- O planejamento urbano é específico de cidades pequenas, normalmente os programas são herdados de programas governamentais feitos para metrópolis; assim como o orçamento não é proporcional aos problemas locais
- Falta autonomia por parte da prefeitura ou é falta de vontade em incluir programas de preservação?

Sonclerlândia foi emancipada 3 meses antes da ditadura militar, e apesar dos impactos disso, é relevante para a pesquisa?

E o JEEP CROSS?



Entusiastas com os parentes sobre a história e suas memórias de Sonclerlândia

□ Robô

□ Apresentação

- Nome
- Ano de nascimento
- Há quanto tempo mora em Sonclerlândia?

□ Memória afetiva

- Quais lembranças tem da cidade?
- Como era a cidade na sua infância e juventude?
- Quais tradições você sente que foram perdidas?
- O que sente falta na Sonclerlândia antiga?

□ Transformações Urbanas

- ★ Quais foram as mudanças na cidade que você mais nota?
- ★ A cidade mudou pra melhor ou pior?
- ★ Como era a praça central antigamente? e hoje?
- ★ Existem lugares afetivos que foram demolidos ou modificados e que você considera que tinha valor histórico?
- ★ Como você vê o crescimento da cidade nos últimos anos?

□ Patrimônio e Prestamento

* Você acha que a história da cidade está sendo preservada?

* Acha importante manter prédios antigos, espaços tradicionais e costumes locais?

* Quais locais deveriam ser preservados como parte da história de Sandercity?

Sanderlândia - '60, 03 de junho de 2025

• Rosângela Ferreira da Silveira

• 1972

• 37 anos que mora em Sandercity

■ Eu era muito pequena quando fui convidada a participar da festa da tia Onélia, depois na igreja de São Sebastião, e eu vi um corinho de picolé e quis que meu pai comprasse e como sempre, mãe não podia comprar pq não seja o vestido e por isso não entendi de jeito nenhum na igreja.

Um tempo depois foi o casamento da tia Nilza no mesmo lugar, e mesmo depois do casamento anterior ela fez questão que eu fosse a dominante e eu fui porque era apaixonada por ela.

O tempo passou e chegou a época de ir para a escola. Meu pai me levou para morar com minha avó tita, porque morávamos na roça. A escola era o Onézino de Jesus Viana recém construída na época.

Minha lembrança da infância eram os circoes que sempre vinham e ficavam no espaço vazio de frente à escola, onde hoje é o ginásio de esporte.

Fiz até a 4ª série no Onézino e logo estava estudando no 5 de janeiro. Daí 6ª série em diante nos voltamos pra roça e só vinha a cidade pra estudar.

Não sei exatamente a época, mas me lembro que fizeram duas pecuárias no espaço onde é a praça atual. A praça foi construída no mandato de José Abadio e era ponto de encontro.

As pessoas se reuniam em multidões todos os finais de semana. Me lembro que era tanta gente que um dia uma amiga que morava em Goiânia e veio me visitar, saiu dizendo achando que aquela aglomeração era briga. Porque em Goiânia não era comum reunir tantas pessoas no mesmo lugar.

Depois do 5 de junho fui para o Colégio Deputado José Alves de Assis. Onde finalizei o ensino médio.

* O Onizimo foi fechado no mandato de Honor, se não me engano a Patrícia era diretora. Há uns 3 a 4 anos o mesmo fecha o Colégio Deputado também, onde mais uma vez a Patrícia era diretora.

■ São dois espaços que tem lugar no meu coração. Minha primeira e minha última escolas.

* Depois do prédio da escola Onizimo ter sido usado para outros fins, hoje foi reformado e tem o mesmo nome, só que não é mais uma escola estadual e sim Municipal.

Tenho muitas lembranças da praça do hospital (Hermógenes Coelho), do primeiro colégio de Sordulândia e da delegacia. A antiga delegacia é hoje um escritório de contabilidade e a escola foi demolida e o terreno doado à Jéssica que construiu uma super clínica de estética.

■ Na praça do hospital tinha uma TV perto e banco, onde a população se reunia para assistir TV. Nós, quando criança, adorávamos ficar internados para assistir TV na praça.

* O Colégio Deputado José Alves hoje é a sede da Secretaria Municipal de Educação.

* Acho muito importante que a história da cidade seja preservada. Mas acredito que muita da história já está se perdendo, seja por apogonamento devido ao tempo ou por politicagem.

Acredito que muita gente, principalmente os mais novos nem conhecem a história de luta que foi a fundação da cidade.

As praças, as escolas, são lembrados sempre que penso na história de Sordulândia. E as igrejas antigas também.

Sonclândia - Go, 03 de junho de 2025

- José Figueira da Silveira
- nascido em 1950
- 47 anos que se mudou p/ Sonclândia, mais
mostrar sua infância inteira na roça em Padiz

■ Nos mudamos em 1988 p/ Sonclândia depois
do morte do meu pai. Não quisemos mais ficar
na roça sem ele. Trabalhei de taxi durante o
dia e morava na roça e também cuidava de
lá. Isso foi até 86 mais ou menos.

Em 1996 compramos, eu e o meu avô, um
terreno e resolvemos construir um posto de
gasolina. O terreno era muito desnivelado e
sujo e era difícil arrumar mão de obra
naquela época, mas deu tudo certo. Foi assim
que abrimos o posto São Paulo na saída p/
Puniti.

■ Me lembro que a cidade era mais lá para
o lado da Igreja (São Sebastião). Depois é
que juntamos a comunidade e fizemos a igreja
Matris

* A cidade era totalmente diferente, quase não
tinha nada, poucos comércio, poucas residências.

O que as pessoas mais gostavam de fazer era
andar na rua. Principalmente os moradores.

A diversão naquela época era arrumar uma
nomorada e posar de mãos dadas na rua.
Saía lá embaixo e voltava. Depois criaram a

procissão em frente ao hospital.

Me lembro que o papeto Olívio colocou a
televisão perto a banca na praça e toda a
população se reunia lá, porque era o
primeiro contato com a televisão que o
país tinha. E o país ficava até tarde assis-
tindo. Essa televisão durou lá muito tempo.

Eu fui presidente do sindicato rural e
ajudei a construir os galpões da pecuária.
Os galpões eram do sindicato, mas a prefeitura
tomou para ela.

Sonclulândia 04 de junho de 2025

- Luon Dantas Ferreira Elias
- Nascido em 1991
- Moro em Sonclulândia a 32 anos

■ Minhas memórias em Sonclulândia se concentram principalmente na infância e adolescência.

Quando criança os dias eram marcados por brincadeiras longas e livres com os amigos na rua, principalmente nas áreas abertas e públicas da cidade. A área atrás do Fórum (que foi demolida e hoje abriga a praça Dona Joana Almeida de Paiva), era um dos principais locais de encontro das crianças e o melhor lugar para jogar bola e brincar de pique escondido, justamente pela grande quantidade que havia ali e pela quantidade de árvores que cercava o fórum. Nesse quintal havia grandes árvores, locais perfetos de sombra durante o dia e de esconderijo pela noite, formava uma verdadeira brinquedoteca ao ar livre e moldou o nosso sentimento de pertencimento desde cedo.

Me lembro bem da tristeza que senti quando começaram a remover as árvores das ruas pois as mesmas não eram próprias para calçadas e acabavam as enfiando com suas raízes.

Uma a uma as árvores da minha rua foram cortadas. Hoje não sobrou nenhuma.

Outra memória marcante era a fonte da praça 3 poderes, a fonte era cheia de peixinhos coloridos e eu lembro que eu e meu irmão passávamos horas e horas observando os peixinhos prá lá e prá cá. Quando removeram a fonte para a reforma do praça, senti que parte da identidade da praça havia desaparecido, pois era um ponto de admiração, especialmente para nós, crianças.

Durante minha trajetória escolar, os vínculos afetivos como espaço continuavam fortes.

Estudei todo o ensino fundamental na escola 6 de junho. Amava cada cantinho desse lugar. As mesas de ping pong de concreto, as bancas que tinham tabuleiro, a porta... Depois o meu ensino médio foi pro colégio Deputado José Alves de Assis, que era bem mais longe da minha casa, mas eu amava acordar cedo p/ ir p/ lá. Depois do ensino médio fui para Goiânia fazer curso e passei no IFG, morei dois anos lá e retornei p/ Sonclulândia. Passei na UEG, que sempre foi motivo de orgulho p/ todos nós Sonclulândenses pois fomos reconhecidos

como a menor cidade do país a possuir uma universidade. Infelizmente a unidade foi fechada em 2022 devido a questões políticas, representando outra grande perda simbólica para a cidade.

Com o passar dos anos e as mudanças urbanas, notei que minha relação afetiva com a cidade começou a sofrer rupturas. As ruas e praças já não têm tantas árvores e fachadas das casas e comércio foram contemporaneizados e, embora visualmente tudo pareça mais bonito, há uma dificuldade em estabelecer conexões emocionais com esses novos espaços.

Essas mudanças evidenciam como o processo de transição, quando realizada sem considerar o valor simbólico dos lugares, pode causar um distorcimento afetivo e uma sensação de perda de identidade urbana.

Dia 1106 às 9h da manhã
local: Feira coberta.

* Espaço configurado como local de comércio agrícola e artesanal, mas também como ponto de sociabilidade e encontro comunitário.

* Observei bancas variados:

Comidas típicas (pamonhas, doces e caldos) produtos de beleza, roupas e utensílios domésticos. Também tinha bancas de plantas ornamentais e hortícolas.

* Vi uma senhora trazendo produtos de beleza (desodorante e creme hidratante) por um frango vivo. → Prática de troca informal: Mostra a permanência de hábitos tradicionais.

No decorrer da semana notei usos diferentes. Na maioria das vezes que passei por lá não havia ninguém, nenhum tipo de uso, a não ser um dia que passei e havia um pai e sua filha andando de patins nesse espaço. Outra já vi esse espaço sendo utili-

zoda para praticar de esporte (aula de dança) É um espaço subutilizado mas que tem potencial

Minha observação final é que a apropriação simbólica, vai além da configuração física e se renova nos usos cotidianos, reforçando a importância da manutenção da feira como território coletivo.

Dia 06/06 às 20h
local: Praça dos três poderes

Ao chegar na praça já iniciou-se o processo de nostalgia. Vi vários grupos intergeracionais.

Observei uma diversidade de usos e grupos.

* Crianças brincando nos pulo-pulo que são montados todos os finais de semana (500 peças).

* Jovens e senhores reunidos no bar central, espaço esse que abriga a biblioteca municipal em cima, mas não está mais funcionando.

* Famílias ocupando as lanchonetes e as bancas da praça. É importante destacar a quantidade de bancas, distribuidoras e lanchonetes que possuem perto da praça.

A praça claramente é um espaço que faz girar a roda econômica da cidade, pois é um local muito frequentado.

* Atmosfera festiva, de celebração do

espaço comum → centro da vida cotidiana
Observações acerca das transpilações
notadas por mim.

Muitas árvores foram retiradas e a tarde
quando o sol está a pino é impossível
utilizar o espaço, pois há pouco abrigo do
sol.

A fonte de água que ficava no atual
praça de alimentação foi um impacto
visual e sentimental muito grande.
Poa parte das minhas lembranças da
infância estavam atreladas à aquele
monumento. O uso de tendas de lona
também deixou o espaço bem feio.



Flor
do IPÊ
ROXO

No fim da visita
eu colhi do chão
duas flores e uma
golinha do ipê
roxo que tem no
canteiro da praça

FOLHA DO
IPÊ ROXO

No mês de agosto tivemos dois eventos
que toda a comunidade participou.
As covalgadas que ~~ocorrem~~ ^{antecidem} a pecuária e
a própria pecuária como é conhecida.

Para assistir a covalgada muita gente
se reúne na praça. O desfile de cavaleiros
ocorre nos principais ruas da cidade e
acabam sempre em uma das praças dos
participantes. (Rancho)

A covalgada ocorre no dia e é
incrível. Novamente pessoas de todas as
gerações interagindo no mesmo espaço.

Em Sanderlândia as festas são sempre
pacíficas e as pessoas vão apenas em busca
de lazer e diversão, muito raramente
tem alguma briga. Até porque todo mundo
se conhece ou é parente de alguma forma.

No parque de exposições agropecuária no
final de semana posterior à covalgada
ocorreu a "pecuária" (Exposição Agro-
pecuária 2025).

Contou com vários estandes de psicultura,
exposições de gado, bancas de comidas
rodadas e brincadeiras na arena.

É um evento que praticamente toda a
cidade vai.

Nesse evento em específico eu vim para fazer a pesquisa, mas só deu para vir no domingo a tarde.

A exposição de gado já havia acabado e não tinha mais nenhum animal nas baias de exposições.

Mesmo sendo no último dia e num domingo, foi difícil achar vaga para estacionar. Os arredores do parque de exposições estavam lotados de carro por todos os lados.

A entrada na feira, mais possuía fiscalização para garantir que ninguém entrasse com armas ou coisas ilícitas.

Logo na entrada, do lado esquerdo próximo as paleas, havia muitos carros de som e os frequentantes dessa zona eram majoritariamente jovens entre 16 a 35 anos.

Do lado direito como de costume haviam os barracões de comida e bebida, as quais eu já frequentei bastante em outras festas no mesmo local.

O tradicional brinquedo que sempre vem com essas festas também se fez presente nessa porém, dessa vez com medo, vieram num

estado de conservação muito precário.

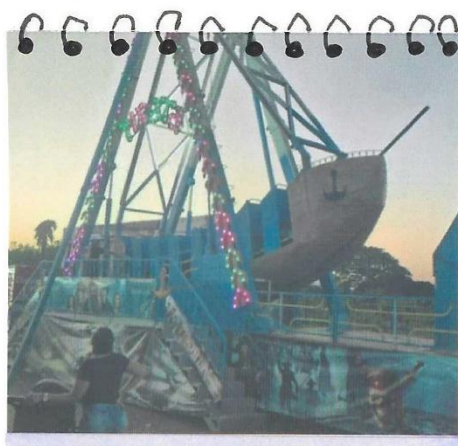
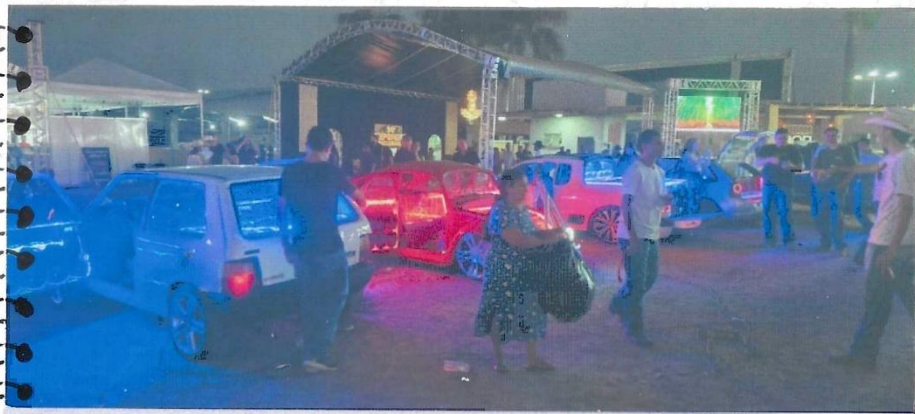
Tudo enferrujado e até faltando peças, por mim foi um show de honras.

Uma coisa que me chamou atenção foi o fato de que o parque estava muito limpo, apesar de ser o último dia de festividade. Isso demonstra compromisso da administração pública, pois com a população, a equipe de limpeza está de parabéns.

Na arena de rodeio estavam acontecendo algumas brincadeiras antes do anúncio do vencedor do rodeio. Eu não participei dessa parte, mas meu primo que estava presente relatou o ocorrido.

Nessa hora eu fui embora.





No dia 14/09 vim novamente a Sanclerly pl
retomar a minha pesquisa ~~de~~ e tive uma
gota surpresa.

Chequei no auge de uma das festas reli-
giosas mais tradicionais da cidade.

Era os festejos de bonoquinhas que acontecem
duas vezes por ano (Maio e Setembro)

A festividade acontece nas proximidades
da igreja católica Matriz Nossa Senhora
do Abadia que também se localiza próximo
à praça.

Fiquei muito feliz em ter pego essa
foto que foi tão importante para mim
por tantos anos.

Como a praça dos três poderes é
parte do meu objeto de estudo eu
foquei mais a minha observação por lá.

Nas proximidades da praça é onde se
localizam as bonoquinhas de (praça)
comida e de sorvete. Na praça apesar
de estar bastante quente ultimamente
e ela não possui grandes áreas som-
breadas, haviam muitas pessoas.

Devido ao calor que sempre faz nessa
época, é até cultural nessa festa que

as pessoas se reúnem para tomar um sorvete italiano ou até mesmo aqueles sorvetes de gelatina que são os preferidos do meu nomeado.

Ví vários amigos reunidos na praça, assim como grupos inteiros de familiares rondando pelo procurador ofertas nas roupas ou bugigangas dos barcos.

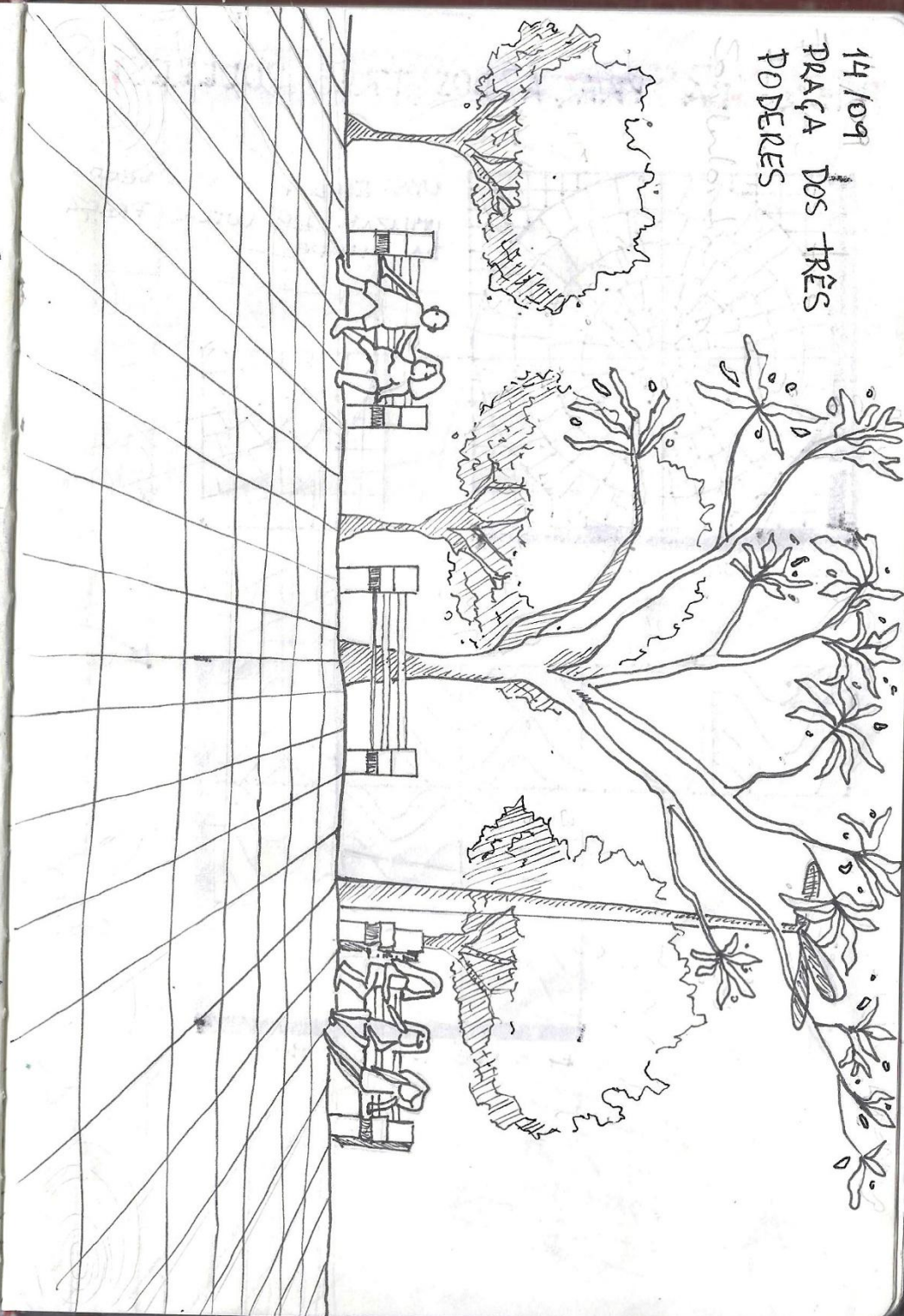
Na praça novamente eu observei o encontro intergeracional: famílias inteiras, amigos conversando, crianças brincando e tomando ~~o~~ sorvete, e vários jovens no bar da praça tomando cerveja.

Enfim, em todos os lados da praça haviam pessoas, exceto na "praça de alimentação". As pessoas apenas passavam por lá para chegar até outros locais. Hoje em dia ~~(é só usado)~~ esse espaço só é usado à noite, quando os pitudos abrem.

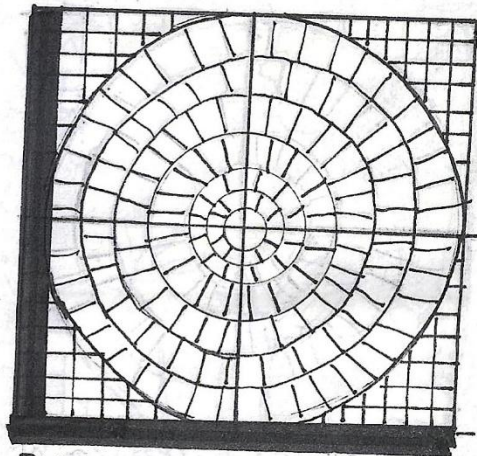
Antigamente era ali onde se localizava a praça. Era o local mais frequentado, mais hoje não possui mais nenhum atrativo.

É importante ressaltar que minha visita foi no final da tarde, pois ~~há~~ estava extremamente quente.

14/09
PRAÇA DOS TRÊS
PODERES

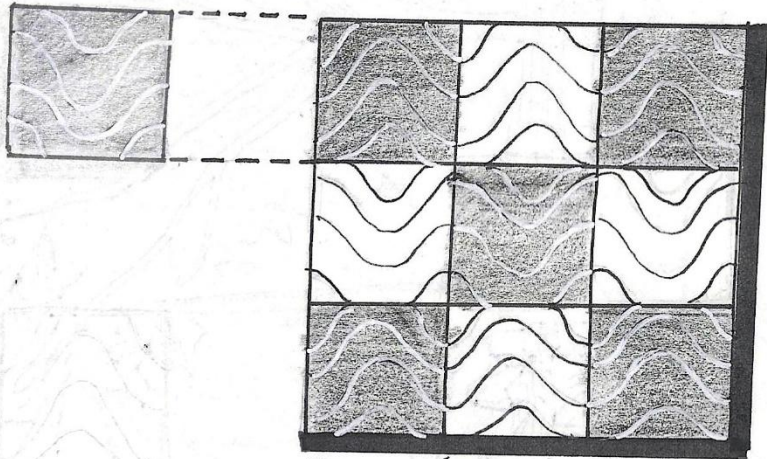
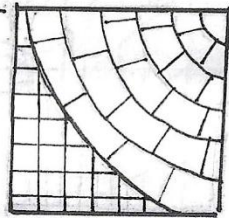


PISOS DA PRAÇA DOS TRÊS PODERES



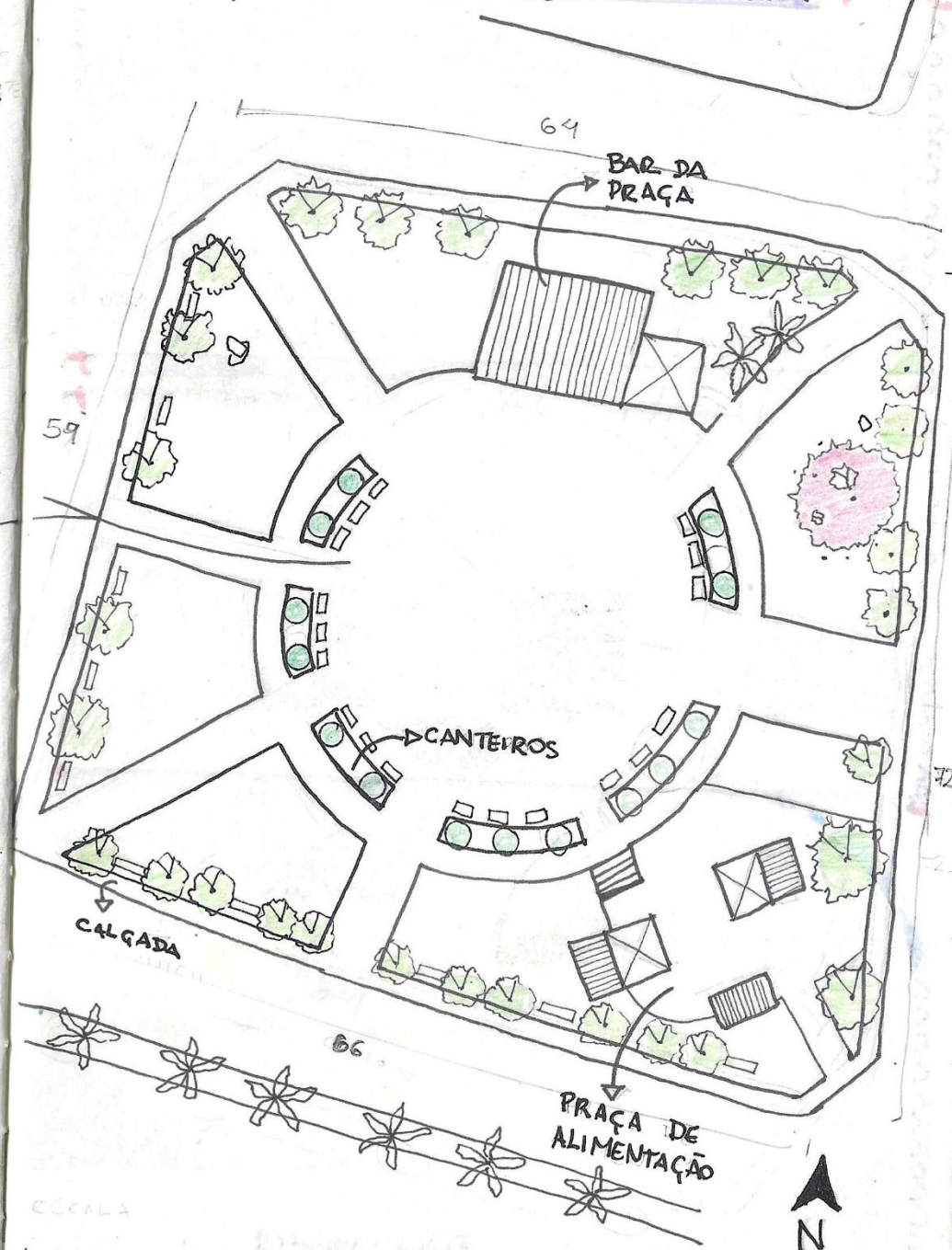
PISO ATUAL 2025

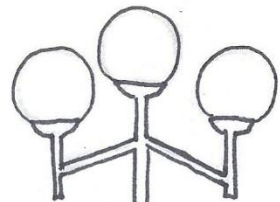
OBS: ESSE PISO NEM SENDO UTILIZADO EM OUTRAS PRAÇAS DA CIDADE



PISO DÉCADA DE 90

PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA DA PRAÇA DOS 3 PODERES: SANCLERLÂNDIA

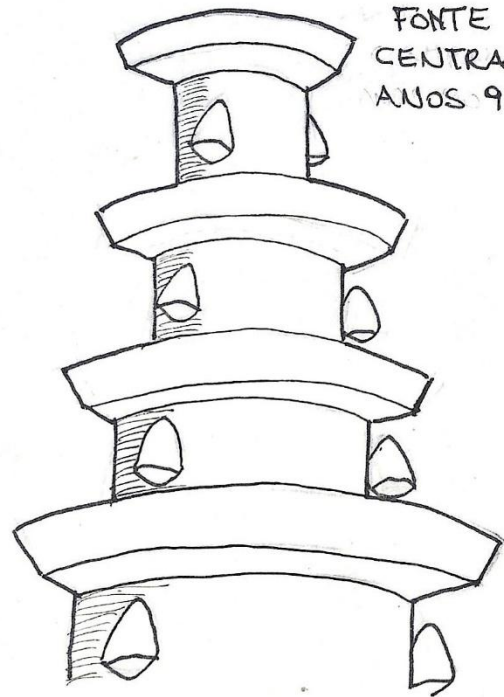




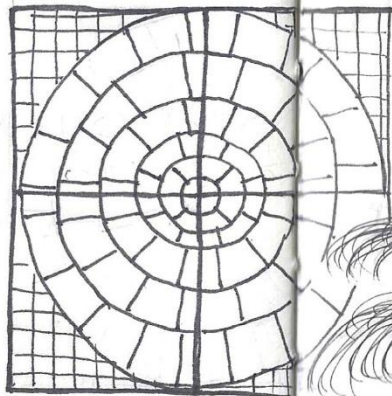
POSTE DE ILUMINAÇÃO BAIXA ANOS 90



POSTE DE ILUMINAÇÃO ALTA 2025

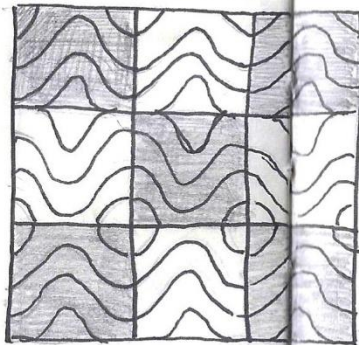


FONTE CENTRAL ANOS 90



PISO 2025 PAGINAÇÃO FORMANDO MOSAICO

PISO ANOS 90 ONDULADO XADREZ



BANCO PRÉ MOLDADO COM MADEIRA



CANTEIRO BAIXO 2025



PALMÁCEAS

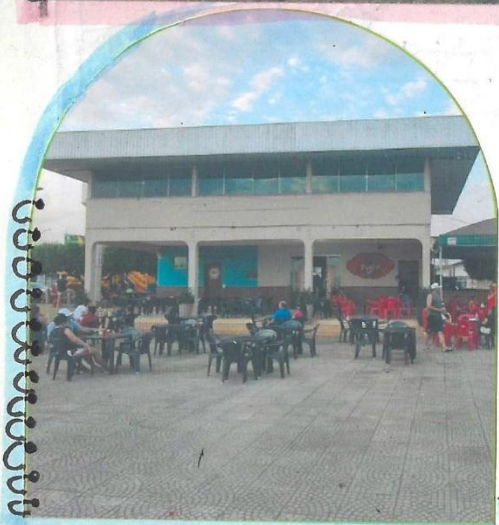
FLORES



BANCOS PRÉ MOLDADOS EM CONCRETO ARMADO

CANTEIROS ALTOS ANOS 90

FESTA DE BARRAQUINHAS



PRACA 3 PODERES

FICHA CATALOGRÁFICA

- IDENTIFICAÇÃO: Nome, endereço, foto atual e foto antiga.
- BREVE HISTÓRICO: Origem, marcos
- USO ORIGINAL x USO ATUAL
- TRANSFORMAÇÕES CHAVE: O que mudou quando e porquê?
- SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS: memórias recorrentes
- CONFLITOS / FRAGILIDADES: Acesso, manutenção, danos, ruínas, perda de elementos
- ESTADO ATUAL: Conservação, vitalidade, apropriação social
- POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO: Ações simples e factíveis.

30/09

Igreja de São Sebastião

Hoje foi interessante minha visita; eu achava que a igreja não era mais aberta durante a semana, apenas em ocasiões especiais, mas hoje, numa terça-feira a igreja estava aberta para que fosse celebrada uma missa.

Tive a oportunidade de entrar dentro da igreja novamente com outro olhar.

Já havia ido à igreja outras vezes, mas todos em velários, hoje pude dar uma olhada nova à minhas memórias.

Havia pouca gente e todos com 60 anos mais, professando sua fé. Observei de longe e com respeito. Fiquei com vergonha de conversar com as pessoas, mas observei muitos os detalhes internos da arquitetura da igreja.

Tudo bem simples, mas muito acolhedor.



Registro fotográfico da visita de campo



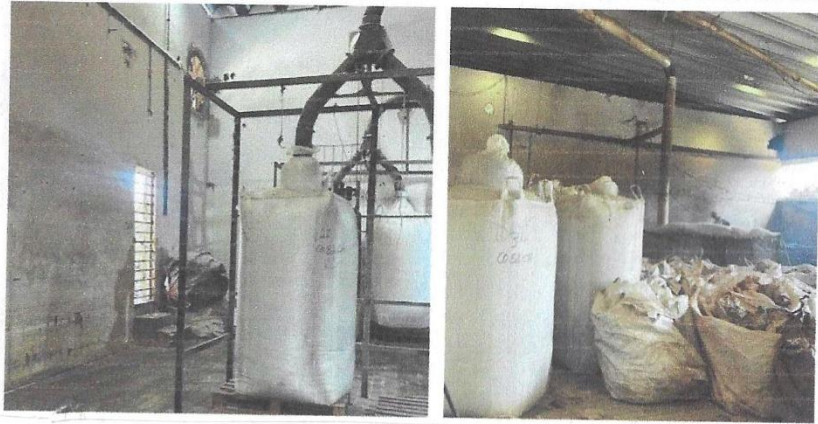
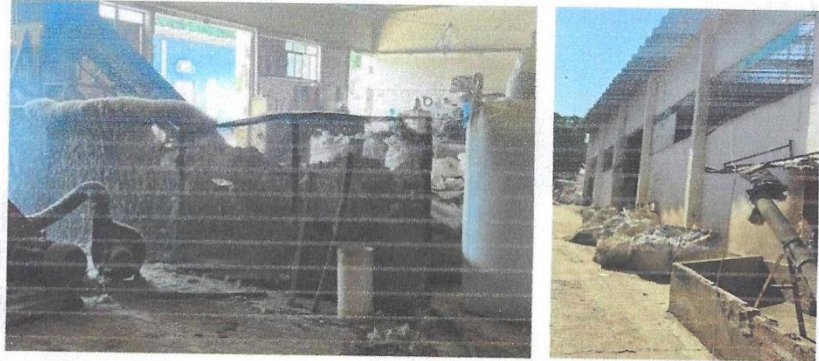
No dia 30/09 visitei brevemente o antigo loticínio, onde hoje são as instalações da empresa de reciclagem Samplast. Estruturalmente os golpões se montam com várias das características do golpão original, eles apenas adaptaram internamente para as máquinas de triturar os sacos de roças animal que eles usam como matéria prima.

O estado de conservação do golpão chama atenção negativamente. Sem contor e mau cheiro que causava, vez ou outra, náuseas fortes.

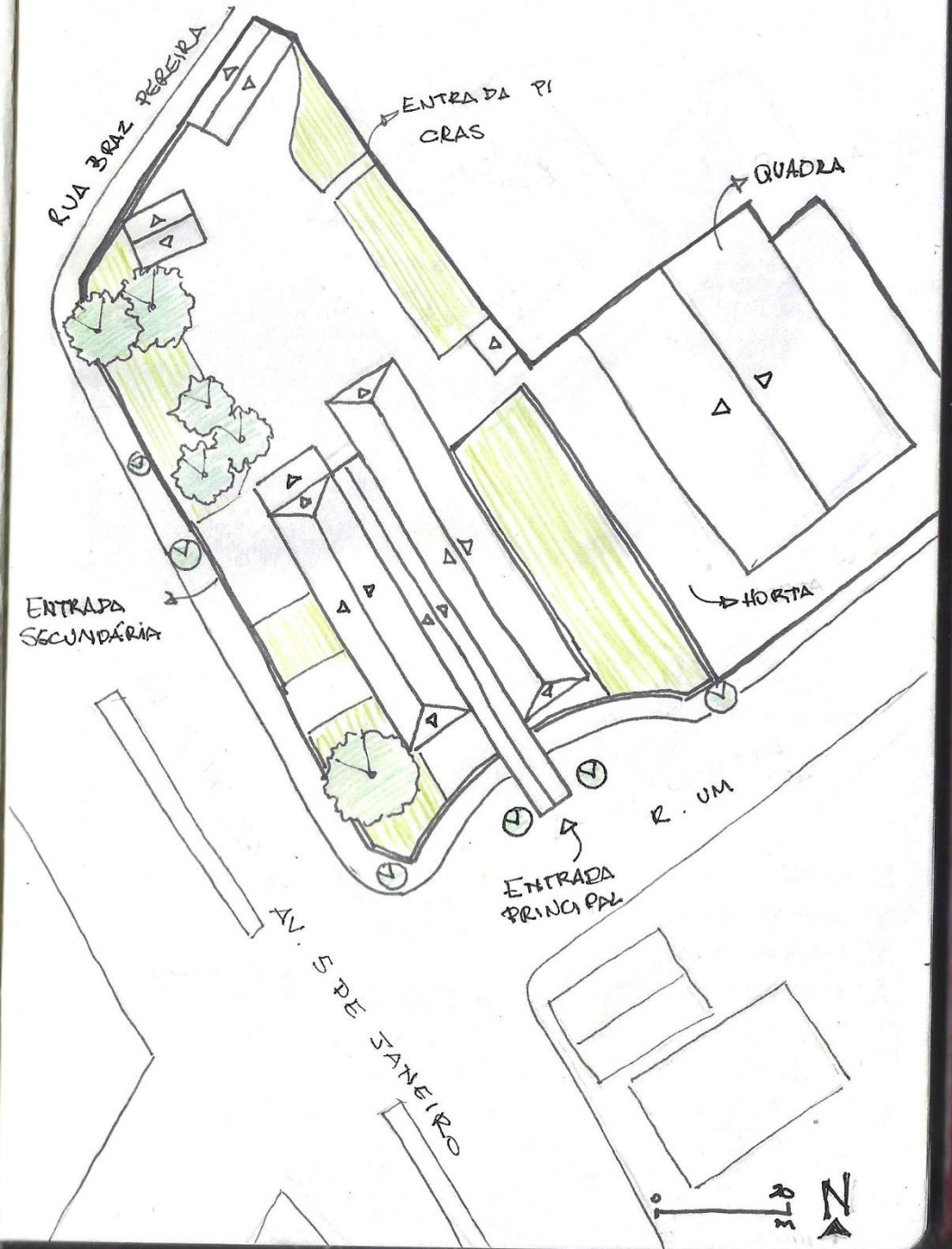
Com toda certeza o local onde foi instalada essa fábrica de reciclagem está longe de ser ideal, seja pelo mau cheiro que afeta toda a região, ou pela poluição visual.

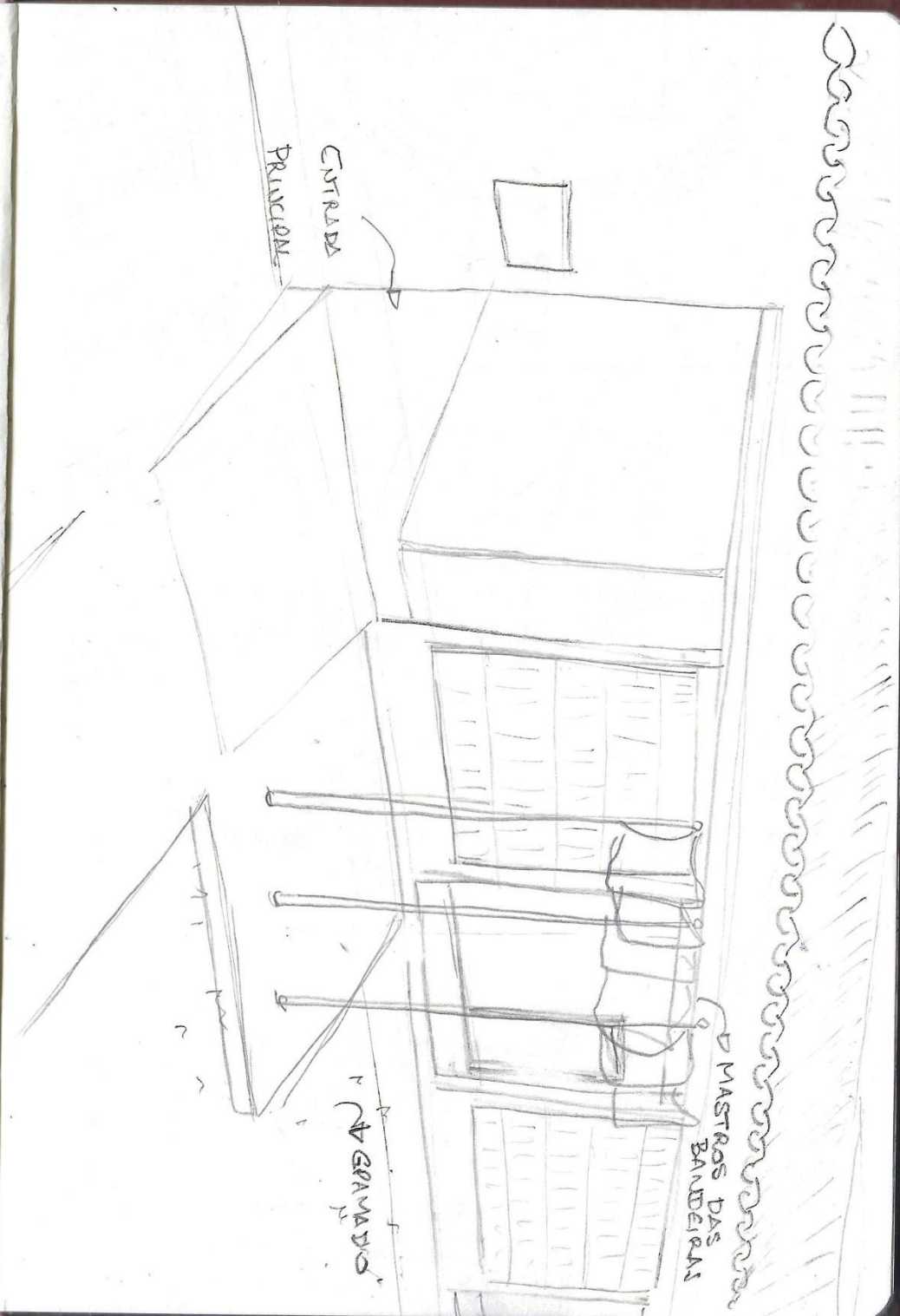
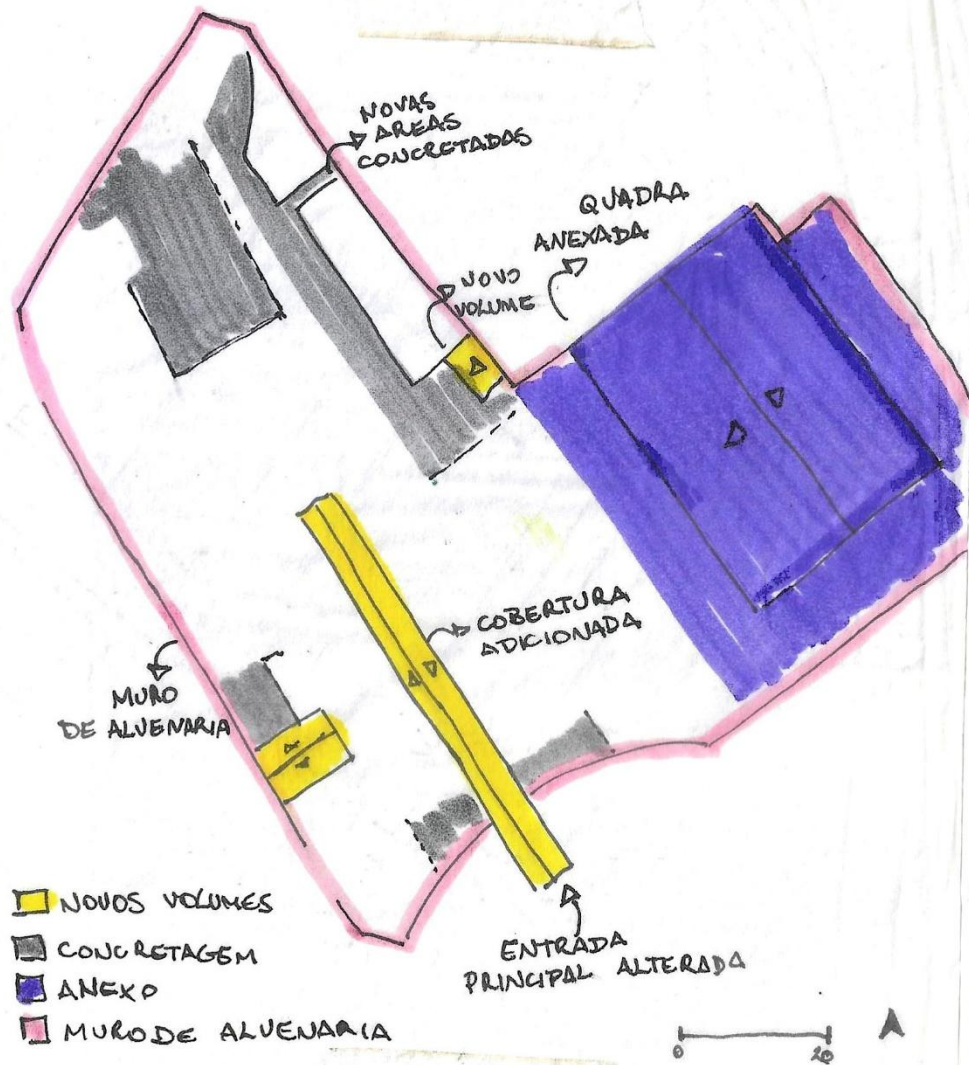
Há também a questão da queima do material triturado ser tóxico.

Registros fotográficos de visita de campo
 realizada no dia 30/09/2025 SAMPLAST

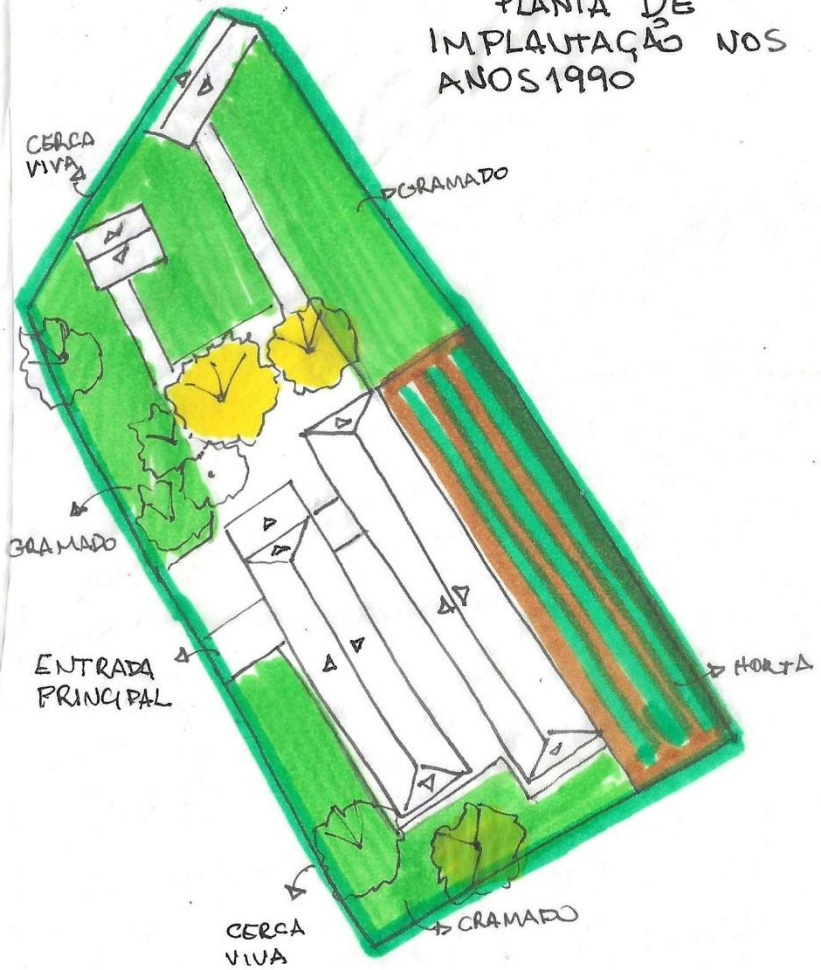


CROQUI IMPLANTAÇÃO CPM 5 DE JANEIRO





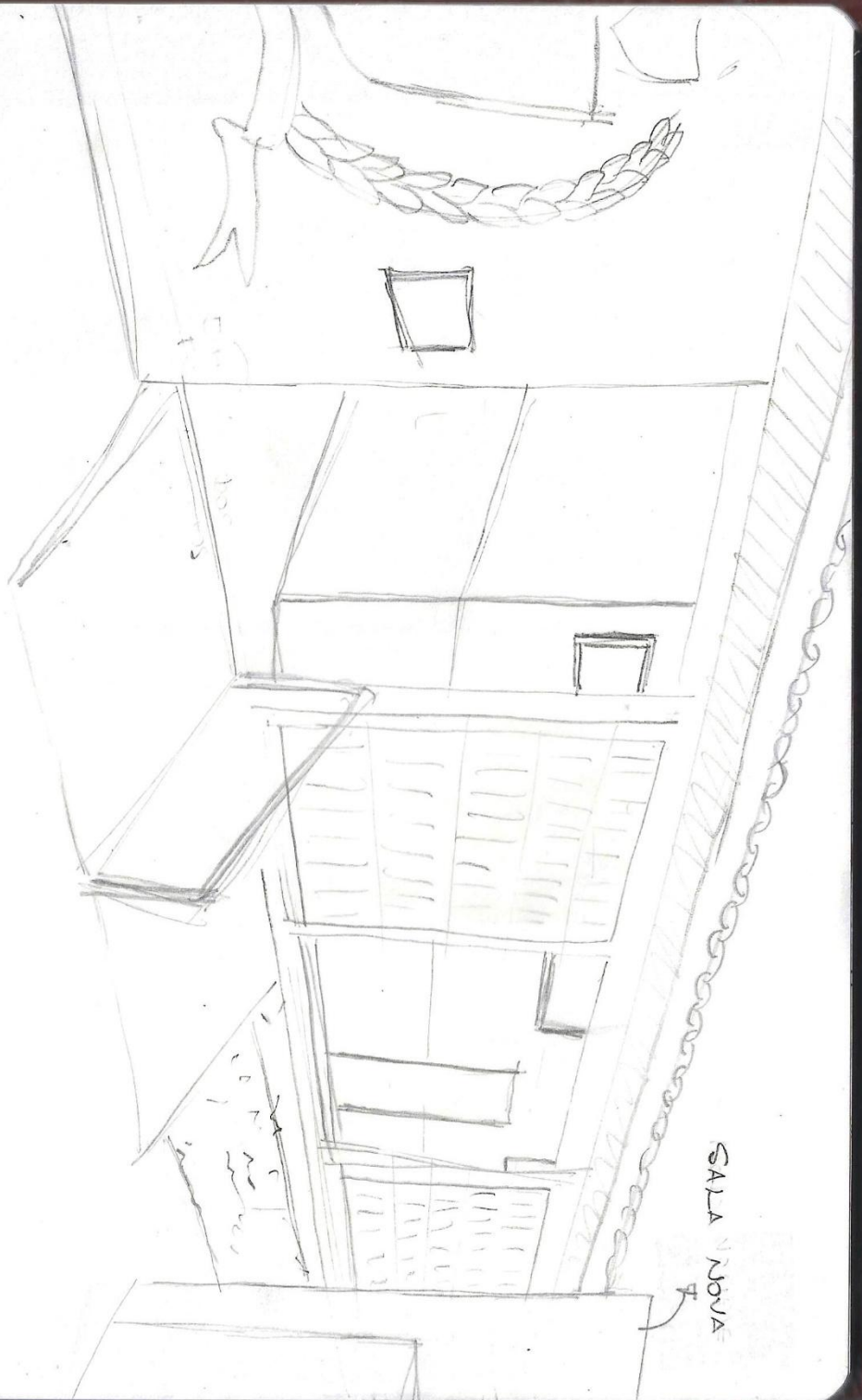
PLANTA DE
IMPLANTAÇÃO NOS
ANOS 1990



0 20



CONCRETO





Prezado(a) participante,

Pesquisador: Luan Douglas Ferreira

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): Arquitetura, Memória e Identidade Urbana em Cidades Pequenas:

Conflito entre Transformação e Preservação em Sanclerlândia-GO

Este questionário faz parte de uma pesquisa acadêmica vinculada ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido na Universidade Federal de Goiás (UFG). O objetivo é compreender como os moradores de Sanclerlândia percebem e se relacionam com os **lugares de memória** da cidade; espaços que carregam significados simbólicos, afetivos e culturais.

Sua participação é fundamental, pois as respostas ajudarão a preservar a memória coletiva, valorizar a história local e pensar em caminhos para conciliar **transformação urbana e preservação cultural**. As informações coletadas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, de forma ética e respeitosa, preservando o anonimato dos participantes.

Agradeço imensamente sua contribuição, que enriquece e dá sentido a este trabalho.

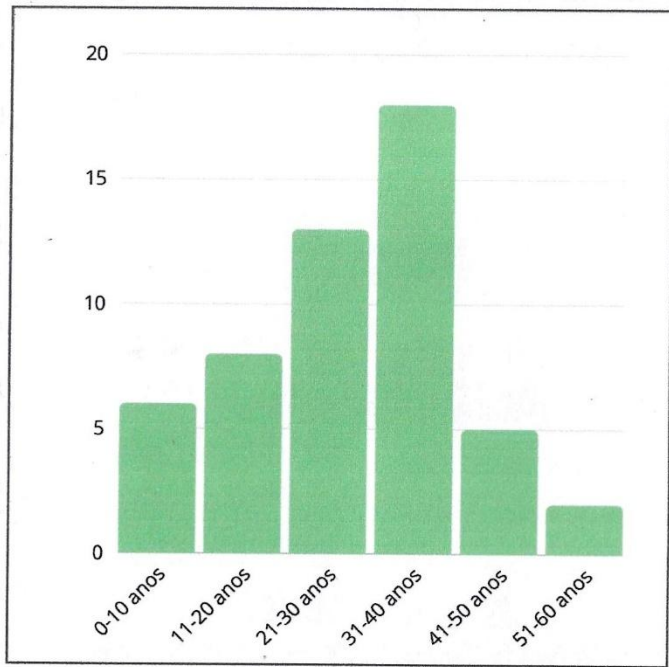
Universidade Federal de Goiás
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Disciplina: TCC II

Orientadora: Karine Camila de Oliveira
Discente: Luan Douglas Ferreira Elias



Há quanto tempo você mora em Sacerlândia?

Gráfico RESUMO: tempo de residência dos participantes em Sacerlândia



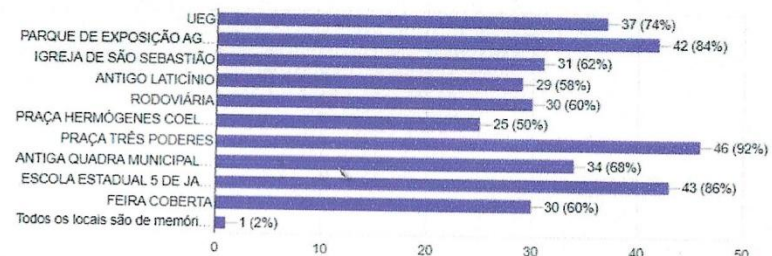
Fonte: Elias, 2025.

Esse recorte temporal evidencia tanto moradores que vivenciavam as antigas formas de sociabilidade, quanto aqueles que estão construindo novas relações com a cidade em um contexto mais recente.

Você reconhece algum desses lugares? Em sua opinião quais desses são locais de memória significativa?

- UEG
- PARQUE DE EXPOSIÇÕES
- IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO
- ANTIGO LATICÍNEO
- RODOVIÁRIA
- PRAÇA HERMÓGENES COELHO
- PRAÇA TRÊS PODERES
- ANTIGA QUADRA MUNICIPAL DE ESPORTES
- ESCOLA 5 DE JANEIRO (CCPMG)
- FEIRA COBERTA

50 respostas



Os moradores reconhecem fortemente esses espaços e os veem como refe-

rência de memória. Lugares de convivência e uso cotidiano como a praça Três Poderes, Escola 5 de Janeiro e Parque de Exposições, aparecem como mais marcantes, indicando que a memória urbana está ligada aos laços com os locais de encontro e vivências coletivas.

Existe algum outro lugar de memória que você acha importante para a memória? Qual?

- "ginásio de esportes"
- "campo de futebol"
- "construções históricas que existem no município, que encontram-se em ruínas..."
- "Antigo prédio da prefeitura."
- "Sim, as escolas Torquato, Deputado, Sarjob e Onézimo."
- "Igreja nossa senhora D'Abadia"
- "As escolas ruins".

Você mora perto de alguma dos locais citados acima? Qual deles?



FONTE: ELIAS, 2025.

Houve alguma mudança nesse local? Se sim, quais mudanças foram positivas ou negativas em sua visão?

"Sim, veio CPMG em 2018 e mudou tudo, tanto no prédio quanto no ensino, um gesto de estudar lá."

"Sim, a pecuária melhorou bastante de estrutura nos últimos anos, mas eu acho que em essência continua a mesma, no mesmo lugar, recebendo quase os mesmos ventos."

"Sim... acho que negativa. Os três poderes deveriam ficar juntos."

"Sim houve mudanças. Foram mudanças positivas, bem pitórias para a escola, e hoje é o colégio militar, uma ótima escola."

"Sim. Alguns lugares foram reproduzidos e se mantiveram as características do local, a exemplo da igreja de São Sebastião e Feira Coberta. Outros transformaram totalmente suas memórias, a exemplo da praça 3 poderes, escola 5 de janeiro e quadra municipal de esportes."

"Sim, depois que o 5 de Janeiro virou militar mudou muito, a começar pela entrada que mudou de lado, intencionalmente onde tinha bastante grama foi totalmente cimentado e a escola foi toda murada."

"Sim, no caso o loticínio que hoje se tornou uma reciclagem."

"Sim, hoje é uma reciclagem. É um ponto negativo é que tem um mau cheiro horrível."

"Todos os lugares mudaram, mas a mudança mais significativa e negativa foi da praça 3 poderes, ela perdeu muito a essência do que era."

"A praça 3 poderes é quase toda modificada, apenas o prédio da lancheonete foi preservado, porém não funciona do mesmo jeito. O andar de cima serviu de depósito de livros. A quadra de esportes passou a ser dentro da escola 5 de Janeiro."

"Sim, mudou bastante. A cidade hoje é outra coisa, mudou o jeito das coisas, muita coisa ficou diferente."

Em algum desses lugares de memória, há algo que se perdeu e que você gostaria que tivesse permanecido?

GRANDE PARTE DAS RESPOSTAS FOI:

"A fonte da praça."

OUTRAS RESPOSTAS:

"Sim, o Colégio Deputado José Alves de Assis deveria ter continuado pois era muito importante para a cidade."

"Eu gostaria que não tivesse acabado com o Jeep Cross, era a melhor festa da região e vinha gente de todo quanto é lugar. Até a gente vinha cobrir o evento. Acontecia na pecuária."

"Na Praça Três Poderes tinha um pnti, que quando estava funcionando, era um espetáculo. Na Escola 5 de Janeiro tinham inúmeros arcos no pórtico, que além de proporcionar boas de convivência, proporcionava agradáveis temperaturas térmicas para os alunos e funcionários."

"Na igreja de São Sebastião, em sua última reforma, colocaram um letreiro no frontão

caixa, na cor preto, que parecia descharacterizar a igreja como uma igreja que está ali a tempos. E também fizeram uma espécie de "puxadinho" no fundo, não seguindo o mesmo padrão de construção da igreja, detalhes, o padrão de acesso desse "puxadinho".

"O alto falante que ficava na parte de cima do antigo prédio da prefeitura. Foi através dele que durante anos a população era comunicada dos avisos (falecimento, desaparecimento, etc), marcou muito minha infância. Como eu gostaria de ver o alto falante funcionando".

"O funcionamento da VEG".

"A arborização de toda a cidade. Me lembro como se fosse hoje, todas as calçadas eram arborizadas as praças também, hoje em dia é raro ver uma árvore na calçada ou nas praças".

"Gostaria que a VEG ainda estivesse aberta, atualmente os jovens tem que procurar outras cidades para estudar em uma Universidade, era muito bom quando ela era aberta".

"Sim, na pecuária perdeu o Jap Cross, na praça 3 poderes perdeu o chorme, a VEG fechou, o boticínio virou fábrica de reciclagem. Todos os lugares deveriam ter permanecido como eram".

"Não é sobre arquitetura, mas é sobre a cultura da cidade. Eu gostaria muito que voltassem com o Jap Cross, era a parte mais importante do região e movimentava a economia da cidade inteira. Todo mundo queria uma roupa nova pra usar no Jap Cross, sem que éramos conhecidos como a cidade do Jap Cross".

"A praça 3 Poderes. Já foi um lugar de memórias e encontros nos finais de semana. Era bastante movimentada e agradável. Hoje quase não se reúne nessa Praça. Mudou-se o ambiente de lazer das pessoas".

O que você acha que não pode desaparecer de Jito nenhum?

"A pecuária"

"A praça 3 poderes"

"VEG"

"Igreja de São Sebastião, por ser um patrimônio cultural e religioso".

"Os lugares de alimentos são: Os pitobas".

"As coisas antigas que ainda restam; tipo do seu Antônio (Toninho)".

"As referências históricas do cidade, parece que a cidade não tem memória e não se importa com nada."

"As árvores".

"A memória; mudanças que fz com que esqueçam a origem do local."

"Os locais públicos de convivência, todos eles são importantes para a loze da população."

"A característica de cada lugar. Mesmo com a justificativa da necessidade de reforma."

"Todas as manifestações culturais, sejam as festas de pecuária, ou mesmo as quadrilhas das escolas que acontecem na praça. São momentos que unem toda a cidade em momentos de alegria."

"Lazer, praças e unidades escolares."

Se pudesse melhorar algo nesses lugares, o que seria e em qual deles?

"Colocar mais árvores para ter mais sombra, e melhorar a iluminação a noite."

"Ter uma boa reforma, ampliação dos espaços com mais loze e qualidade."

"No parque Apopecuário, eu melhoraria a infraestrutura pro quem vai nos eventos. Mais sombra, melhores bancos e uma iluminação mais reforçada já fariam muita diferença e deixariam tudo mais confortável sem perder a essência do lugar."

"Na praça 3 poderes e na escola 5 de Janeiro, poderia melhorar o paisagismo."

"Eu tentaria trazer novos cursos para a UEG e mudá-la. Me premei lá e sei da importância que tem o curso superior na vida das pessoas, em especial cidades do interior."

"Como melhorar em orio que seria o restaurante, de modo que preservasse como são."

"O antigo prédio da prefeitura, faria uma reforma e colocaria o autôfalante para funcionar."

"Investir em mais eventos culturais para valorizar os saberes da comunidade, utilizando os espaços mais conhecidos como a praça 3 poderes, a feira coberta e a pecuária."

"Colocaria mais pontos de coleta de lixo nas praças."

Sobre a praça Três Poderes. O que esse espaço representa na sua vida? É um espaço que você utiliza rotineiramente?

"Encontro com amigos, sim".

"A praça 3 poderes pra mim é um lugar que mais guarda lembranças boas do cidade. É aquele lugar que sempre foi referência de encontro, conversa, namoro, fim de tarde tranquilo. Hoje não frequento sempre, mais ainda vejo a praça como a "cara" da Sonclalândia".

"A praça sempre foi ponto de encontro importante. Quando era criança e jovem, não costumava frequentá-la, mas ouvia muitas comentários sobre como era bom estar ali. Falavam dos carnavais animados, com comidinhas de blocos que a tempos não existem mais; dos continhos altos onde as pessoas se sentavam para conversar e namorar; e do fonte - que desde que me lembro, já não funcionava, mas continuava sendo o símbolo da praça. Lembro-me também de um quiosque de cimento onde eram divulgados as festas e os eventos, do nome "Sonclalândia" formado por plantas, pingo-de-ouro, e do sorvete de água colorida vendido pelo Quito em um dos continhos da praça. Essas lembranças são de cerca de

vinte anos atrás. Com o passar do tempo percebi que a praça foi perdendo espaço para outros como o Eneias, o antigo Chico's Grill, a lanchonete Opção e outros. Porém, dando um salto no tempo, após a pandemia notei que as pessoas voltaram a se apropriar do espaço: hoje é comum ver famílias levando suas coisas térmicas, crianças andando de bicicleta e grupos se reunindo para conversar. Atualmente frequento a praça apenas de vez em quando, mas gosto de levar minha filha para brincar nos brinquedos infláveis e interagir com outras crianças".

"Nesse lugar vivi parte do minha adolescência e juventude. Além de ter levado meus filhos para brincar nesse local na infância deles. Mas atualmente não utilizo".

"Sim. Por Sonclalândia ser uma cidade com poucas opções de lazer, a praça é um importante ponto de encontro e de distração para nós".

"Muita nostalgia. Espaço de encontrar amigos".

"Já utilizei mais, ultimamente só tem boquinhas e muita gente bebendo".

"Histórias de juventude. Sim utilizo rotineiramente".

"Local de convivência e socialização. Eu utilizo rotineiramente".

"A praça representa juventude. Tenho muitas boas lembranças nesse local. Utilizo rotineiramente sim, para encontrar amigos e tomar umas cervejas".

"Quando era criança via os namorados sentados nos bancos da praça e não via a hora de ser a minha vez. Eu atualmente utilizo rotineiramente".

"A praça Três Poderes sempre teve significado especial para mim porque foi lá que vivi muitos fatos da minha vida. Lembro que quando era mais nova eu e meus amigos iamos sentar lá nos bancos só pra ver o movimento e comentar dos casais que ficavam lá no final da tarde. Hoje uso pouco".

"Nostalgia pura. Foi muito bom na minha infância, adolescência, juventude e (mas) agora na fase adulta também. Sim, continuo utilizando rotineiramente".

"Sim. Tenho memórias de infância e juventude que são inesquecíveis. Conta parte da minha

história. E hoje é um lugar que me faz bem, que gosto de estar".

"Vou com minha família quando saímos da igreja pro comer um x-salada".

"Traz memória afetiva de infância. Frequento rotineiramente".

"A praça 3 poderes representa um lugar de pertencimento e memória da minha vida. Mesmo não utilizando rotineiramente hoje, ela ainda simboliza encontros, momentos simples e afetivos da cidade pequena que marcam minha história".

Até então a pesquisa iria abranger com maior foco a praça 3 poderes e a feira coberta, mas devido ao grupo amostral demonstrar não possuir mais forte vínculo com a feira coberta, decidimos buscar outro objeto de estudo que fosse mais relevante à pesquisa. Então foi selecionado o CPM 6-5 de janeiro que apareceu como o segundo lugar mais afetivo na memória do grupo amostral.

Sobre a feira coberta. O que esse espaço representa ou representou em sua vida?

"Eu quase não tenho memória na feira coberta. Sempre ouvi falar muito, mas na minha vivência mesmo eu quase não cheguei a usar aquele espaço. Então ela não fez muito parte do meu cotidiano".

"Raízes sertanejas"

"Provavelmente não tenho muitas experiências na feira coberta. Costumava frequentar o local apenas em dias que não há feira, por que minha filha passava andar de bicicleta ou patinete. Também me recordo de tê-la utilizado em contexto de trabalho, quando eu atuava como examinador de provas para obtenção do CNH. Naquela época, os candidatos aguardavam ansiosos o momento de realizar os testes práticos de carro e de moto."

"Lugar onde os avós nos levavam".

"Infância".

"Também um local de nostalgia e de comprar verduras frescas e um bom pequi".

"Representa nostalgia, ia muito com minha avó comer pastel e tomar caldo de cana".

Gostaria de registrar alguma memória ou deixar algum recado ou lembrança marcante?

"Acho que pro mim o lugar que mais me marcou foi o CPMG 5 de Janeiro, porque foi onde eu passei boa parte do meu tempo. Minhas lembranças mais fortes do cidade estão muito ligadas à escola, aos intervalos, às apresentações, aos almoços e às pessoas que convivo lá".

"Me lembro dos brincadeiras na escola 5 de Janeiro. Dos interclasses. Era muito bom".

"Com certeza o jeep cross foi um evento marcante na cidade e por minha ausência, uma pena o evento ter acabado".

"Eu gostaria de registrar que Sanderlândia me marcou principalmente pelas competições esportivas e pelos eventos ligados à pecuária que eu vivi aqui. São lembranças de momentos que realmente fizeram parte da minha formação e que até hoje eu carrego comigo com muito carinho".

"Acho que poderia ter deixado o casarão da fazenda do tio Oscar. Poderia ser um museu hoje. Um lugar de exposição de artes, de eventos".

"Me lembro quando criança quando católica, era tão bom aos domingos ir à missa, as missas eram avivadas, no meio do sermão tinha a coisa dos fiéis, a gente se reunia lá para aprender a border, tomávamos chás, recordo dos lanches deliciosos, eram tardes adormecidas na presença de Deus. Cantávamos, liamos a bíblia, aprendi a border assim, era muito bom, momentos alegres e felizes em comunhão. Uma lembrança marcante, hoje estou em outra religião, me sinto muito feliz, me encontrei, mas me lembro com alegria dessa época".

"As festas no parque de exposição de Condição sempre pareciam maiores que a própria cidade. Dava pra ouvir o som lá da praça. Me lembro das luzes dos barracos de comida, o cheiro de churrascos, o povo conversando alto, todo mundo se estorrendo e rindo como se todo mundo se conhecessem, porque realmente se conhecia mesmo".

"Como já mencionado anteriormente, acredito que valeria a pena resgatar também as memórias do clube municipal, um local que marcou gerações e guarda lembranças de momentos de convivência e celebração na cidade. Outros lugares igualmente significativos são o prédio antigo da Igreja Matriz e a torre da igreja Assembleia de Deus, que todos os dias as seis da tarde tocava a música "conta, conta o passarinho...". Esse som fazia parte da rotina dos moradores e o alto falante dessa torre também era utilizado para anunciar o falecimento de pessoas da comunidade - um gesto que unia a cidade em torno do luto e da solidariedade. Merecem destaque também o prédio da antiga prefeitura e o prédio atual, ambos cenários de momentos marcantes da política local, representando diferentes fases da história administrativa do município. Outro espaço que carrega muitas lembranças é o "Coreão", campo de tênis botado localizado no setor planalto. Esse local sempre foi e continua sendo, um ponto de encontro das pessoas do bairro, servindo como espaço de convivência, lazer e

"fotoleiamento das relações comunitárias".

"As festas de natal na praça sempre foram mágicas demais. A praça toda iluminada, crianças encantadas com as luzes, gente tirando foto na árvore e conversando sem pressa. Era simples, mas o tipo de natal que deixava a gente com aquele sentimento bom de aconchego".

"Eu morava em em outra cidade próxima e eu via muito falar do Jup crass, sempre quis vir, mas quando me mudei para São-Clotônia já havia acabado".

"Lembro que eu tenho de minha infância é da festa de maio. Borequinhas, brinquedos e x-bolados que eram muito gostosos vendidos na praça".

"Me lembro de várias festas cívicas que aconteceram na Praça 3 Poderes".

"Todos os locais comuns da cidade são muito importantes para a memória do povo. Eu gostaria que o poder público se atentasse mais às raízes da nossa terra e não apagassem nossas memórias".

"Me lembro de brincar com meus amigos na grama da escola 5 de Janeiro, fomos muito felizes estudando naquela escola. Também me lembro de ajudar as merendeiras a raspar as panelas na hora do recesso, eu amava a rapinha que dava no fundo do panela e ajudava as tias da cantina na limpeza".

"Rodoviária foi um lugar onde meu pai ~~trabalhou~~ trabalhou por muitos anos e me marcou muito. A UEG tem muitas memórias afetivas, pois tive a oportunidade de trabalhar lá na secretaria e também acompanhei meu marido em sua trajetória acadêmica e vários amigos que tiveram a oportunidade de se formar lá. Igreja de São Sebastião foi onde batizei minha filha, foi muito especial pois foi um dia exclusivo só para o batizado dela, que foi realizado pelas mãos de um grande amigo. Pe. Marques na época era, na época, só seminarista. Escola 5 de Janeiro, só memórias legais. Estudei do 1º ao 8º ano lá, tive a maior

parte da minha vida escolar, formada pelos professores dessa querida e amada escola. Além de ter estudado lá, tinha também minha mãe que era funcionária da escola (merendeira) isso também é uma memória afetiva muito grande pro mim. Proço 3 poderes só alegria e felicidade, puro nostalgia. Porque de exposição agropecuária; Se não me falta a memória eu participei de todas as exposições acredito eu, cada ano uma memória construída".

"Muito interessante esse trabalho. É enriquecedor. Nos faz recordar de um tempo bom que guardamos na memória. Somos na verdade feitos de memória. Parabéns pelo trabalho e muito sucesso".

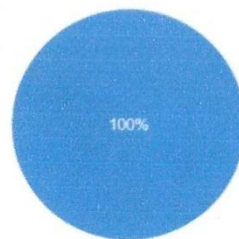
"Eu estudei no 5 de janeiro e era muito bom, me lembro de cada professor que ensinava os alunos com muito carinho. Só saí de lá quando fui fazer o ensino médio lá no Colégio Deputado, me lembro muito bem da transição entre ser criança e virar um adolescente. O prédio do colégio Deputado é muito importante e vivo na memória da

maioria dos sanclerlondenses, não deveria ser deixado para deteriorar no tempo como estão fazendo atualmente."

"Eu gostaria de relembrar dos fatos que aconteciam na Antiga quadra municipal de esportes. O pokalaucos e o Eu e ela e você de vela. Hoje em dia não tem mais esses bailes, quando eu era jovem eu amava essa época de festividades."

Autorizo o uso das respostas minhas respostas nos resultados publicados do trabalho de Conclusão de Curso, relatórios e artigos científicos produzidos pelo pesquisador Luan Douglas Ferreira Elias.

50 respostas



● Sim
● Não

